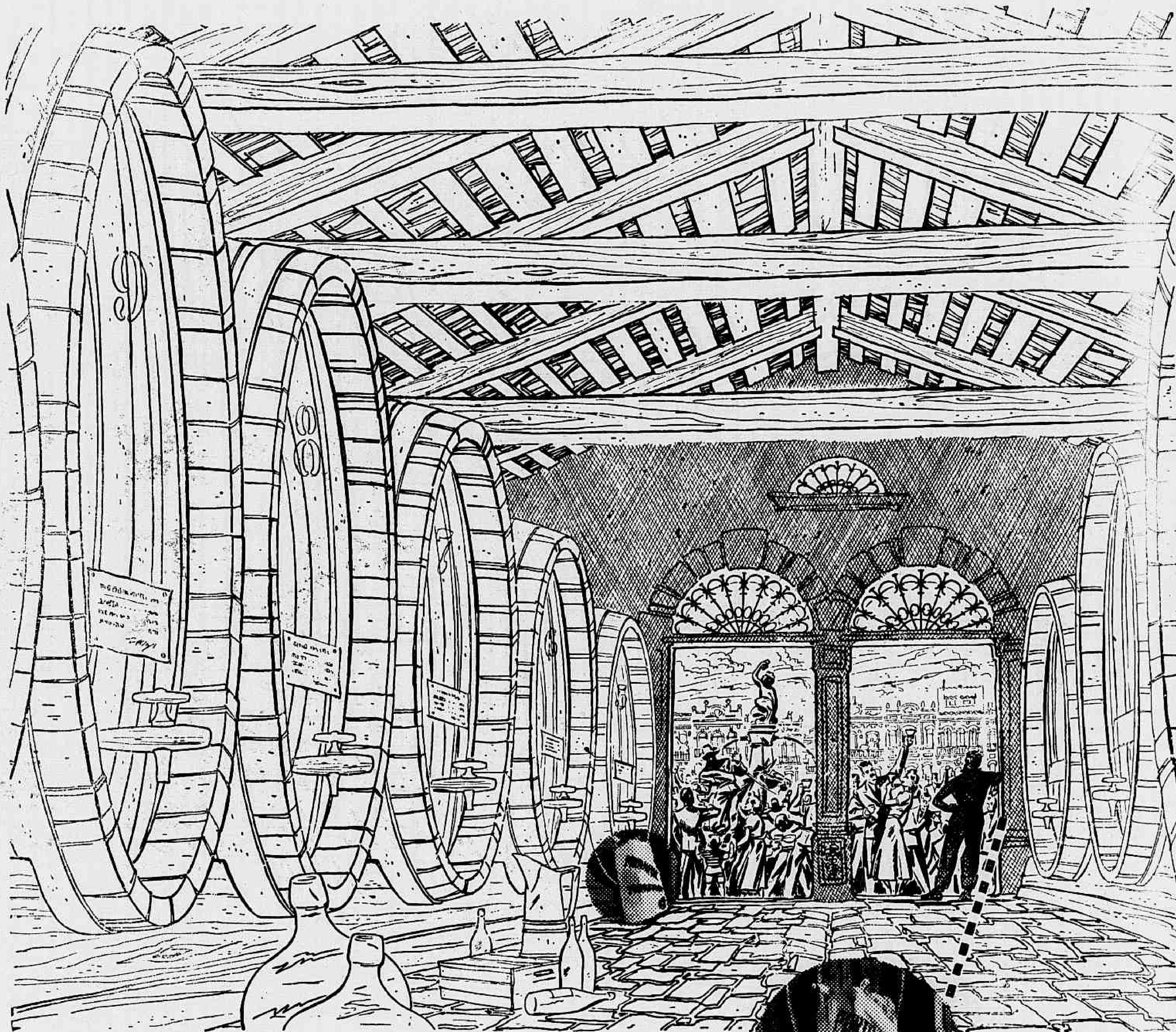
REVISTA DA SEMANA

N.º 32 — 6-8-49

Cr$ 3,00 em todo o Brasil


BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL



O Capitoso Sangue Que Vem da Terra





Recentemente, numa cidade brasileira, uma fonte jorrava, em plena praça pública, um líquido capitoso e rubro: era o sangue da terra, o sangue novo que uma lavoura e uma industria progressistas estão trazendo para a economia brasileira — os vinhos do Brasil. A crescente e futurosa industria vinícola brasileira serve-se em todas as suas fases de produtos ou sub-produtos do petroleo. Tambem no cultivo de outros produtos brasileiros — o algodão e a cana de açucar, por exemplo — ou na sua industrialização, os produtos petrolíferos participam ativamente, alimentando ou protegendo tratores, teares ou usinas. Essa participação total dos produtos petrolíferos na vida econômica brasileira exige da Organização Esso a manutenção de aparelhagem multiforme, que lhe permita servir o produto petrolífero exato, no momento e no local exatos que dele se necessite.

Esso a Serviço do Progresso



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

CRÔNICA

AS CARTAS ÍNTIMAS DE EÇA

NO dia 16 de agosto do último ano do século XIX, numa modesta casa da Avenue du Roule, em Paris, morria Eça de Queiroz — o maior romancista moderno de Portugal e o maior revolucionário da estética da língua portuguêsa.

Deixava quatro filhos, dos quais uma única menina — Maria d'Eça de Queiroz, então com 13 anos de idade. E' a recém-nascida de 1887 (vinda ao mundo na velha casa de Santo Ovídio, no Pôrto, onde já se criara a mãe, D. Emília de Castro, filha dos Condes de Resende) que, agora, quase meio século após a morte do escritor, redige êste livro singelo, singelamente intitulado "Eça de Queiroz entre os seus".

E' a história íntima de Eça, não feita para a posteridade e o público, senão escrita, dia a dia, pelo próprio artista, através de suas cartas para a espôsa ilustre. Essa dona Emília era vergôntea de ramo vetusto, garío da velha nobreza de Portugal, daquela mesma nobreza cuja decadência o escritor amargamente desenhara em "A ilustre Casa de Ramires" — talvez a mais prima de suas obras. Casando-se à beira dos 40 anos, o escritor, a essa altura, era, já, o romancista famoso de "O Primo Basílio" e "Os Maias". Discutiam-no os críticos, analisavam-no os mestres da literatura portuguêsa da segunda metade do século. Camilo saudara-lhe o engenho em "O Primo Basílio", embora fazendo-lhe restrições à claudicante vernaculidade da linguagem. Teófilo Braga endeusava-o. E Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e outros eram seus maiores e mais queridos amigos. Entretanto, rarissimamente (como o nota d. Maria d'Eça de Queiroz), nas cartas à noiva ou à espôsa, o escritor fala de si, ou das suas obras. Dir-se-ia um obscuro burguês a escrever à amada ausente — se não foram os traços humorísticos, de incomparável verve, que repontam, aqui e ali, nesta prosa quase conselheiresca e vulgar... As cartas de Eça estão cheias de frases em inglês e francês: quase nenhuma delas evita esta pecha, que é como o imposto da internacionalidade pago pelo escritor às suas longas ausências da pátria. Há trechos em que a parte vernácula se dilui, e abafa, sob o pêso das vozes estranhas, senão bárbaras: "...Estou-lhe escrevendo num quarto que não é particularmente bright and cheerful; mas o pensamento ilumina tudo. Espero que entenda a minha griffonnage and dont me long in writting my darling, let me call you so. With deep, deepest love, your own". Para fugir à sua mesma personalidade de artista, assina-as Eça, invariável e familiarmente, José. Encontradas ao acaso, e lidas por um espírito descurioso, não revelariam, por si mesmas, jamais, o pulso gigantesco de que provieram. Apenas, às vêzes, como já assinalamos, o escritor de tantas páginas deliciosas rompe por entre o acanhamento e a ternura do namorado — "O correio, como me dizia na sua carta, com efeito nunca chega! Estou receando que, em vez de seguir a direito, como o afiança o Estado e o "Guia dos Caminhos de Ferro", êle flana pelas estradas, pára à sombra das árvores para fumar o seu cachimbo de vadiagem, e durma à sesta sur l'herbre tendre — enquanto as pobres almas que êle devia comunicar e que pagaram honradamente a sua estampilha para se comunicarem, se desespérent et languissent. Escritas da Inglaterra, as cartas do noivo Eça de Queiroz traem, não obstante, o enleio de um neófito — êle, que ia fazer 40 anos alguns meses depois! Não sabe se deva tratar a moça por "você" ou "tu". Nesta indecisão, rebela-se contra o que lhe parece pobreza do idioma vernáculo e trata-a por "si", ferindo um dos preceitos vulgares da ciência gramatical: "Imaginava eu, com esta incurável candura que me faz parecer, às vêzes, um pastor da Arcádia, que si (il commence à m'ennuyer ce SI) me mandaria agora ou quase todos os dias un petit mot..." E é, ainda, de Londres (no fim de 1885) que êle reclama, com infinita graça, o que lhe parece ingratidão da futura espôsa: "Tenho lido em almanaques muitíssimos casos d'ingratidões célebres, mas nenhum (sem mesmo excetuar o da serpente que, acalentada ao seio etc.) iguala o seu. Tem lá maços de cartas minhas, in-folios, material com uma obra rivalizando com os "quinze" tomos da correspondência de Cícero — e eu não tenho uma resposta sua, nem um sêco "bonjour, monsieur". Não sendo experiente em "cousas de noivos", eu, para avaliar bem a extensão da sua culpa, perguntei a uma pessoa entendida o que se pensaria, em Inglaterra, d'uma noiva, nova, bonita, cheia d'inteligência (foi assim que eu me exprimi... mas sem o pensar!) que não escrevesse "todos os dias" aos seu noivo, um noivo que... (deixo-lhe a si o imaginar as radiantes qualidades com que me dotei, à larga). A pessoa entendida disse-me que a Inglaterra ainda não tinha formado opinião a êsse respeito porque isso nunca sucedera desde Guilherme o Conquistador".

Aí temos fugazes amostras do Eça-artista, do Eça de tantas maravilhosas obras de graça cintilante e humour incomparável! Mas, no geral, estas cartas íntimas não trazem nem originalidade, nem estilo. Dificilmente se acredita que elas sejam escritas pela mesma pena que traçou "A Cidade e as Serras" e "A correspondência de Fradique Mendes". E, todavia, servem por vêzes — como suas famosas "Cartas Inéditas", dadas a lume no Brasil — para esclarecer a origem de alguns dos romances do artista. Assim é que uma, datada do Pôrto, de maio de 1892, dá conta das impressões que teve Eça da quinta Santa Cruz do Douro (no concelho de Baião) que lhe coubera à espôsa, na partilha dos bens da condessa de Resende, sua mãe. Essa quinta, situada em região alpestre, de caminhos íngremes, é o modêlo que lhe serve para a famosa Tormes, de "A Cidade e as Serras".

As últimas cartas de Eça vêm datadas da Suíça (de Glion e de Lucerna), aonde fôra em busca de melhoras para a doença que deveria vitimá-lo nesse triste mês de agosto de 1900. Elas não pressagiam o fim próximo do escritor, mas confessam que êle se sentia enfraquecer dia a dia... Recolheu a Paris no dia 11, isto é, cinco dias antes de morrer. A espôsa, ao recebê-lo na casa da Avenue du Roule, banhava-se no pranto largo do pressentimento. Era uma sombra do homem elegante que, quinze anos antes, lhe fazia a côrte, epistolarmente, das frias brumas da Inglaterra para as formosas terras de Portugal... E assim se acabou um romance de amor, de que estas páginas apenas dão idéia pálida, pela singeleza, das cartas que mal denunciam a grande alma que nelas se derramava, com pudor de si mesma, temendo fazer literatura com o que era um sentimento grande, forte, sério e que só a Morte deveria pôr fim, com a brutalidade própria dessa fria rival do Amor e do Sonho...

BERILO NEVES (Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Sumário

SEÇÕES PERMANENTES
As cartas íntimas de Eça 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
Correio da REVISTA 52
REPORTAGENS
A maior demonstração naval da História 4/5
Sônia, a vaidosa (Hélio Fernandes) 15
O cidadão José Osório Borba (Luis Moreno) 32/37
Nichos, tocheiros e imagens (Carlos Galvão Krebs) 38/39
Dois milhões de cruzeiros para apresentar uma debutante 56/57
LITERATURA
Vida literária 6
Livros novos (João Luso) 10
ROMANCE
Viver com amor 12/13
HUMORISMO
Sete dias em revista (Théo) 7
Bom humor 14
O mundo manca e a mula murcha 54
NOVELA
Matrimônio convencional 18
SUPLEMENTO FEMININO
Nos bastidores femininos 19
Modelos de Hollywood 20
O amor é assim 21
Para os dias de chuva 21
Detalhes e novidades 22
Penteados para a noite 23
Mães e filhos 23
A saúde do bebê 24
Antes dos vinte anos 24
Inverno 25
Problemas da mulher 25
Week-end na cozinha 26
Vestidos pretos 40
Hora do chá 41
RÁDIO
Broadcast 27
CINEMA
Cine-Revista 28/29
CONTOS
A banda do maestro Nato 30/31
Sonata ao luar 42
ARTES PLÁSTICAS 39
MÚSICA 44
TURISMO
Bilhetes do meio do mundo 46
FOLHETIM
Scarlett 53
AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu 55

ILUSTRADORES
Armando Pacheco
A. Fontoura
Osvaldo Cunha

NOSSA CAPA

Ruth Roman, uma cativante e diferente personalidade de Hollywood, foi a escolhida para a nossa capa de hoje. Bastante bonita e talentosa, Miss Roman despertará por certo a atenção dos fãs quando a virem em "Ninguém crê em mim" (The Window), filme da R. K. O., no qual aparece ao lado de Barbara Hale, Bobby Driscoll e outros.



(Foto R. K. O.)

A MAIOR DEMONSTRAÇÃO NAVAL DA HISTÓRIA



O rei Haakon, da Noruega, inspeciona unidades navais e passa revista à tripulação do "Implacable". Sir Rhodurick McGrigor a bordo do mesmo vaso de guerra nas manobras de defesa da Europa ocidental



O Plano Marshall de ajuda econômico-financeira a dezenove países da Europa ocidental, com um ano de existência e plena aceitação por tôdas as nações por êle beneficiadas, exige também que se planeie um sistema de defesa daquela parte do Velho Mundo contra qualquer agressor que surja em qualquer emergência.

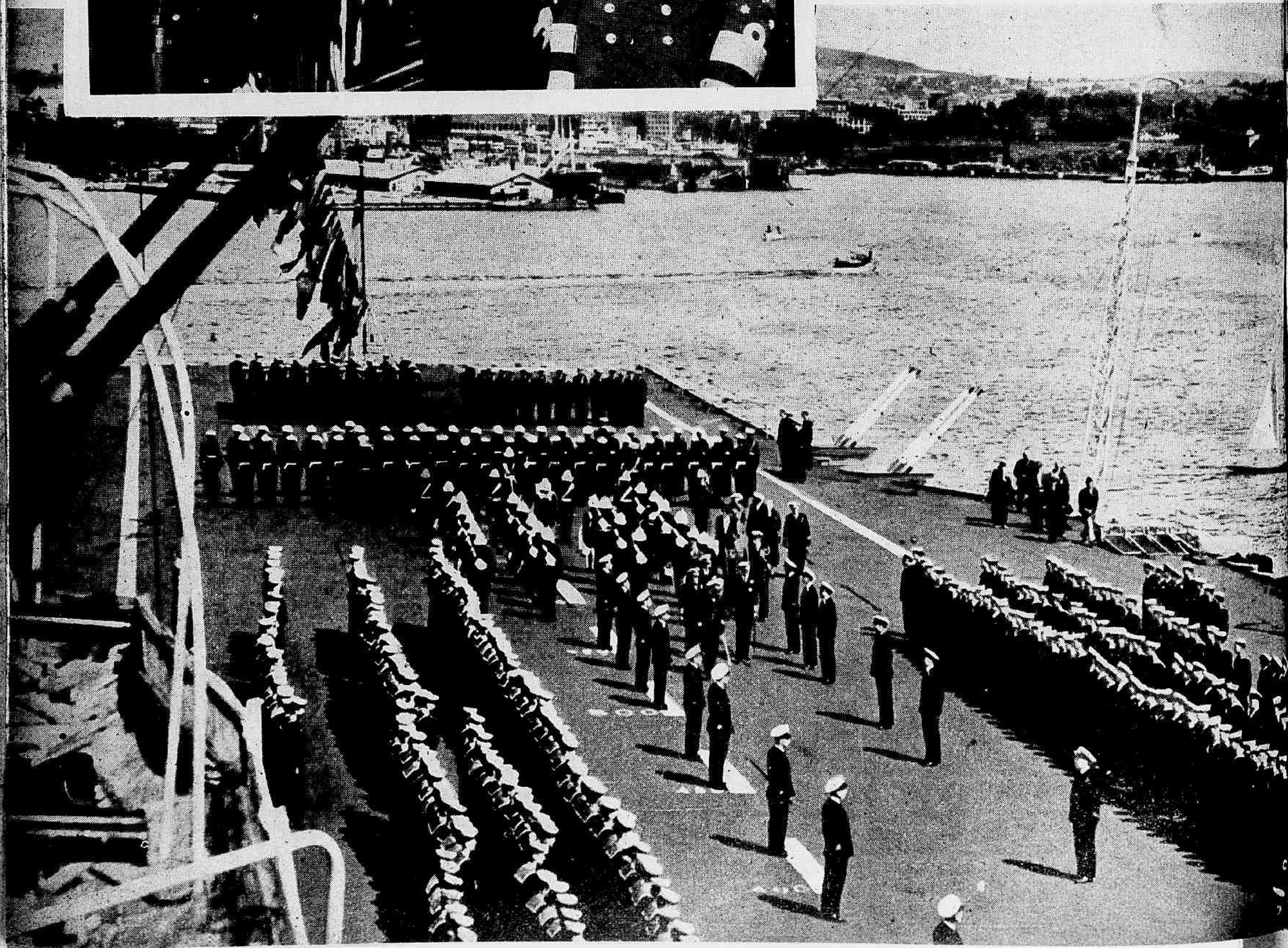
Por êsse motivo, não somente os Estados Unidos estão discutindo uma fórmula para fornecimento de armas para a defesa em terra, como foi objeto de discussão entre as diversas marinhas de guerra dos países europeus compreendidos na União da Europa ocidental liderados pela Inglaterra.

Firmou-se então o plano do grande exercício naval nos mares do norte da Europa entre o paralelo à altura do Mediterrâneo e os mares além da Inglaterra, abrangendo imensa área do Mar do Norte, povoando-se de belonaves tôda aquela extensa região sob contrôle europeu.

Quatro países enviaram suas naus de guerra, salientando-se as esquadras da Inglaterra e França pelo número de unidades, seu porte e armamento, seguindo-se as marinhas de guerra da Holanda e Bélgica.

O assunto despertou interêsse geral, pois era a primeira vez na história das nações do Velho Mundo que esquadras de quatro países se reuniam sob um único comando em tempo de paz e desenvolviam temas de defesa nos mares contra um inimigo hipotético.

No pôrto de Oslo, capital da Noruega, o rei Haakon é recebido a bordo do "H. M. S. Implacable", uma das unidades navais que formaram nas manobras para a defesa da Europa ocidental





Flagrante tirado de bordo do cruzador "H. M. S. Implacable", durante as manobras navais nos mares do norte nas quais tomaram parte esquadras de cinco nações da Europa ocidental

Trezentas unidades tomaram parte nessa gigantesca parada de proporções ainda não vistas, formando-se um campo de manobras de impressionante magnitude.

Desde os pequenos torpedeiros de proas atrevidas e velozes, até aos maiores porta-aviões existentes, êsse enxame de belonaves se movimentou em várias direções, despejando suas enormes cargas de projéteis pela garganta de canhões de todos os calibres.

O plano decorreu em perfeita articulação entre essas centenas de navios, dia e noite. Colocaram corpos luminosos na vastidão dos mares figurando submarinos.

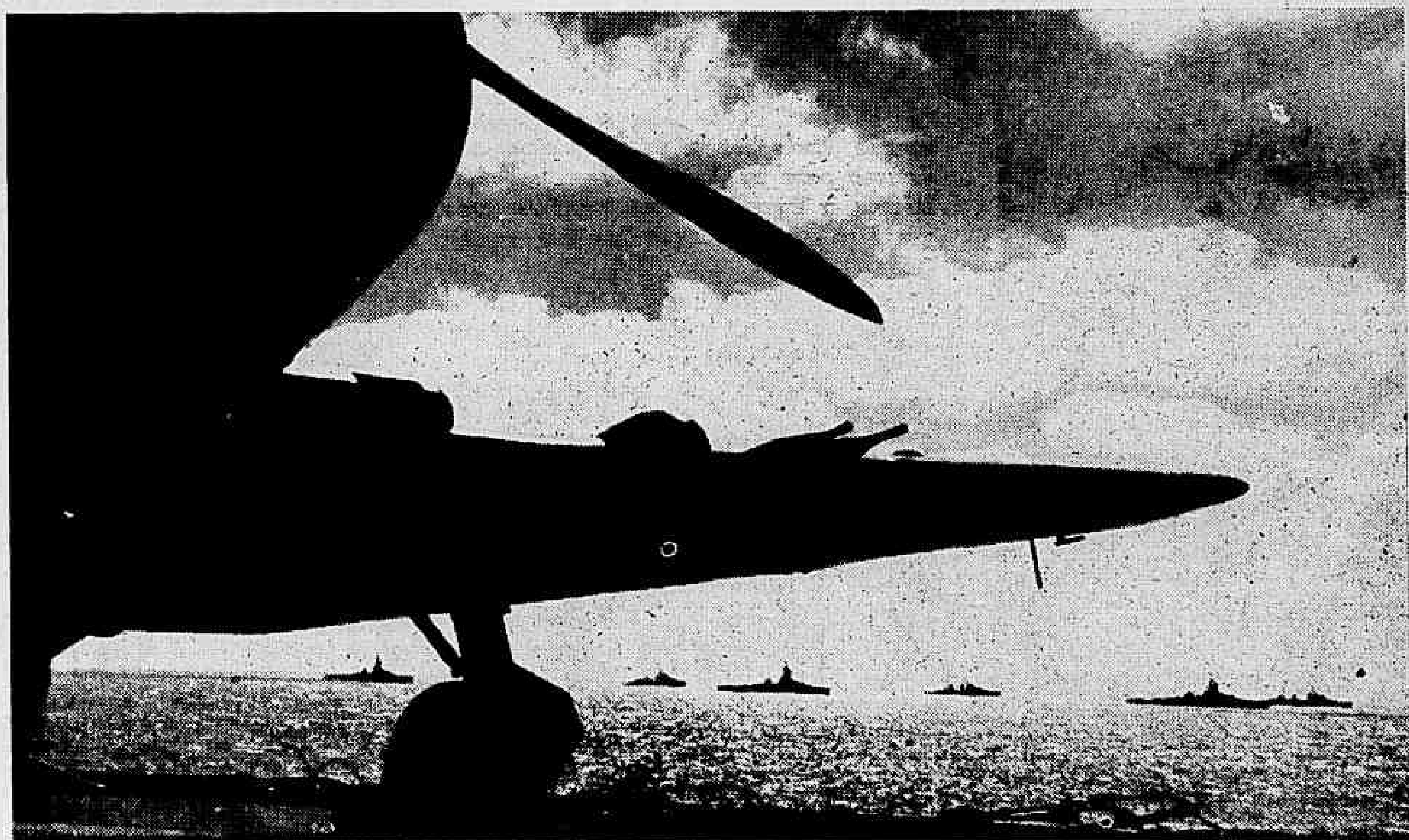
Couraçados e porta-aviões entravam em ação, aviões de caça levantavam vôo das pistas flutuantes e todos atacavam os inimigos simulados.

As manobras tomaram caráter de grande realismo, não faltando mesmo acidentes e perdas de material, como sucedeu com o pousar de aparelhos nos porta-aviões, parecendo que estavam em plena guerra.

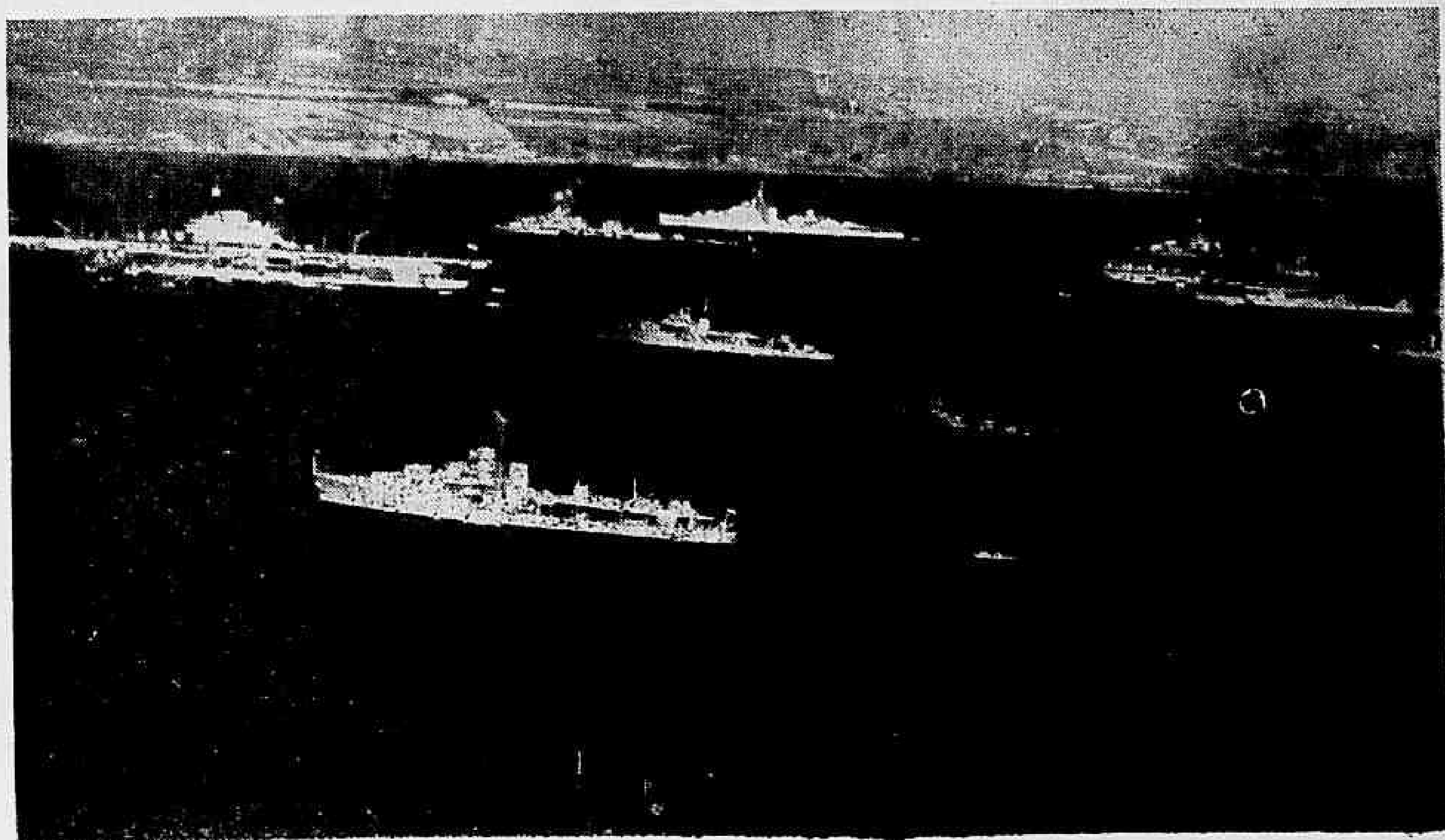
Nas águas da baía de Biscaia se travaram batalhas de larga envergadura, mantendo-se absoluto contrôle entre as unidades daquele setor e verificando-se a eficiência dos tiros no mar e no ar.

As manobras navais da União de Defesa da Europa Ocidental corresponderam plenamente à expectativa dos diversos almirantados dos países interessados e puseram em ação diversos melhoramentos do após-guerra, de forma que tais aperfeiçoamentos fiquem absolutamente em dia com a evolução do mundo diante de um conflito armado.

Desta forma vai sendo pôsto em execução o plano de defesa da Europa nos mares, nos ares e em terra, com a conjugação de esforços de tôdas as nações beneficiadas pelo Plano Marshall, dentro da maior harmonia de vistas e da técnica que a experiência tem ensinado.



De bordo do porta-aviões "H. M. S. Implacable" vê-se o desfile das belonaves de várias nações. Flagrante das manobras navais das esquadras inglêsa, francesa, holandesa e belga, onde figuraram trezentas unidades



VIDA LITERÁRIA

E. CATTETE REIS



Casimiro de Abreu, num desenho de Mário

EXPOSIÇÃO CASIMIRO DE ABREU

FOI inaugurada em Niterói a Exposição Casimiro de Abreu, organizada pela Academia Fluminense de Letras. Na interessante mostra foram apresentados autógrafos preciosos do admirável lírico de "Primaveras", muitos dos quais inéditos, inclusive cartas datadas de Friburgo, quando o jovem poeta já se encontrava irremediàvelmente doente; desenhos, um album de poemas do próprio punho, dedicados a Iaiá, a musa-menina, que encheu de sonho a imaginação do grande romântico, e outros documentos e objetos que recordam a figura de Casimiro de Abreu.



JACY RÊGO BARROS

O escritor Jacy Rêgo Barros vem de realizar mais uma de suas interessantes conferências. Na sede da Associação dos Sargentos e Sub-Oficiais da Armada, Jacy Rêgo Barros discorreu sôbre a vida, hoje desconhecida, de "Pedro Chaves — o marinheiro que desafiou a morte". Foi uma palestra interessante, em que a figura do herói patrício se tornou relembrada, perante seleto auditório. Em tôda a sua humildade de soldado raso e em tôda a grandiosidade de sua bravura sem limites, assim durante a guerra do Paraguai como em outros lances e oportunidades, de sua vida de bravo por destino e vocação, Pedro Chaves, através da palavra do conferencista, empolgou a assistência.

CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ

O Centro de Letras do Paraná, que vem sendo um propulsor de vários movimentos artísticos e culturais em Curitiba instituiu um concurso de Crônicas, que visa a premiar o melhor livro de crônicas de autor paranaense ou de quem resida há mais de dois anos no Estado. Êsse prêmio será patrocinado por Leite Júnior, cronista paranaense, que se notabilizou como prosador exímio e elegante nos torneios literários de sua terra natal.

A obra escolhida será editada pelo Centro, reservando-se, entretanto, ao seu autor, os direitos autorais. Todos os trabalhos apresentados deverão ser inéditos e, em caso de empate, será escolhida a obra que versar assuntos paranaenses.

MALLARMÉ E A PONTUAÇÃO

EM 1893, Mallarmé respeitava, ainda, relativamente a pontuação, que êle aboliu, de uma vez, em seus últimos anos de vida. O doutor Bonniot genro do grande poeta, anotou-lhe êstes dizeres:

"A propósito de pontuação, o Mestre acha os três pontos canalhas... Fazia o tipógrafo suprimir sempre um deles. Êle se serve do ponto de exclamação para animar uma frase em seu curso!"

A Dujardin, que se mostrara admirado com essa idéia do poeta, Mallarmé respondeu com êstes dois versos:

"Ce point, Dujardin, on le met
Afin d'imiter un plumet".

PAULO SÉRGIO

OS meios intelectuais de São Paulo receberam, com viva consternação, a morte prematura do jovem Paulo Sérgio, uma das personalidades mais interessantes da nova geração de poetas da fase post-modernista. Inteligente e culto, de aprimorada formação intelectual, revelara-se Paulo Sérgio uma vocação irresistível para as letras, talvez por obediência à fôrça da hereditariedade, pois era filho do brilhante crítico Sérgio Milliet.

Os trabalhos publicados em vida e outros, que, certamente, serão dados à luz futuramente, revelam qualidades imensas do jovem intelectual tendo o suplemento d' "O Estado de São Paulo" inserido em suas colunas numerosas colaborações atestadoras do talento dêsse menino-homem, que sabia temperar quanto escrevia com o travo indisfarçável de ceticismo a que adicionava profundo sentimento humano.

De Paulo Sérgio são êstes versos:

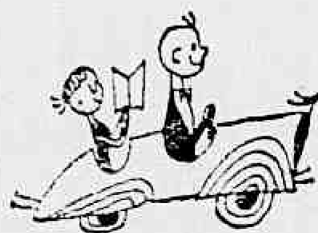
ACHADOS E PERDIDOS

Perdeu-se ontem na rua,
Não se sabe aonde,
Às quatro horas da tarde,
Um coração muito usado,
De valor estimativo.
E' vermelho e palpitante
E um pouco impulsivo também.
Quem olhá-lo bem de perto
Verá que diversas vêzes
Partiu-se e foi restaurado.
E' de sabor meio amargo,
Com poucos ressentimentos,
Contém algumas saudades,
Cinco ou seis bons sentimentos
Recordações, desenganos
E o nome de uma mulher.

Presta-se muito ao amor,
Que não se lhe recomenda,
Por ser mole e estar rachado.

Roga-se a quem encontrar
Tratá-lo com muito cuidado
E restituí-lo ao seu dono,
Que será recompensado.

São Paulo, 12-47.



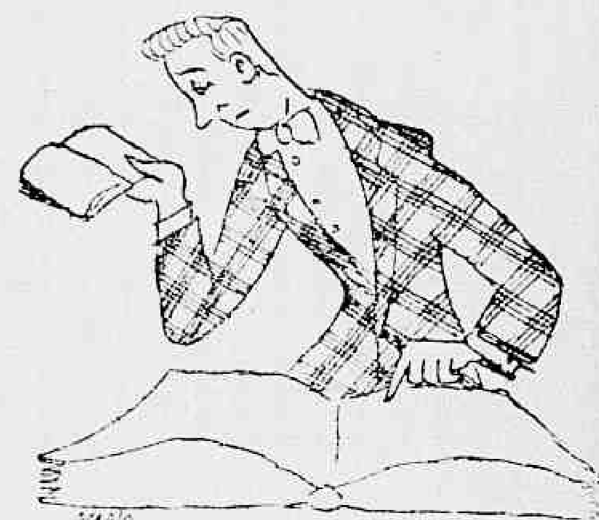
VITÓRIA CLÁSSICA

ROBERT HILLYER, poeta norte-americano merecedor do Prêmio Pulitzer de Poesia em 1934, ganhou o primeiro prêmio, no valor de 1.000 dólares, a ser concedido pela Lyric Associates Foundation, em honra Y poesia tradicional.

A recompensa foi dada a Hillyer "por sua inestimável fidelidade à forma tradicional de poesia".

A Lyric Associates foi fundada para incitar e incentivar a simplicidade, a clareza e a disciplina na forma de estilo da poesia clássica.

No próximo mês, Hillyer publicará seu último trabalho, um livro de poesias, intitulado "A morte do Capitão Nemo".



DE TÔDA PARTE

Com a supervisão de Roland Engerand, a emprêsa "Voyages Gallandat" organizou, como contribuição às comemorações do centenário de Balzac, o "Circuit Balzacien", que consiste numa visita a Tours, Azay-le-Rideau, Rigny-Urse, Saumur, Rochecotte, Langeais, Recorbou e Amboise.

★

Alcançou êxito o III Congresso Infanto-Juvenil de Escritores, que reuniu numerosos delegados de vários Estados, tendo sido debatidos importantes temas de grande interêsse para o desenvolvimento e difusão da literatura nos meios infantis e juvenis, assim como foram aprovadas indicações referentes a diretrizes sadias para as letras dedicadas aos pequenos e jovens leitores do Brasil.

★

Foi organizada no Museu Britânico uma exposição de mapas e gravuras que sintetizam quatro séculos de história colonial do Império Britânico. A mostra tem por objetivo ilustrar o progresso alcançado pelas regiões que são hoje colônias britânicas, após quatrocentos anos de desenvolvimento econômico e cultural.

IMAGENS E CARICATURAS

...uma solteira, ou mais que solteira. Contava trinta anos, e uns olhos prêtos, cansados de esperar. (Machado de Assis — Quincas Borba).

★

Dai a uma mulher um espêlho, alguns bombons, e estará satisfeita. (Byron).

AINDA O LATIM VULGAR

FALAMOS em nossa última crônica, de como o estudo comparativo das línguas românicas pode levar-nos a encontrar vocábulos que existiram no latim vulgar, mas não são referidos nas obras dos clássicos.

E' o caso, "verbi grat'a", da palavra "aguçar": em francês temos o "aigusser"; no italiano o "aguzzare" e, finalmente, no castelhano veremos o "agusare". E, no entanto, que verbo podemos precisar, no latim clássico, que possa ter dado origem a êsse têrmo, que, assim, tão obediente às leis semiológicas é encontrado nas principais línguas novilatinas? Ser'a, no caso, "acutiare". Mas essa palavra que existiu e foi, sem dúvida, a que deu origem àqueles vocábulos, não na empregaram os clássicos, devendo, pois, ter sido usada, apenas, no latim vulgar.

Como outra das fontes de latim popular podem ser lembrados livros, escritos por pessoas de pouca cultura, que empregaram em sua obra, ao invés da terminologia clássica, as mesmas expressões e construções sintáticas de sua conversação quotidiana.

Entre essas obras, destacam-se a "Peregrinatio Sanctae Aethereae ad loca sancta", que, conforme o próprio título define, é a história das peregrinações de Santa Etéria à Palestina, e o "Mulomedicina Chironis", um tratado de veterinária.

Também o "Coena Malchionis" e diversas outras obras de autores eruditos se prestam ao estudo do idioma vulgar, pois, embora escritas em bom latim, não raro, transcrevem diálogos e conversações, que deixam transparecer as anomalias e incúria do linguajar popular.

Ainda o chamado "fenômeno das ultracorreções" assinala, à evidência, a diferenciação entre o latim clássico e o vulgar. Nas inscrições e dísticos dos templos e monumentos, vamos encontrar a mão irreverente e pretenciosa do povo, adulterando o texto original e emendando-o de acôrdo com o falar da época, estabelecendo assim as bases para um minucioso estudo das duas línguas.



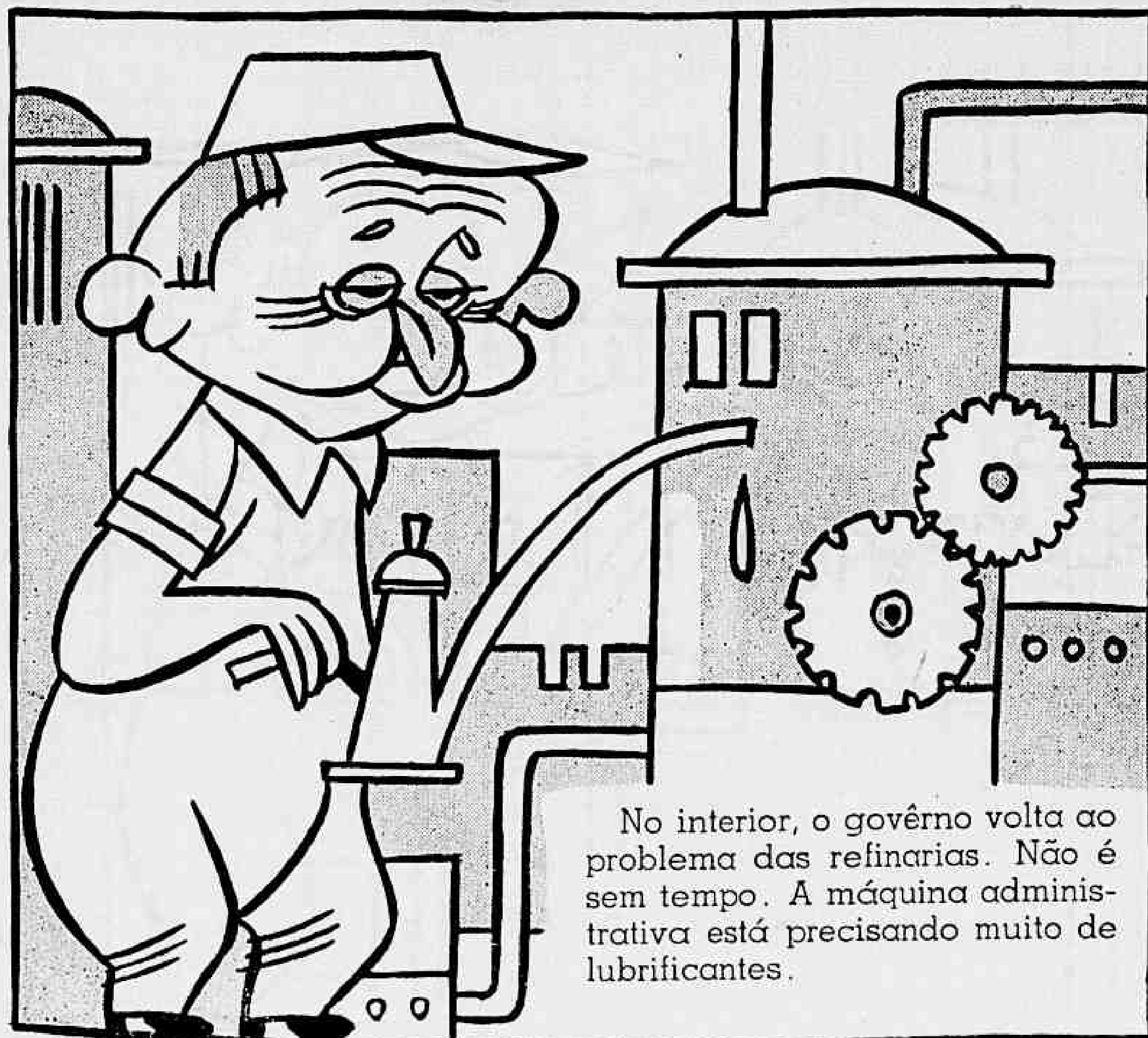
7 DIAS em REVISTA















Dizem os economistas e os estrategistas que uma nação só se pode julgar emancipada e com fôrça para garantir sua soberania, quando dispõe dêste triângulo em que se baseiam as potências: ferro, petróleo e carvão.

Nosso país possui as maiores reservas de minério de ferro do mundo, com um teor metálico ainda não encontrado em qualquer outra nação; possui também grandes depósitos de carvão de pedra, embora não seja ainda de primeira qualidade em virtude da vultosa percentagem de cinza; possuiria o petróleo?

Até poucos anos, ainda se discutia a existência ou não do chamado ouro negro no sub-solo brasileiro, apesar de todos os vestígios denunciarem a possível existência de grandes horizontes petrolíferos no país, especialmente no recôncavo baiano, nas vizinhanças de Maceió, à margem da Lagoa Manguaba e no chaco matogrossense.

Houve mesmo no Brasil mártires que deram a vida em pesquisas de petróleo, como sucedeu com o engenheiro Bach; outros que ficaram pobres, arruinados, dispendendo todos os recursos de que dispunham para fazer jorrar petróleo, como êsse espantoso baiano que se chama Oscar Cordeiro; outros, como Monteiro Lobato que, por escrever livros sôbre o petróleo e sua influência internacional, foi prêso duas vêzes.



O general João Carlos Barreto que, na qualidade de Presidente do C.N.P., assinou com uma firma especializada a construção da primeira grande refinaria de petróleo para o Brasil, de propriedade do Govêrno Federal

O govêrno federal, através do Conselho Nacional do Petróleo, dentro das possibilidades financeiras, continuou a fazer pesquisas, até que se confirmou a existência de petróleo na Bahia, já havendo algumas dezenas de poços em funcionamento. Surgiu, entretanto a questão: quem deve explorar e refinar o óleo bruto? Duas correntes se manifestaram: a estatal e a da livre concorrência, incluindo a presença de capitais estrangeiros Tôdas elas se fundamentam em bases ponderáveis; mas, ao que parece, está o govêrno mais inclinado a assumir a direção do assunto, convertendo-o em monopólio do Estado. Culminando com êsse propósito, acaba de ser assinado o contrato para a construção da primeira grande refinaria de petróleo brasileiro, com capacidade para 45 mil barris por dia; cabendo o fato histórico ao Presidente do Conselho Nacional do Petróleo, general João Carlos Barreto, cujo nome por isso se projeta na História do petróleo dêste país com grande relevância. O acontecimento se revestiu de solenidade e causou geral contentamento no espírito nacional, pois o brasileiro vê a perspectiva do seu país entrar na reta de sua emancipação: explorar e refinar o seu petróleo, sem o que não teremos indústria, não poderemos contar com cento por cento de defesa do país, nem deter a marcha de exportação de nossos recursos financeiros. Êsse dia pode ser marcado com uma pedra branca de real merecimento.

a Semana EM REVISTA

VENDEU O ESTADO DO PARANÁ

Esta, meu caro leitor, é única em tôda a história de nosso sistema de comércio de imóveis. Sabemos que muita gente enriqueceu ou foi parar na cadeia, com o negócio de compra e venda de apartamentos, de terrenos, de chácaras e sítios onde a natureza é privilegiada, onde os riachos são de mel de abelha, as árvores são saladas de frutas, os pássaros cantam em bando sinfônico, nos aniversários dos donos, etc., etc. Mas ainda não tínhamos visto um cidadão conseguir convencer outros da mesma raça, da mesma religião e da mesma língua que havia comprado um Estado e o estava vendendo em lotes! Pois fique sabendo que isto se passou com o sr. Aparício Nunes, o qual imaginou, planeou e levou a efeito êste atrevido empreendimento, obtendo uma planta do Estado do Paraná dividiu-a magistralmente em lotes e se pôs a vendê-los... Como sabemos, tem aquêle Estado duzentos mil quilômetros quadrados. Como também é natural, o imaginoso vendedor de terrenos não organizou os lotes que dessem apenas para uma pequena chácara de dois mil metros quadrados Para apressar a venda êle oferecia lotes vastos como um município e ricos em quedas dágua, possuindo estrada de ferro, câmaras municipais, igrejas, cinemas, etc. E muito baratinho. Surgiram compradores em penca, todos escolhendo os melhores lugares, uns na floresta, outros próximos ao Iguaçu, à beira mar lá pela estrada da Graciosa ou tôda a região do Pico do Marumbi para que o dono descortinasse a mais bela vista que há no Brasil. Mas o vendedor se esqueceu de que há uma tal de senhora polícia que desmancha tais divertimentos e o Aparecido apareceu prêso. Interrogado, disse êle que, se o seu comércio não fosse prejudicado, depois que vendesse o Paraná, ia vender São Paulo... Os mineiros estão vingados!

POTEÇÃO A MENORES DESVALIDOS

Agrava-se dia a dia, mês a mês, ano a ano, a situação dos menores desvalidos nas grandes e pequenas cidades do Brasil. O problema é bastante sério e exige dos poderes públicos a mais acurada atenção, de forma que se encontre um meio para deter a marcha dêsse desequilíbrio social gerador de terríveis complicações em futuro próximo. Os menores órfãos ou não, que vivem a perambular pelas ruas centrais e dos bairros e subúrbios do Rio, já formam um exército de desocupados, candidatos a delinquentes de tôda casta. O curador Eudoro Magalhães acaba de tomar uma iniciativa digna de elogios perante o Juiz de Menores desta capital, procurando atenuar o mal, já que, de pronto, não seria possível resolver de vez. Achamos, entretanto, que a intervenção particular no serviço de fiscalização, sindicância e proteção a êsses menores sem lar, sem família, sem escola, sem amparo material e moral, não poderá surtir os necessários efeitos. Brigadas de senhoras de nossa sociedade que, em cada bairro se dedicassem a amparar os menores, tomá-los sob sua guarda, educá-los, etc., trariam a inconveniência das obras de piedade e comiseração, agravando-se o ato com o irreprimível instinto da generosidade, do possível amor materno que tanto mal faz a crianças num período de existência em que certas tolerâncias conduzem aos maiores males na formação psiquica e moral dos indivíduos. Só o Estado, só o poder público deve tomar conta e educar os menores abandonados. Só o Govêrno poderá dar-lhes trabalho, profissão, educação e cultura em estabelecimentos apropriados, onde haja um pouco do lar, mas sem as inconveniências da educação mais pelo coração do que pela ciência.

MICRÓBIOS NOS "MENUS"

Segundo a filosofia positivista os micróbios não existem. Uns animaizinhos infra-microscópicos como êsses agentes de tantos males que afligem o corpo humano, os animais em geral e os indivíduos da botânica, não podiam mesmo existir. Se não fôssem as experiências de tantos sábios e estudiosos do infinitamente pequeno, ainda hoje estávamos também a pensar e a sustentar que essa história de micróbios não passava de intrujisse. O homem, entretanto, não pára na sua caminhada para novas experiências, novas descobertas, novas interpretações da vida. Daí ter surgido à semana que findou aquela declaração audaz e sensacionalista do dr. A. C. Thaysen, chefe do laboratório britânico de micro-biologia. Êsse sábio é dinamarquês de nascimento, tornando-se depois cidadão britânico, agora em visita à sua pátria de nascimento. Dando a um diário de sua terra memorável entrevista, asseverou êle que o mundo cresce muito em população, ao mesmo tempo que diminuem as áreas de produção de alimentos, e o próprio trabalho para essa produção, por sua vez, também vai diminuindo perigosamente, ameaçando a humanidade de ficar à mercê da fome. O problema foi estudado com acuidade pelo sábio Thaysen, chegando o mesmo à triste conclusão de que o mundo não poderia salvar-se mais, acelerando-se em variadas zonas da terra a cultura de coisas para a gente comer. Para justificar, garante que nas zonas tropicais a população aumenta em dez por cento anualmente, já havendo sub-nutrição generalizada. O único jeito é a utilização de micróbios... Usar os micróbios para a humanidade sobreviver é a maior de tôdas. E brevemente, haverá emprêsas especializadas somente em vender algumas toneladas de bichinhos...

DEGRADAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

No começo, quando os irmãos Lumiere descobriram o cinematógrafo, essa diversão fôra dedicada exclusivamente às novidades que se iam pasando pelo mundo. A chegada de um Piccard, a coroação de um Rei, caçadas de ursos na Sibéria, ascensão de balões, vôos experimentais de Santos Dumont... Depois, em 1904, imaginou o sr. Edison um filme de enrêdo. E lá veio o "Roubo do Trem". Estava aberto o caminho para o drama, a comédia, o romance policial, etc. Com isto, como não podia deixar de suceder, começaram os norte-americanos a explorar a sensualidade dos homens e lhes apresentou aquela troupe de banhistas com pedacinhos de pernas à vista e uns decotes algo ousados para os começos do século. Foi a conta. Todo mundo gostava de ver as jovens tomando banho em praias ensolaradas da Califórnia. Como o mundo ia marchando para a falta de pudor em matéria de nudismo, as artistas do drama e da comédia começaram a aparecer em trajes que, por vêzes, faziam corar nossas titias mais recatadas e obrigar os senhores pais de família a proibir terminantemente que suas filhinhas inocentes frequentassem os cinemas. E veio a figura da "vamp", de cuja galeria Greta Garbo é a Rainha. A mulher vampiresca, a que destruia lares e amarrava os marmanjões às cadeias de seus encantos físicos. Era o abrolhar do "sex-appeal", recurso pouco artístico mas muito admirado pelas populações masculinas de tôdas as idades. O império das pernas foi estabelecido e são suas soberanas, Marlene Dietrich, Betty Grable, Lana Turner Daí para cá, o nudismo no cinema já nem tem mais graça, embora, de quando em quando, haja uma artista de Hollywood que protesta contra os abusos e licenciosidades dos diretores. Uma destas protestadoras foi Shirley Temple, talvez ainda dominada pelo seu recatado espírito juvenil.

TABELAMENTO DE PREÇOS

Encerrou-se sábado último a Conferência das Classes Conservadoras, reunida na cidade de Araxá, Minas Gerais, sequência da anterior efetuada em Teresópolis. À grande assembléia compareceram nada menos de 1.500 delegados de todos os Estados do país, notando-se mesmo elementos do estrangeiro vindos em avião especial para observar debates e conclusões. O govêrno federal também se fêz representar na pessoa de ministros e legisladores, dando-se ao conclave uma magnitude impressionante. Muitas teses de alto valor foram discutidas, aprovadas e emendadas, abordando-se os mais instantes problemas nacionais no âmbito financeiro, no econômico e no social, de modo que o Brasil possa ter um roteiro seguro pelo qual consiga trilhar a estrada do seu futuro. Uma das decisões da Conferência foi a que sugere a extinção das chamadas Comissões de Tabelamento de Preços, entidades que há hoje em todos os Estados do país, criadas pelo poder público para deter a marcha da alta dos preços de utilidade; mas, infelizmente, o que se vê é a inocuidade dessa aparelhagem bastante cara, porquanto a vida continua em grande e vertiginosa ascensão, como provam as estatísticas oficiais. De 1941 até esta data, gêneros de primeiríssima necessidade como sejam açúcar, arroz, banha, café, carne, charque, feijão, leite, manteiga, ovos, pão, sal, toucinho, etc., subiram de 300 a 500%, apesar das Comissões. O melhor é incentivar a produção e deixar que a concorrência atue como reguladora dos preços, impedindo-se — isto sim! — os monopolizadores. Ainda é uma grande e sabia lei, a da oferta e da procura Para subir o custo de determinado gênero, basta que se tabele o preço. Sonegam a venda, passando todo mundo a comprar no câmbio negro.

SUPREMO TRIBUNAL DA PACIÊNCIA

Um dos poderes mais importantes de nossa organização estatal é o Judiciário. Uma nação em que a Justiça, em todos os seus graus sofre embaraços, delongas e inspira dúvidas, viverá sempre atormentada por certos sintomas de moléstias sociais decorrentes dessa insatisfação pública em face da ausência ou falhas da Justiça. O Brasil tem possuido e possui eminentes juristas, grandes sacerdotes de Temis, fulgurantes homens da Lei; mas sua organização judiciária se vê emaranhada em certas praxes que deviam ser simplificadas para o bem estar do povo, a finalidade da Lei e do Direito, a tranquilidade dos que precisam litigar na defesa de suas razões. O que se passou recentemente em nosso Supremo Tribunal Federal é uma pequena e ligeira amostra dêsse inconveniente estado de desarticulação em nossa engrenagem judiciária. Um cidadão lá de Igarapava, interior do Estado de São Paulo, brigou com outro por causa da compra e locação de um cavalo já velho, metido na história de mistura com sacos de arroz... Tôda a reivindicação do autor ia apenas a setecentos cruzeiros. A Justiça local decidiu a coisa dentro do Código de Processo e do Direito. Mas o réu não se deu por satisfeito, entregou o caso a um advogado e o processo envolvendo um velho cavalo pedrez e dois sacos de arroz da "futura safra", veio dar com os costados no Supremo Tribunal Federal! O litígio teve que ser analisado pelo Procurador Geral da República, dr. Luiz Galloti, o qual, perdendo seu precioso tempo com tamanha niquice, deu parecer confirmando a decisão da justiça local. Aí está por que se acumulam os processos no nosso mais alto Tribunal. É preciso deter nas suas fontes de origem causas ridículas como estas.

ANO XLVIII **REVISTA DA SEMANA** N.º 32 — 6-8-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr$ 140,00	Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr$ 170,00	Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr$ 270,00	Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado. Cr$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

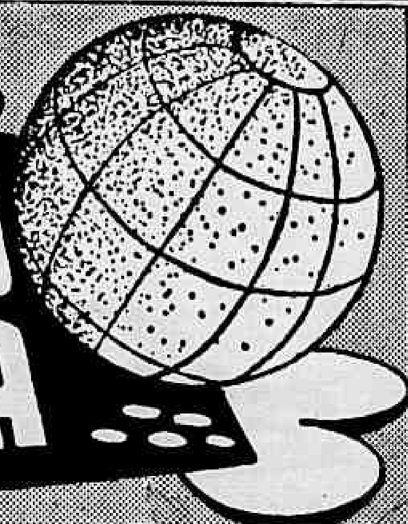
TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O MUNDO MARCHA



Trocam murros em luta corporal deputados comunistas e não comunistas dentro do recinto da Assembléia Nacional Francesa quando se debatia a discussão sôbre o Pacto do Atlântico Norte. ★ Em virtude de inundações e ciclones, estão sem lar dez milhões de pessoas na China. ★ Xangai foi açoitada por um dos maiores tufões dos últimos anos, morrendo mais de cem pessoas e havendo milhares desabrigadas. ★ Fracassa mais uma tentativa de rebelião no Equador. ★ Alguns senadores dos Estados Unidos preparam um projeto para atenuar o de Truman sôbre o rearmamento da Europa Ocidental. ★ Snyder secretário do Tesouro dos Estados Unidos, regressou a Washington, depois de sua visita a países da Europa, declarando-se òtimamente impressionado com o futuro econômico de seu país e do Velho Mundo. ★ Cantão está cada vez mais ameaçada pela aproximação dos exércitos comunistas. ★ Noticiam da França que a Rússia fêz experiências com sua bomba atômica numa região da Sibéria, a 10 de julho dêste ano. ★ Cairam em poder das tropas comunistas várias cidades, inclusive a de Xangai, importante baluarte nacionalista. ★ Completa 93 anos o humorista e escritor inglês Bernard Shaw. ★ Iniciam-se em Araxá os debates na Segunda Conferência Nacional das Classes Produtoras. ★ Entram em acôrdo em Berlim os quatro vice-governadores militares da Alemanha ocupada pelas potências vencedoras, a respeito de consultas mútuas acêrca de problemas do país. ★ Industriais chineses de Xangai desejam aplicar capitais no Brasil ★ Debate-se na Câmara Municipal do Rio a instituição da classe única nos trens de subúrbio da Central do Brasil. ★ E' lido no Palácio Tiradentes, telegrama alarmante sôbre possíveis e graves acontecimentos no Maranhão, motivados por questões políticas. ★ O Tribunal Superior Eleitoral indeferiu, por unanimidade, o pedido de cassação do PRP. ★ E' recebida no Catete a Missão Especial Italiana. ★ Aumenta na Rússia o anti-semitismo. ★ Formalse o novo gabinete egípcio. ★ E' ratificado pela França o Pacto do Atlântico. ★ São presos no Equador catorze militares e oito civis acusados de terem tomado parte na última intentona. ★ Portugal ratifica o Pacto do Atlântico. ★ Cantão experimenta os efeitos da aproximação dos exércitos comunistas e adota medidas de guerra. ★ Cenas de pugilato no Senado italiano entre senadores da direita e da esquerda, a propósito dos debates sôbre a greve dos trabalhadores agrícilos. ★ Acheson, secretário de Estado da Norte-América, faz um apêlo ao Congresso de seu país para que não perturbe o projeto de crédito para rearmar a Europa. ★ Declaram-se em greve doze mil costureiras de Paris, para obter aumento de salários. ★ Um almirante e dois generais dos Estados Unidos seguem para a Europa, a fim de organizar os planos para a criação de um Estado Maior combinado para os aliados do Atlântico Norte. ★ O govêrno comunista da Polônia atacou o decreto de excomunhão do Vaticano. ★ Crise no govêrno de Queuille, na França, sôbre assuntos operários. ★ Realiza-se no Rio o II Congresso Nacional de Estudantes Secundários. ★ Ladrões assaltam a casa de um capitalista no Rio e roubam jóias e dinheiro no valor de um milhão e quatrocentos mil cruzeiros. ★ E' mantido o veto presidencial que fixava normas para aposentadoria do Pessoal dos Serviços Nacionais da Peste, Malária e Febre Amarela. ★ E' instalado em Petrópolis, no Hotél Quitandinha o seminário Panamericano de Alfabetização de Adultos. ★ Censura o cardeal Spellman, dos Estados Unidos, a sra. Roosevelt sôbre questões religiosas: ★ As nações filiadas ao Pacto do Atlântico Norte, estudam a organização do Conselho, que será formado de delegados de doze dessas nações. ★ E' declarado o Estado de Emergência na Austrália, em face da greve de mineiros. ★ Pretendem os Estados Unidos vender armas aos países latino-americanos. ★ Começam a produzir gasolina sintética em grande escala as fábricas alemãs da zona de ocupação soviética ★ Confirma-se a tomada de Xuxou pelo exército comunista, isolando numerosas tropas de Chiang-Kai-Shek. ★ E' evitada a queda do gabinete francês com a retirada de pedido de renúncia dos elementos direitistas. ★ Vontinua nos Estados Unidos a discussão entre os poderes governamentais sôbre a aplicação e fabricação da bomba atômica. ★ Autoridades postais argentinas censuram despachos para o "Times" sôbre torturas de presos naquele país. ★ Continua agitada a situação política do Maranhão. ★ Projeta-se criar na imprensa inglêsa o serviço de fiscalização do govêrno. ★ Obtém o govêrno frances uma moção de confiança pela diferença de três votos. ★ Vai terminar a abastecimento aéreo de Berlim. ★ E' suspenso o funcionamento da Comissão de Energia Atômica da ONU. ★ Aprova o Senado num só. ★ Declara o escritor Tomaz Mann que é muito difícil a democratização norte-americano o projeto que funde os três ministérios de fôrças armadas da Alemanha. ★ Declara o general norte-americano Omar Bradley que estamos diante de longo período de tensão entre o Ocidente e o Oriente. ★ Acha um deputado comunista italiano que a Rússia entrará em ação contra os países europeus armados pelos Estados Unidos, logo que julgar oportuno ★ Candidata-se Perón ao novo período governamental da Argentina. ★ Encerra-se em Araxá a II Conferência Nacional das Classes Produtoras. ★ Protestam os Estados Unidos contra a censura postal e telegráfica da Argentina. ★ Vai aos Estados Unidos, com uma comitiva, o Presidente das Filipinas. ★ São assinados os contratos entre o Conselho Nacional do Petróleo e firmas estrangeiras para a construção e funcionamento das primeiras refinarias de petróleo do Brasil. ★ E' fechado o Legislativo do Maranhão. ★ Declara-se no govêrno paulista grave crise com a demissão de vários secretários. ★ Divulga a imprensa trechos de uma carta que o sr. João Neves da Fontoura dirigiu ao Presidente Dutra, procurando desfazer os maus efeitos do discurso que pronunciou em Pôrto Alegre. ★ Trava-se um conflito entre contrabandistas brasileiros e policiais argentinos na fronteira do Brasil com aquêle país, resultando dois gendarmes mortos e ferimentos graves em outros. ★ Tropas nacionalistas lançam uma contra-ofensiva na China central. ★ O Premier britânico, Attlee responde a Churchill e defende a política trabalhista da Inglaterra. ★ Chegam a Francfort chefes militares norte-americanos das três armas: terra, mar e ar. ★ Revela-se que a Rússia mantém na América do Norte vasta rêde de espiões. ★ Onda de calor assola os Estados Unidos, causando várias vítimas. ★ Os exércitos comunistas avançam em forma de leque, esmagando tôdas as resistências dos soldados de Chiang-Kai-Shek. ★ Diminui o comércio norte-americano. ★ Inaugura-se em Barbacena o curso de preparação de cadetes da Fôrça Aérea Brasileira. ★ Encerra-se a II Conferência das Classes Produtoras, realizada em Araxá, comparecendo o Presidente da República.



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dôres no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre.** Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre.**

De ação suave e gôsto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo dêsse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDOES LITERARIAS DOS SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que etiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LUSTRES DE CRISTAL!

FRANCESES, DA BOÊMIA E NACIONAIS

Porcelanas, cristais franceses, ingleses e da Boêmia, para adôrno e para mesa. Serviços de jantar, chá e café de finíssimas porcelanas das melhores procedências

**BAIXELAS, FAQUEIROS E PEÇAS AVULSAS
O MAIOR E MAIS FINO SORTIMENTO
DE OBJETOS DE ARTE PARA PRESENTES**

PRINCESA DOS CRISTAIS

ASSEMBLÉIA, 90 — A 10 metros da Avenida

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

MINHA VIDA BEM CONTADA

★

Romance de
ANTÔNIO POUSADA

★

São Paulo
1949

O protagonista dêste romance conta-nos, como se costuma dizer, a sua vida, desde criança. São, evidentemente, c o i s a s, n ã o imaginadas, m a s acontecidas. E de nenhum disfarce o autor aproveita para encobrir a sua individualidade. O que ali está é a verdade pura e simples. Não, em todo caso, nua e crua, porque o sr. Pousada manteve o devido recato em relação às coisas que lhe aconteceram. Onde julgou necessário ou conveniente, fêz o seu bocado de realismo. Conteve-se, todavia, para não obedecer inteiramente ao preceito de Boileau que, mesmo quando se tratasse de poesia, impunha a qualificação dos felinos, fossem domésticos ou bravios. J'appelle un chat un chat. O autor de "Minha vida bem contada" preferiu não ir tão longe como o artista-mestre da "Arte poética". E realmente de nenhum modo o excedeu.

O sr. Pousada escreveu simplesmente a sua autobiografia. Simplesmente, mas bem detalhadamente. A sua narrativa se distende, se multiplica em pormenores de tôda sorte. Entrega-se a minúcias e particularidades que bem mostram o prazer, ora enlevado ora entusiástico, com que foram lançadas ao papel. O herói, que principia, quase menino ainda, e comendo o pão que o diabo amassou — justamente como empregado de confeitaria e negócios congêneres — goza, além do mais, de excelente memória. Nada lhe escapa. Nada se lhe afigura pouco interessante para os leitores, muito menos para si próprio. E, através dos casos e episódios mais singelos, como, por exemplo, a relação das despesas de um passeio domingueiro — ao todo dez tostões — vai por aí fora, por aí fora. A história de Antônio Pousada, com as suas poucas aventuras, mas tôdas elas profusamente circunstanciadas, vai a trezentas páginas. A linguagem é sempre clara e, em geral, correta. Haverá, talvez, quem ache matéria de mais para a qualidade da obra, mas, repetimos, só pelo ditoso regalo do escritor ao dar-lhe tal riqueza de pormenores, valeu a pena.

★

ILUSÕES DESFEITAS

★

Páginas de reflexão ou de emoção, por
CARLOS WERLANG

★

Rio de Janeiro
1949

Êste livro é dedicado a Abdulah e a Cheilalah, criaturas de eleição duplamente preciosa, pela a m i z a d e e pelo amor. Compõe-se, como diria Baudelaire ou Raul Pompéia, de poemetos em prosa ou canções sem metro. Os temas variam como o pensamento ou o sentimento em que se inspiram. O seu valor, além do fundo de inspiração em todos presente, mais ou menos vibrante, dependerá também da duração que tiverem no ouvido e na sensibilidade de quem escute. Mais rápidos, porém, ou mais levemente passageiros, sempre neles se encontrará certa feição eloquente, com um fundo acentuado de emoção. E tôda a gente sentirá o parentesco íntimo entre esta obra e a do mesmo autor, recentemente publicada, que se intitula "Inquietude".

Páginas tomadas ao acaso: "Bens transitórios, Jardim do sonho e Três motivos".

"Pelo desalinho em que trazes a cabeleira, pressinto a existência de mãos rivais das minhas, que andaram a revolvê-la. Através da negra cortina que circunda teus olhos cansados, surpreendo suspiros de volúpia de um homem que comigo disputa o teu amor. Não importa. Ontem foste dele. Hoje és minha. Amanhã pertencerás exclusivamente à terra.

— Ontem, à hora em que o sol era mais escaldante, deitei-me à sombra de um jardim povoado por alegre enxame de cigarras. Havendo adormecido, sonhei que encontrara um ser que possuía estas três coisas excepcionais: beleza sem vaidade, riqueza sem cobiça e poder sem arrogância. Quando despertei, pareceu-me vislumbrar um tom de zombaria no côro estrídulo das cigarras que povoavam aquêle magnífico jardim.

— Um poente colorido, uma taça de bom vinho, uma mulher formosa — eis as três coisas mais gratas ao meu coração. Por causa disto há de Alá condenar-me às torturas do inferno? Mas não foi Alá quem criou estas três coisas magníficas?"

★

CRÔNICAS DE GUERRA

★

Por OLIVIO GONDIM DE UZEDA, com prefácio de PEDRO CALMON, da Academia Brasileira de Letras

★

Imprensa Oficial
Alagoas
1949

Não terminaram ainda os livros de guerra. Desta última guerra. Em verdade, ê l e s formam, além de memorável, vultosa bagagem. E outros certamente ainda virão, inspirados naquilo que se f i c o u chamando a S e g u n d a Conflagração Mundial.

Mais fortes que tôdas as teorias e todos os idealismos, as guerras continuam. Dir-se-ia que é sempre a mesma, apenas mudando de pretêxto para se declarar entre as nações. Quer estas a desejem quer a condenem, o fato é que, até agora, se não mostram tendentes a evitá-la. Tratados, conferências, grandes projetos, sublimes propósitos de paz se sucedem, à espera de que alguma intervenção superior, ou talvez um acaso venha pôr têrmo a esta ansiedade universal. As guerras continuam. Até quando as haverá? E' certo, é bem de esperar, pelo menos, que, um dia, se compreenda a pavorosa inutilidade dos espetáculos de sangue, ruína e miséria. A humanidade, simplesmente por si mesma, reconhecerá como, através das gerações, tem andado desencaminhada, alheia às leis supremas da bondade e do amor, fora da graça de Deus. Mas o dia do perfeito entendimento há de chegar. Virá pela inteligência e pelo coração, embora, às vêzes, pareça que o dia anunciado para ser de todos o mais belo e mais ditoso, êsse dia, em vez de se aproximar volta para trás, irremediavelmente se afastando de todos nós... Esperemos!

Mais um livro sôbre a guerra. Traz no seu batismo um nome glorioso da História do Brasil. O heroísmo o crismou nos campos de batalha, onde foi levado, não pelo propósito de conquista nem pelos impulsos do ódio, mas pelo sagrado empenho em defender uma herança de honra. Trouxe na sua bandeira o emblema dos puros heroísmos. Não desafiou nem provocou; aceitou valorosamente o repto que, sem desdouro, não poderia recusar. Quem diz "Batalhão Sampaio" dá o sinal que, em mais um momento e como sempre, se ergueu sôbre as armas brasileiras. Aqui vem a história do "Nosso batalhão", como diz o autor do presente livro. Conta como essas fileiras, fadadas para a vitória, se formaram num preparo relativamente rápido, para que a tudo se pudesse atender sem lacunas nem grandes imperfeições; fala das emoções da partida, entre adeuses saudosos e brados de esperança; as etapas até Nápoles, Livorno e Piza; o lance augusto do batismo do fogo, defronte de Monte Castelo... Pouco acima de meia encosta, o batalhão sofre as primeiras baixas consideráveis. Impossível resistir, impossível permanecer naquele ponto que os morteiros castigam, arrasadoramente. "E o batalhão, sem perda de direção, sem extravio, numa demonstração de moral elevadíssimo, retrai-se, mas retrai-se para, três meses depois, voltar ao mesmo ataque, voltar e vingar os seus mortos. Voltar e vencer".

Os capítulos do livro são, em regra curtos, sucintos, traçados com a singeleza de quem, tendo coisas deveras importantes de que tratar, não pode gastar tempo nem esfôrço em coisas que realmente não valham a pena. Sucedem-se os casos que merecem particular atenção ou grandemente interessam: os rasgos de valor; os episódios que mais impressionam e hão de deixar mais profunda emoção; os momentos que, por entre os aspectos grandiosos ou trágicos das operações, também assumem expressões venturosas, de festa ou de triunfo; as surprêsas e reviravoltas que a sorte de cada dia pode determinar; e as figuras que surgem, já entre os oficiais superiores, já entre simples, modestos camaradas; e ainda o contingente, que não deve nem pode ser desprezado, das anedotas... Assim o livro se desenvolve e varia, à mercê de uma fidelidade que bem pouca coisa deixará de assinalar ou registrar. E, com as suas duzentas e trinta páginas, é, no gênero, uma obra agradável e interessantemente organizada.

★

É PRIMAVERA... ESCUTA

★

Versos de MARIA TERESA DE ANDRADE CUNHA

★

Rio de Janeiro
1941

E' primavera. Talvez ainda um pouco antes disso. Os versos de Maria Teresa trazem uma graça, uma frescura, um a r o m a de madrugada. Anda neles um hálito, não direi indeciso, mas leve, brando, de amanhecer. Menina e moça a trouxeram de casa de seus pais... os deuses da poesia. Maria Teresa principia a pensar e já, também, a sentir. Nem tudo se reduz a ilusões ligeiras, por entre estas rimas delicadas. Por elas, de onde em onde, passa alguma coisa que sofre ou deveras faz sofrer. Assim nos lindos decassílabos, em diversos metros, longos ou curtos, se ouvem as canções mais felizes e, em outros momentos, ressoam vozes de melancolia e chega a sentir-se a música, silenciosa quase, mas sem por isso deixar de ser dolorosa, dos soluços. Enfim, tudo será ilusão, tudo sonho. E até mesmo que algumas destas rimas se aproximem da amargura extrema e do real desespêro, a própria beleza lhes valerá, e à poetisa, para, a ambas, as salvar.

Entre as composições do livro se destaca a intitulada "Onde estás?".

Não te vejo nas flores, nem nos ninhos,
Nem nas relvas que nascem nos caminhos,
Nem na calma cinzenta do poente.
Que, no inverno, agoniza lentamente!
Não te escuto nos córregos dos campos,
Nem te vejo na luz dos pirilampos.
Não te encontro na lua prateada,
Nem te espero nas côres da alvorada...
Não te sinto nos beijos de outras bôcas,
Nas borboletas líricas e loucas,
No tilintar quimérico de guisos,
Nem nas frases de amor, nem nos sorrisos!

Mas vives, sombra eterna dos meus sonhos,
Nos meus olhos cansados e tristonhos!
Nos sangrentos crepúsculos de outono,
Na solidão, no ermo, no abandono;
Na escuridão das noites sem luar,
No desespêro e no fragor do mar!
Nos momentos de angústia e sofrimento,
Nas tempestades, no rugir do vento.
No desconsôlo de um adeus supremo...
No desalento de um soluço extremo!
Numa saudade ingente e dolorida;
Na renúncia do amor...
Na minha vida!...



Da esquerda para a direita: G. Mida-Briot, vice-cônsul da França, dr. Maurice Demolein, presidente da Sociedade de Beneficência "14 de Julho"; sr. Roberto Valeur, cônsul da França; sr. Cecil M. P. Cross, cônsul dos Estados Unidos. Destacam-se ainda o cônsul da Inglaterra, o cônsul da Bélgica e o dr. Alcides da Costa Guimarães, gerente do Banco do Brasil

14 DE JULHO

JÁ constitui uma festa tradicional no calendário social dos paulistanos as comemorações do 14 de Julho, realizadas sob o patrocínio da colônia francêsa radicada na capital do grande Estado bandeirante. Êste ano, com o costumeiro brilho com que assinala a passagem de sua data nacional, o Consulado de França promoveu, nos salões do Automóvel Clube, uma recepção, à qual compareceram altas autoridades federais e estaduais, membros dos corpos consulares e figuras proeminentes do comércio e indústria de São Paulo.

À noite, nos amplos salões do Esplanada Hotel, teve lugar o majestoso e concorrido baile, oferecido à sociedade paulista, do qual estampamos os flagrantes que ilustram esta página.



Os cônsules da França e Estados Unidos, srs. Roberto Valeur e Cecil M. P. Cross, em animada palestra





À esquerda: Dr. Maurice Demolein, banqueiro, presidente da Caisse Générale de Prêts Fonciers et Industriels de Paris, e da Sociedade de Beneficência "14 de Julho", rodeado de pessoas de sua família e amigos. À direita: Sr. Carlos Berringer, gerente do The National City Bank of New York, e família

Viver com AMOR

Capítulo V

FREDA

Clive fixou em Carol o seu olhar penetrante, como se desejasse intimá-la a decidir-se por uma resolução e falou:

— O que eu posso dizer-lhe, Carol, é que você é uma criatura excitante, o que talvez nenhum homem ainda lhe tenha dito. Você pode parecer fria para muitos; mas, quando, há poucos minutos eu pus a mão nas suas, estavam elas frias. Imediatamente o calor lhes chegou. À noite passada eu lhe disse, Carol, que você tem vivido com amor, e que você não poderá viver sem êle.

— Acha então que eu posso amar a dois ao mesmo tempo?

Clive sorriu, continuando:

— Acho é que terei de ir vê-la em Clinto se você não vier ver-me em Nova York. Por ora não devo nem posso detê-la. Mas, logo que fôr a Clinton, não quero ver meus amigos, nem jantar em seu apartamento, casa, ou o que for, nem ver os monumentos de sua bela cidade. Quando eu chegar lá em Clinton, o que quero é você. Para ver parentes e amigos bastam os que tenho aqui, e que não os vejo já lá vão três anos... E agora, aqui está o nosso jantar.

Durante o resto do tempo que passaram ali no restaurante, portou-se Clive como excelente companheiro, sempre divertido e espirituoso; apesar de entretidos naquela cordial conversa, não passou despercebida a entrada no restaurante, de uma linda mulher que chegara sozinha ao estabelecimento. Clive teve oportunidade de lançar-lhe um olhar, o que também não foi estranho a Carol.

— Homem perigoso êsse — pensou a divorciada com seus botões — capaz de dominar os nossos corações sem a menor piedade. E qual a mulher que seria bastante indiferente e desinteressada em face de um homem assim? Depois perguntou com aparente ingenuidade.

— Para onde vai quando deixar-me?

Essa curiosidade muito divertiu o espírito ladino de Clive.

— Vou a um apartamento desta cidade em que mora meu velho pai, agora aposentado, vivendo entre seus livros, seus gatos e ao lado de sua irmã, minha tia. Eu não sou o que você poderia chamar um filho devotado.

Em seguida, como se desejasse terminar o encontro para aquêle dia, sugeriu:

— E se você quiser... pode aproveitar êsse trem.

Carol suspirou profundamente como se estivesse martirizada por algum pensamento íntimo e respondeu:

— Oh! Quero, sim.

Seguiram ambos para a estação, já não havendo mais muito tempo a perder. Quando arrumou tôda a sua bagagem, Clive descobriu-se, tirando o chapéu com certa cortesia e lhe estendeu a mão.

— E' possível que eu lhe explique porque adivinho o seu estado de alma agora, Carol. E' que sempre fui um extremoso filho para minha mãe, e o que está sucedendo a você agora, sucedeu com ela alguns anos antes de falecer. Já era eu àquele tempo bastante idoso para compreender tudo e ver que uma mulher sempre age assim contra outra...

— Adeus, Clive! E muito agradecida por tudo!

— Vou sentir falta de você, Carol!

Carol olhou-o com certa estranheza. Não era possível que o engenheiro estivesse a falar com sinceridade. Êle, porém, percebeu sua dúvida e confirmou:

— Duvida? Pois pode crer. Eu vou sentir falta de você! — e sorriu.

Quando o carregador que tomara a si o trabalho de colocar as coisas nos seus lugares terminou, Carol lhe pagou e o homem de boné vermelho sorriu de agradecimento. Carol também sorriu, mas só por um instante. Logo que o trem se pôs em movimento, ela sentiu uma espécie de saudade daqueles dias de liberdade que tanto bem lhe fizeram. Contudo, procurou alegrar-se. Estava de volta à sua terra. Ia de regresso para seu lar.

Para seu lar? Nada disso. Ia para um apartamento que ela nem conhecia ainda, pois jamais o vira antes, alugado por Freda a seu pedido. Freda lhe havia dito:

— Você sabe que nada mais me agrada neste mundo do que procurar moradas. Esta que arranjei é boa. Retirei de sua casa para êste apartamento tudo o que pude e aqui coube, como verá quando regressar. O que sobrou eu deixei devidamente armazenado.

Freda também lhe escreveu comunicando que a linda casa de pedra que Carol e Bill haviam projetado, foi vendida quando ela estava em Reno. Mas Freda não disse se Bill e Evelyn haviam tornado a fixar residência na cidade ou para onde foram Bill e Evelyn... Agora uma outra mulher era quem devia saber tudo o que ela também já soubera antes.

Freda a esperava na estação de Clinton. Era uma jovem delgada e de pequena estatura, metida num casacão meio sujo, tendo à cabeça um chapéuzinho negro pequeno. Tornava-se atraente pela figurinha alegre e gentil em meio às pessoas que afluíam à estação modesta daquela pequena cidade de Clinton. Seus cabelos negros estavam penteados de ambos os lados, e suas faces se destacavam entre os brincos que lhe pendiam das orelhas, tudo emoldurado pelo seus belos olhos negros e provocadores. Espôsa do pachorrento Ian, mãe de um garoto de sete anos, dona de bela casa de campo, Freda era uma criatura feliz, vivia muito contente e era até invejada.

Não fôra sempre assim. Filha de pais obscuros e imprevidentes, descuidado casal, fôra ela para Nova York aprender decorações de interiores. Três longos e estafantes anos de curso passou ela na grande cidade, quando, ao regressar à terra para umas férias, encontrou Ian, que, àquele tempo era o mais querido e desejado solteiro da cidade.

Depois de um lapso de dois anos, durante o qual foi cortejada e desejada por Ian, casaram-se e vieram morar na cidade de Clinton, embora soubesse que tôdas aquelas garotas que também o desejaram e disputaram, passariam a ser suas adversárias, por todo o resto de sua vida. Mas Freda se impusera à admiração e ao amor de seu espôso, de forma que tudo o que conspirassem as derrotadas contra sua vida e a vida de seu lar, estaria absolutamente perdido. Ela era adorada por êle e querida por todos que nenhum interêsse tinham na destruição de sua casa.

Freda tinha grande amizade a Carol, estimando-a como se fôsse uma irmã. Sempre estivera ao seu lado desde que Carol se casara com Bill, tendo sido mesmo quem os apresentara no Country Club local. Em tôdas as iniciais dificuldades de Carol após o seu casamento, estava presente ajudando a amiga, numa dedicação admirável de pessoa dotada de grande coração.

Desde que Ian e Bill se tornaram amigos, o divórcio muito mexeu com Freda e o espôso. Apesar de Ian não se mostrar alterado, nem impressionado com o caso entre Carol e Bill, dizendo sempre a Freda que deixasse o barco correr, ela não se conformava com o episódio e parecia sentir tanto como se fôsse ela própria quem estivesse a sofrer tôdas as conseqüências de uma insuportável separação.

Naquele instante, lá na plataforma da estaçãozinha da estrada de ferro de Clinton, ela não se cansava de lançar seu olhar para a estrada, na ansiedade de avistar o trem que lhe trazia de volta sua amiga. Freda olhava e re-olhava o mostrador do seu pequenino e elegante relógio de pulso. Em dez minutos ela estará aqui.— monologava. — Pobre garota! Volta ao lar... Mas, que lar? Onde está seu lar? Freda acende, nervosa, um cigarro. Tira-lhe baforadas e limpa a cinza que se vai formando. Pobre Carol !Volta ao convívio de seus amigos. Êles, com certeza a estimam bastante; pelo menos ela agora já conhece bem os homens. E a nova mulher de Bill? Quem é ela? Estou louca para conhecê-la... — pensou intimamente Freda.

Enquanto não chegava o trem, ela ia dando balanço na vida de Carol antes do divórcio e no novo amor de Bill com Evelyn. Êles já tinham sido vistos por ela, ligeiramente, quando saltavam do carro à porta do hotél Beaumont, quando regressavam da lua de mel. Os olhos de Freda se iluminaram. Mas, qual o motivo por que Carol voltava a Clinton? Certa vez ela lhe dissera: "Não deixarei Clinton a não ser que motivos imperiosos me obriguem a isso. E' aqui o meu lugar, a única cidade que conheço. Aqui estão todos os meus amigos; aqui está você, Freda." Aposto em como Carol vai fixar-se agora aqui, pensou, por fim.

Mal acabava de pensar em tudo isso quando o combóio assomou à gare. Freda se precipitou para descobrir a amiga numa daquelas janelas dos carros que passavam já de vagar, suavemente. E a divisou olhando os que estavam ali, ansiosa, procurando com seus lindos olhos sua querida Freda.

— Minha querida! — gritou Freda, abraçando-a com efusão. — Como você está bonita! Vamos sair dêsse apêrto. Aqui está muito frio e tenho os pés como gêlo.

Freda tratou de retirar a amiga dali antes que ela começasse a mortificar-se com recordações de Bill. Logo que chegaram ao carro de Freda, esta lhe disse:

— Vou levá-la lá para casa, onde passará uns dias comigo.

— Prefiro ficar mesmo aqui, Freda. Muito agradecida por tanta gentileza; mas se o apartamento está pronto, gostaria de ir logo ocupá-lo. Estive em viagem por longo tempo e trago malas e sacos com muita coisa... Estou bem, pode crer.

— Sei que tudo está bem e você está muito bonita e gozando saúde. Quanto

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova York, Carol é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela.

ROMANCE DE **MARGARET G. NICHOLS** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ARMANDO PACHECO**



ao seu apartamento espero que você o ache muito a seu gôsto. Também arranjei uma criada para você. E' Bessie. Ela deverá chegar amanhã pela manhã. Também coloquei a Rosie lá na roça onde ela gosta de estar.

Carol moveu a cabeça e sorriu.

— Haverá nada em que você não tenha pensado?

— Justamente, querida, é isso mesmo. E... a propósito: teremos amanhã um lanche e bridge entre amigos e faço questão que esteja presente à festinha. E' muito importante que você compareça, Carol. Vá brilhando o mais que puder e trate de cativar a todos com sua palestra. Você precisa distrair, esquecer umas tantas coisas. Quanto mais falar, melhor.

— Está bem, Freda. Mas... preferiria não ir...

— Você precisa dominar esta cidade como eu já o fiz: todo mundo a falar a seu respeito, a tentar ver no íntimo de seu coração. Por sua vez você procurar desmanchar tudo o que êles houverem conseguido realizar. Não seja criança. Êles não podem esperar que você lhes apareça. Para acabar com essa "festa" a seu respeito, alguém se casará, ou nascerá algum menino, acontecerá alguma coisa de notável e então êles a esquecerão. Entretanto, o mais importante agora é você aparecer e brilhar, impor-se, conversar, frequentar as reuniões, ir para diante, ficar em evidência.

— Quer dizer com isso que êles não me lamentariam?

— Claro. Mas não veja certas coisas com desprêzo, minha querida. Nenhuma mulher tão atrativa como você é, pode constituir uma ameaça quando está livre, independente. Você não pode passar noites fora de sua casa, nem tomar aperitivos em companhia de maridos de outras mulheres. Eu estou dando um roteiro. Você há de ouvir muito fuxico, muito disse-me-disse, oriundos de certos homens casados, cujas senhoras são suas amigas; mas eu espero que você me dê notícias do primeiro pretendente que lhe fizer a côrte... E, ei-nos em sua nova morada!

O carro parou diante de um edifício de apartamentos belo, com vista sôbre o rio.

Subiram e, no terceiro andar, Freda meteu a chave na porta abrindo o apartamento de Carol. A recem-chegada parou um instante no vestíbulo, passando uma olhadela pelo ambiente. O "living" era bastante espaçoso e mobilado com gôsto. As outras dependências estavam muito bem postas e arranjadas com sobriedade. Num dos cantos da sala de jantar se via belo receptor de rádio presente de Natal que Bill lhe dera, fazia um ano. A cozinha era muito bonita, limpa e com todo o confôrto.

Capítulo VI

EVELYN

Dando maior explicação sôbre os cômodos do apartamento Freda esclareceu:

— Havendo aqui dois quartos de dormir, e como suponho que você não vai precisar de ambos para um mesmo fim, destinei um deles para uma espécie de "studio", de "alcova de sesta", ou coisa semelhante, escolhi o menor, muito arejado e elegante.

Êsse cômodo estava decorado com muita sensibilidade, boas poltronas, secretárias, livros, etc., dando uma visão de confôrto e bem estar.

Depois que Carol viu êsse quarto, foi levada para o dormitório.

— Aqui está o seu lugar de sonhos — disse Freda com um sorriso.

Meu quarto de dormir! — pensou intimamente Carol. Era dela só. E lhe veio ao pensamento sua preocupação quando teve, há tempos, de planejar o seu quarto de dormir quando era ainda casada com Bill, e que muito se preocupou em não dar ao mesmo um tom puramente feminino. E lhe vieram à memória uma série de coisas dos tempos de sua união com o espôso, as coisas que lhe pertenciam, seus sapatos, escôvas, pijamas, robe...

Procurando varrer do espírito tantas recordações e imagens, Carol se voltou para a amiga e disse com muito agradecimento:

— Tudo está muito bonito, Freda. Você é admirável.

— Obrigada. E você vai precisar de café? Quer que lhe desarrume as malas, os embrulhos? E o seu banho?

— Não é preciso mais incômodos, Freda — disse Carol, retirando o chapéu e ficando mais à vontade. — Não se incomode. Você já fêz muito. Eu não sei como agradecer-lhe tanta gentileza, tanto trabalho comigo.

— Ora, esqueça isto. Foi até divertido para mim. Há, porém, uma coisa ainda. O seu carro está na garage, que fica a duas quadras daqui.

Conversaram depois por instantes acêrco de Bill e de sua nova espôsa. Carol então perguntou:

— Êles voltaram para esta cidade? Sabe você alguma coisa a respeito dela?

— Sei apenas que voltaram e estão hospedados no hotél "Beaumont". Eis tudo o que sei.

Carol fêz um movimento com a cabeça, como quem compreende. Depois falou:

— Gostaria de saber como é ela, sua maneira de falar, o que sente de tudo isso e o que pensa. Com certeza eu tentei manter uma posição como ela o faz e nada consegui. Enfim, preciso convencer-me de que tudo acabou entre Bill e eu. Entretanto, pode crer, Freda, tenho a impressão de que passarei a viver esperando sempre que Bill volte para mim, e esta esperança pode ser que dure tôda a minha vida! Não é verdadeiramente horrível, minha querida amiga, viver-se uma vida em tais condições?

— Era disto que estava com medo... — respondeu ela muito calmamente.

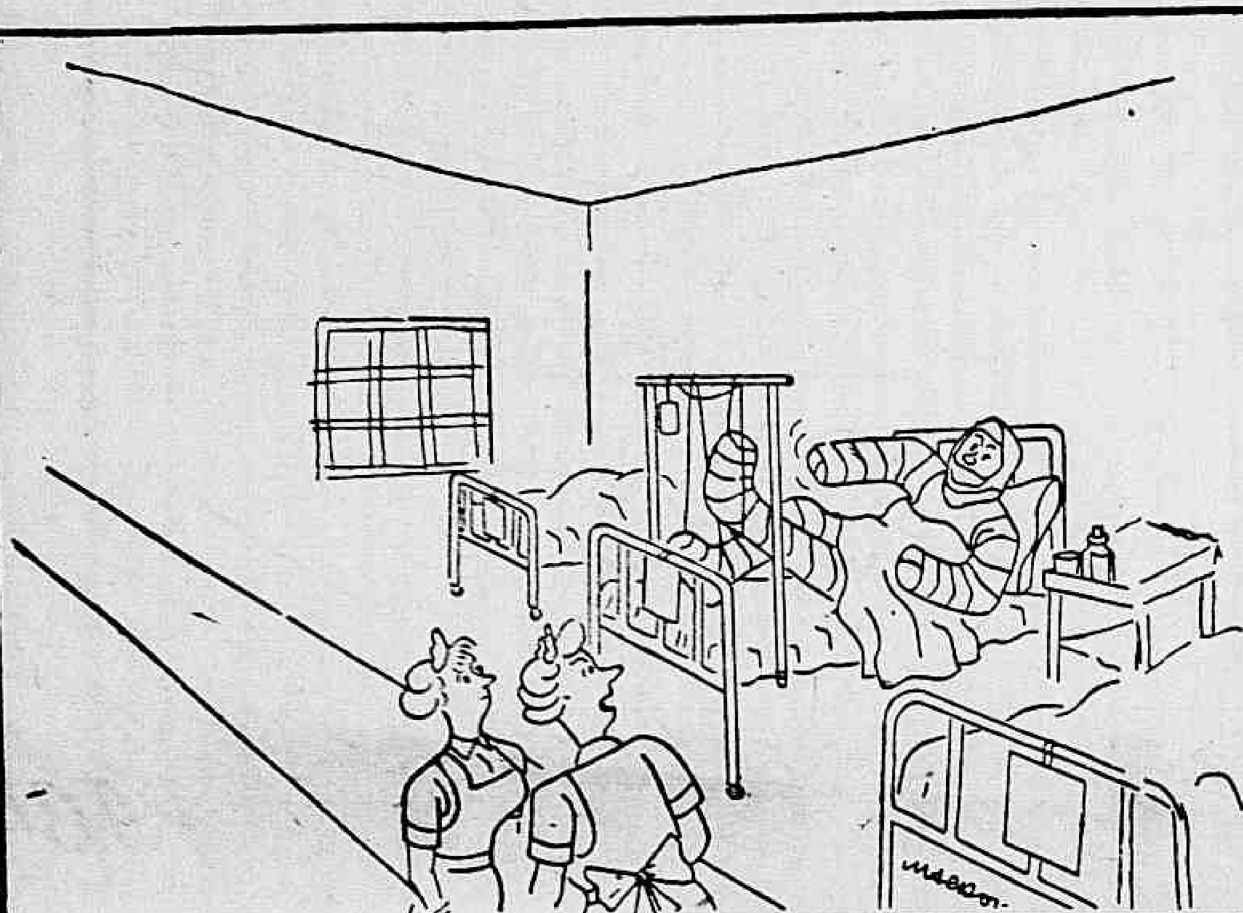
(Continua)



— Ha, ha, ha... "New-look" para cabelos, querida?

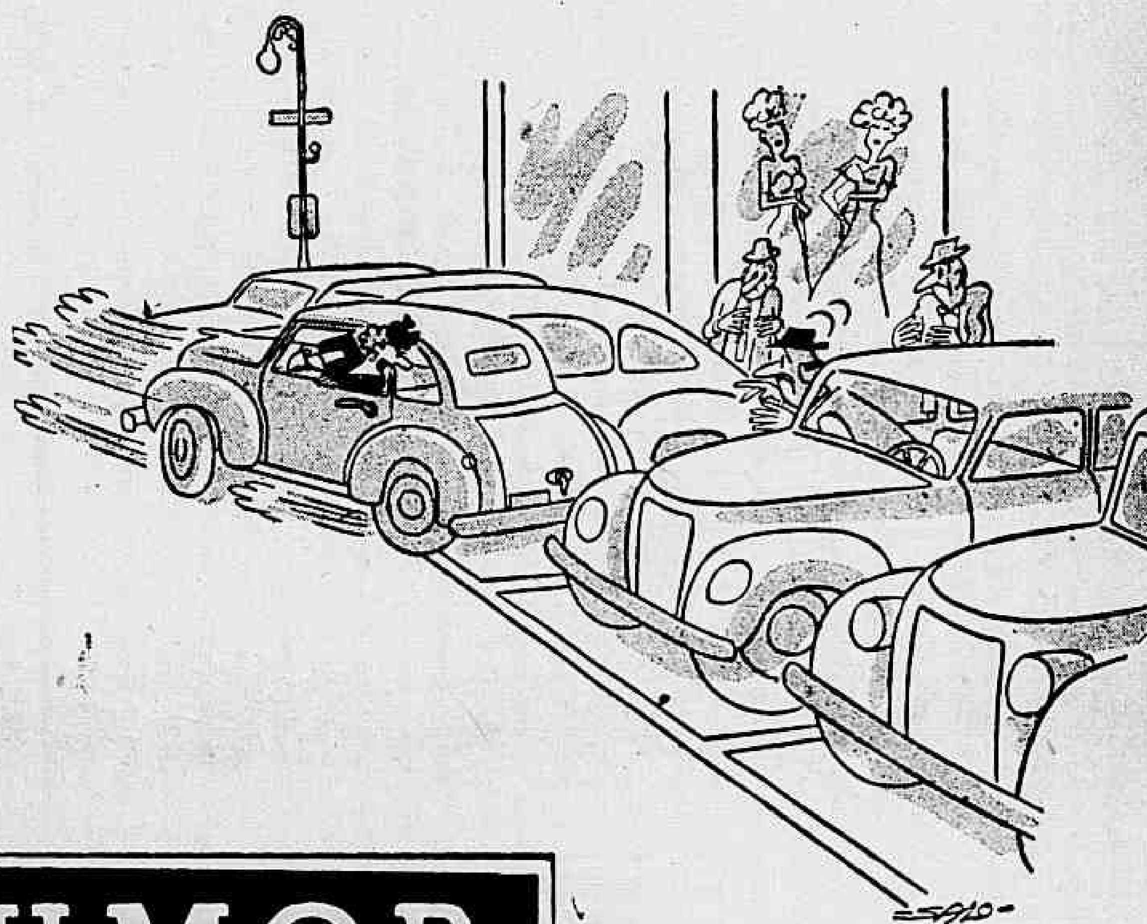


— Que surprêsa agradável, meu bem, apresento-lhe meu ex-marido!



— Cuidado com o doente do leito 33, é muito perigoso!

BOM HUMOR



— Não se afobe pessoal, isto para mim é canja.



— Garante que esta é bastante resistente?



— Veja, Pancrácio, como é esperto o nosso Juquinha!



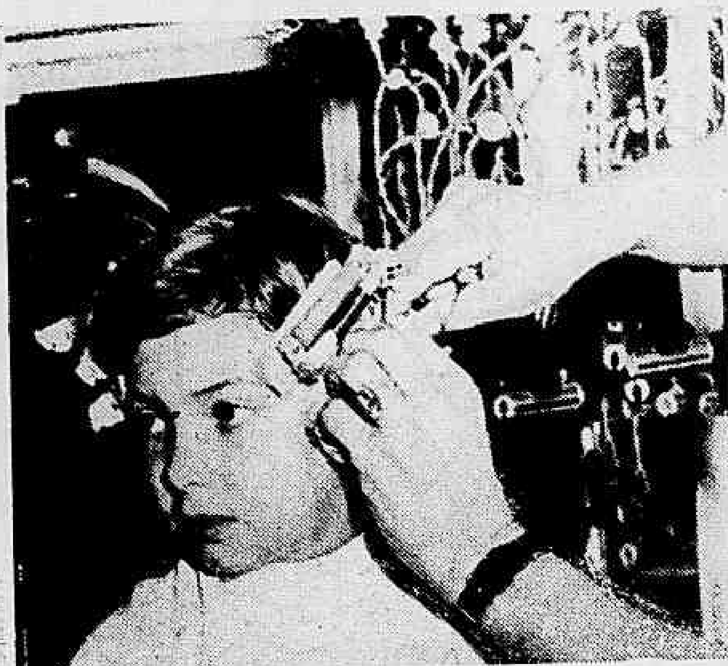
A PRIMEIRA PERMANENTE

SÔNIA, A VAIDOSA

TEXTO DE **HÉLIO FERNANDES**  FOTOS DE **AUGUSTO VALENTIM**



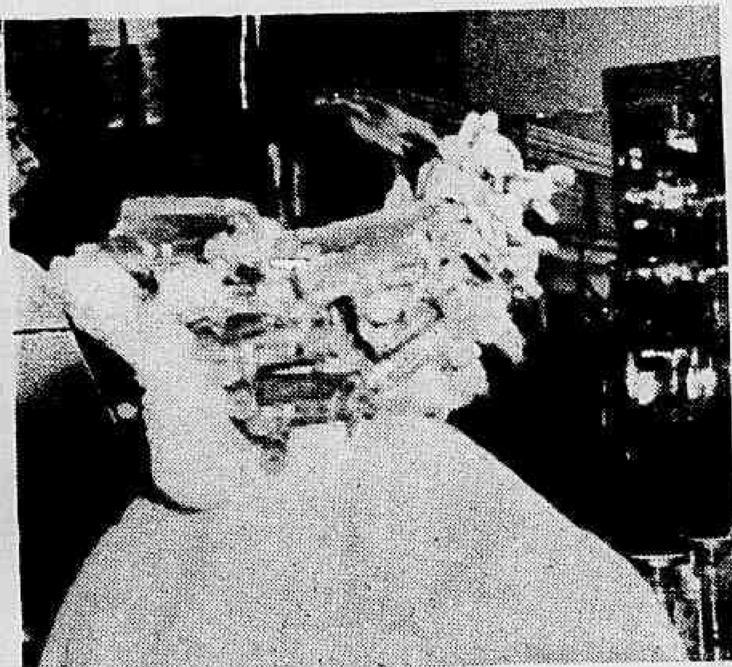
Sônia, a desconsolada. Mão na bôca, o olhar parado, triste, ela espera o sacrifício. Tudo pela vaidade



Pela carinha de chôro de Sônia, parece que nada vai bem. Não podiam inventar coisa menos complicada?



Os bigoudis são enrolados, a cabeça vai ficando pesada e confusa. Não haverá processo mais simples?



Agora é que não entendo mais nada. Minha cabeça gira mais que um ventilador. O melhor é fugir daqui



Bigoudis. Borrachas. Algodão. E agora essa máquina cheia de fios. Deram-me uma revista. Mas não sei ler



Não estou gostando disso. Está esquentando. Bem feito. Bem que mamãe falou que eu ainda era criança

SEU nome é Sônia. Sônia Guimarães, para sermos exato. Tem 5 aninhos e é linda como tôdas as Sônias do mundo. Sabeis, ó jovens, que as pessoas foram feitas para os nomes e não os nomes para as pessoas? Jamais verás, ó passante descuidado, uma Orminda despertando paixões furiosas, uma Georgina fechando o comércio, ou uma desconhecida Manoela parando o trânsito.

Mas de Sônias a história está cheia.

Não muito longe, nem muito perto — por volta de 1800 — Sônia Kupiskaya assassinava um Csar que tiranizava seu povo. Era linda, dizem os historiadores, e foi decapitada.

Foi também uma Sônia que, amando Napoleão, separou o corso da bela Josefina.

E há ainda uma outra Sônia, mais linda talvez que as outras, perdida nessa multidão de gente sem nome.

Mas deixemos de divagações e voltemos à Sônia de 5 anos que nos espera sentadinha no cabeleireiro. Seus olhos são grandes e prêtos, seu nariz é gracioso, sua fala é mansa e agradável, ela é tôda uma lindeza. Mas há uma falha. Seu cabelo é liso, e isso tira-lhe a calma, a alegria e o próprio sono. Ela sonha com uma permanente, mas a mamãe acha que ainda é muito cedo.

Mas ela não desanima. Há de conseguir. De qualquer maneira. O que não é possível é continuar com êsse cabelo feito espiga de milho, enquanto tôdas as suas amigas apresentam belas e encaracoladas cabeleiras.

Chora, esperneia, grita e por fim quando consegue que a mamãe diga sim, dá berros de satisfação.

Pois hoje foi o dia escolhido. Botou o vestido mais bonito, e veio para a grande festa. A festa da primeira permanente.. Mas parece que não está muito satisfeita. O negócio está mais complicado do que ela pensava. E muito demorado. Já fazem 40 minutos que está sentada na cadeira e cada vez a coisa fica mais misteriosa. Ela olha espantada procurando adivinhar qual será o próximo movimento do "seu" Pereira. Mas nunca acerta.

Finalmente acabou. Agora é só lavar, enfiar a cabeça naquele aparêlho enorme que se chama secador, e os cachinhos surgirão. Mas que droga! Como custa a secar êsse cabelo.

Uf! Que alívio!

Terminou finalmente tôda a operação. Penteada, enchacheada, dona dessa imensa felicidade das meninas de 5 anos, depois da primeira permanente, Sônia se dirige para casa. Vai apressada, atravessando a rua quase sem olhar, não escutando nem mesmo as recomendações da babá. O que ela quer urgentemente, com a maior velocidade possível, é um espêlho.

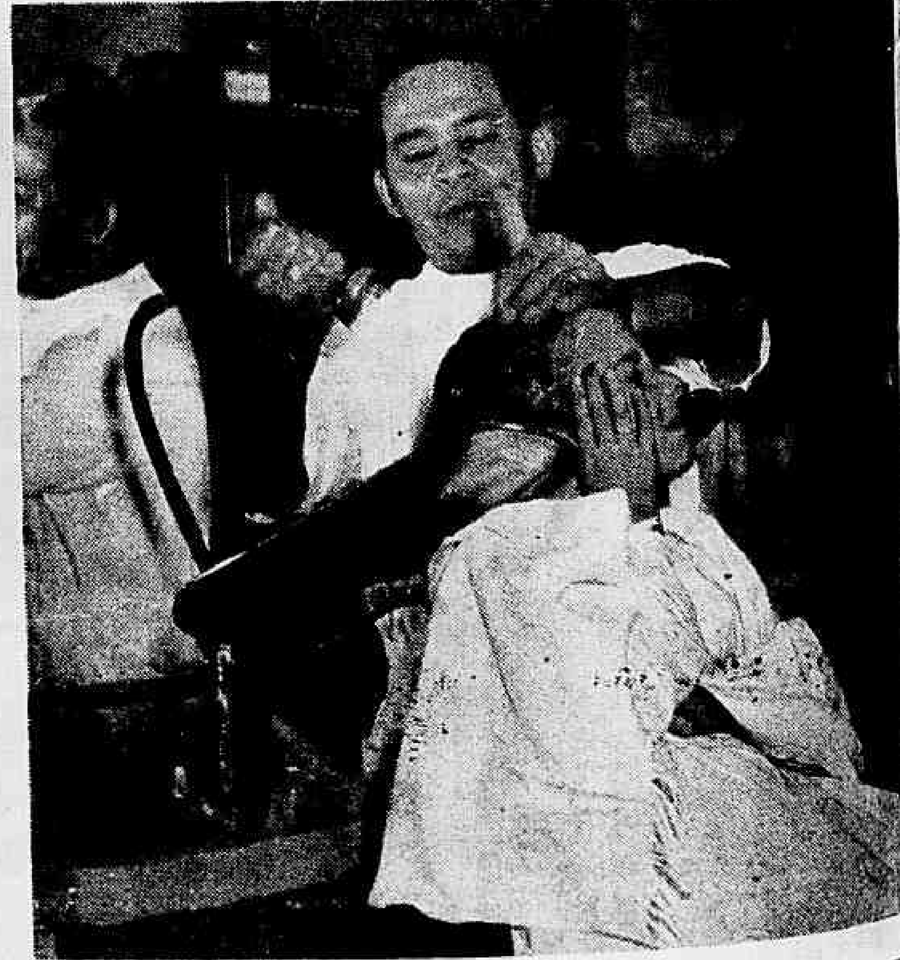
Um espêlho, pelo amor de Deus.



ó porque eu faço cara feia, êsse pessoal acha que estou
om fome. Não quero maçã. Quero é acabar e ir p'ra casa



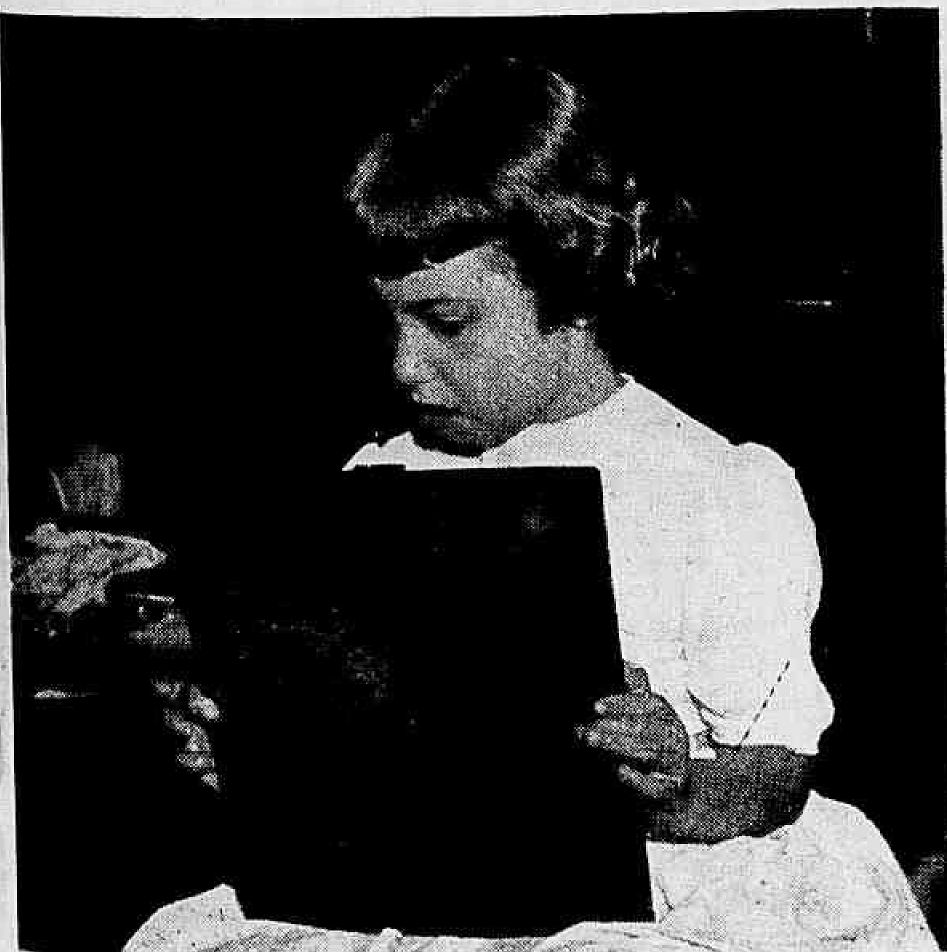
Puxa, que alívio! "Seu" Pereira foi bonzinho e finalmente estou sorrindo. Se me livrar dessa, noutra não me apanham



Sabão e água, e está pronta a primeira permanente. Estou doida p'ra chegar na minha rua. Quero ver a cara da Irene



Quarenta minutos aqui sentada e essa história não acaba. Deram-me maçã mas não estou com fome. Trouxeram revista e eu não sei ler. Eu só quero mesmo é ver o resul-
tado o mais rapidamente possível. Será que as artistas de cinema também fazem permanente? Se a Shirley Temple também suportou isso na minha idade, fico satisfeita



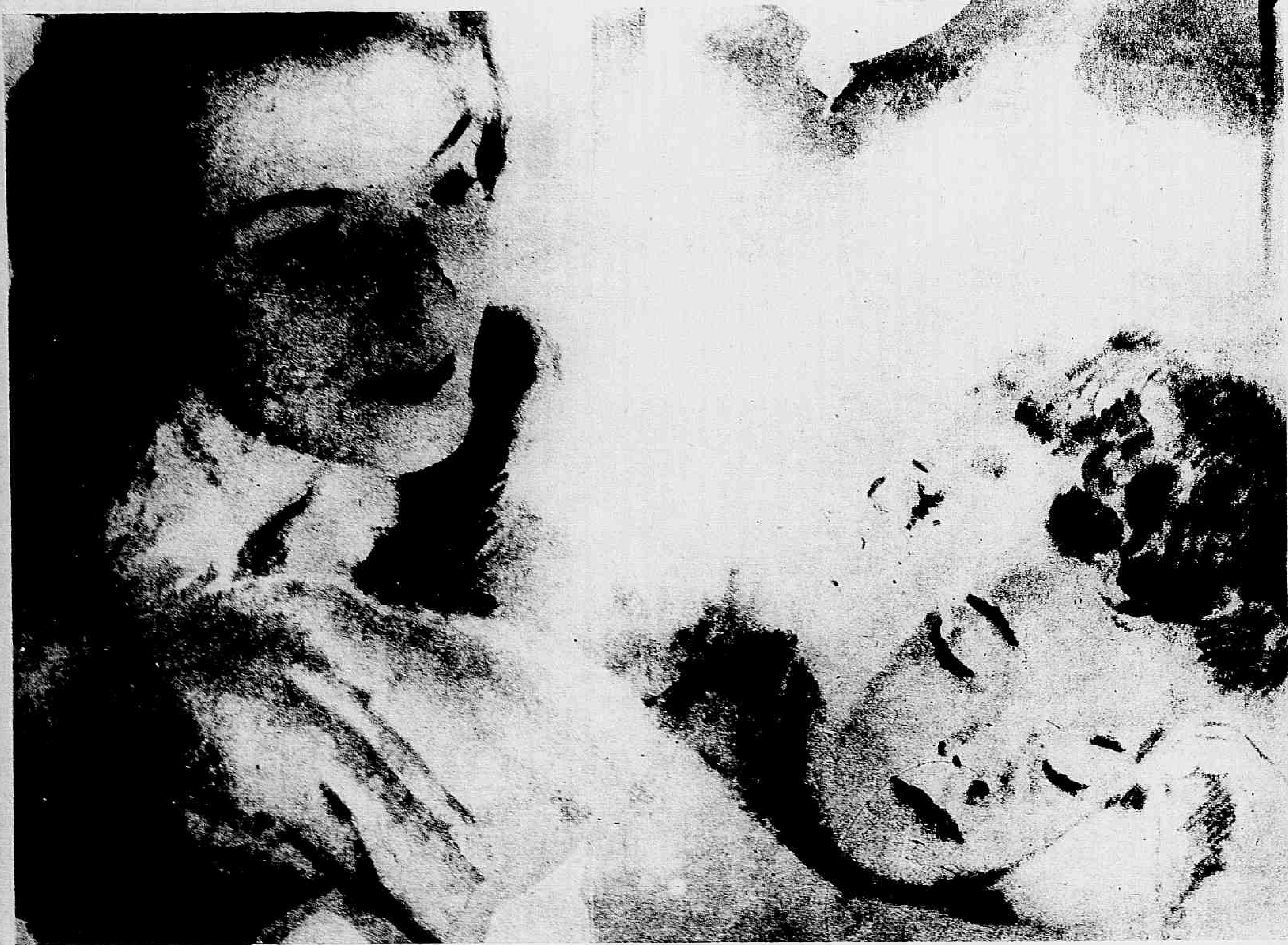
Parece que o resultado não foi muito compensador. Não estou gostando dessa franjinha. Será que depois melhora?



Ah! Parece que ficou bom mesmo. Depois que secar e que os cachinhos estiverem bem enrolados, ficarei um amor



Uma dúvida me assalta. Será que ficou bonito? Que é q vocês acham? Se a Irene ficar com inveja é porque está b



MATRIMÔNIO CONVENCIONAL

SUSPIREI a fim de acalmar a ansiedade de meu coração. A idéia de que ia conhecer a mulher que seria a espôsa do homem a quem eu amava, inquietava-me, tornando-me nervosa.

Prestei atenção para verificar se os meninos já estavam dormindo. Estava ali tôda a minha responsabilidade, a segurança de mim mesma. Na alcova à esquerda dormia meu filhinho Sérgio. Ao lado oposto do corredor, dormia serenamente, em seu quarto, Cristina, filhinha de Alfredo Valência, criancinha que o pai me havia confiado.

Não percebendo nenhum sinal de que estivessem acordados, desci ao salão.

Mal chegara, encontrei Alfredo que sorriu para mim ao que correspondi dizendo:

— Cristi está dormindo, sr. Valência.

— Bem. Venha cá. Quero que conheça os convidados.

Agradeci com um sorriso como se êle não houvesse sido para mim mais que meu chefe.

E eu que me havia preparado para enfrentar a mulher que iria ser sua espôsa, dei de cara com o irmão de meu espôso e sua senhora.

— Elvira!... — exclamaram ambos simultâneamente.

— Ernesto... Josefina... Como vão? — respondi eu com simplicidade.

Naquele instante já não estava em meu pensamento a senhorita Ana Luisa Robledo, a jovem a quem tanto temia conhecer. Mas, pude entrevê-la a um lado, muito branca e silenciosa, olhando-nos com discreta atenção.

— Já se conheciam? — perguntou Alfredo. — Não sabia!

Certamente que vá não poderia ser isto e, que sua empregada, modesta como eu era, pudesse estar aparentada com os aristocratas Ponton.

— Minha cunhada — disse Ernesto.

— Como está Sérgio? — perguntou Josefina, olhando-me ligeiramente como para ver se alguém suspeitava nela algum motivo oculto que justificasse aquela pergunta.

Nada respondi. Nunca poderia falar a Ernesto ou a Josefina acêrca de meu Sérgio. Três anos atrás, quando da morte de meu espôso, trataram de arrebatar-mo. Haviam até afirmado que eu não tinha capacidade moral para educar meu filho. Mas nada puderam provar contra mim, a não ser que vivia humildemente num quarto de pensão com Sérgio, graças à pensão que recebia. Como não tinham filhos, invejaram o meu e procuraram convencer-me de que com êles seria mais feliz um dia.

Nesse ínterim Ana Luisa se uniu ao grupo e Alfredo me fêz a apresentação. Era uma jovem reservada e apesar de pouco saber dela, pareceu-me que não seria uma boa mãe para Cristina. Pobre menina. Tão meiguinha quando eu chegara e já agora tão alegre! Era quase da idade de Sérgio. Tinha quatro anos e se tornara uma carinhosa companheira em seus brinquedos. Não podia entristecer ao pensar que ela iria ficar a cargo dessa fria criatura que parecia ser Ana Luisa.

Enfim, apesar de minhas opiniões, soube eu manter-me convenientemente em meu lugar. Como a mulher que cuidava de sua filha, merecia, naturalmente que Alfredo me tratasse como a uma igual. Mas dizia meu coração que essa noite não me seria feliz. Pelo mesmo motivo também devia pensar assim Ana Luisa, vendo em mim uma rival nos afetos de Cristina, por sua vez os Ponton me odiavam e viviam a desejar meu filho. Nesse entre-choque, o próprio Alfredo me deixava ali e esperava que eu partisse.

Depois de uns minutos de palestra cordial, desculpei-me com o pretexto de ir à cozinha e sai. Depois de ligeira ausência voltei e tomei uma xícara de café que não tinha visto nenhum em minha boca. Em seguida voltei à cozinha, onde permaneci por todo o resto da noite.

Lavei e guardei todos os pratos e talheres, pus em ordem a cozinha e, quando já me dirigia para meu quarto, apareceu Alfredo e me pediu que fôsse despedir-me dos convidados. Procurei desculpar-me alegando cansaço e pedi que êle apresentasse minhas despedidas e excusas a todos. Alfredo concordou e me pediu que o esperasse, pois desejava falar-me.

Quando regressou ao interior da casa, convidou-me a falar-lhe na sala e indicou-me uma cadeira. Sentei-me, obedecendo docilmente.

— Antes de mais deixe-me explicar-lhe o caso dos Ponton. Como você solicitou o emprêgo que lhe dei com o seu nome de solteira, não podia imaginar que fôsse a viuva de Ponton. Se soubesse não a teria exposto a êsse encontro. Recordo bem a intriga que fizeram em tôrno dêle. Que têm contra você? Lembro-me de seu espôso, com quem tratei negócios e me pareceu um excelente homem.

— Sim... Sei que era. Mas, pouco depois dele morreu seu pai, o qual deixou quase tôda a sua fortuna a Sérgio. Por isso querem arrebatar meu filho de minhas mãos. Quando êle estiver com vinte anos poderá dispor de sua fortuna. Eu de mim, não posso tocar num [illegible], mas, de todos os modos, êles me detestam.

— Sé — disse êle — com voz de sinceridade. Depois exclamou com alegria:

— Propus casamento a Ana Luisa e nos vamos casar.

Sorri forçadamente e disse com naturalidade:

— Espero que sejam muito felizes.

(Cont. na pag. 46)

NOVELA DE CLARA RONSARD ★ TRADUÇÃO DE RENATO DE ALENCAR

NOS BASTIDORES FEMININOS

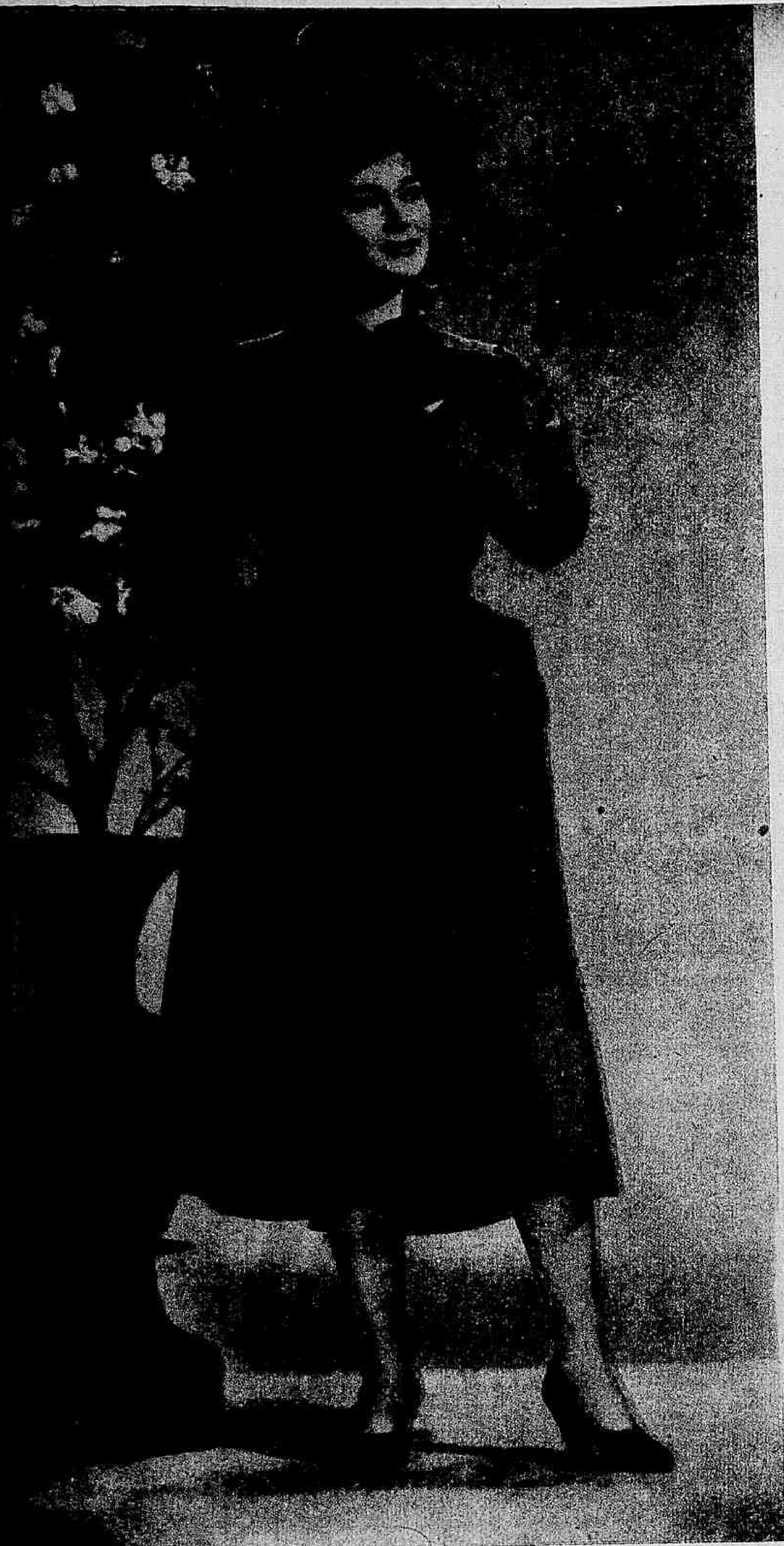
COM os seus quinze anos de vida apenas, você já se julga com bastante experiência e com conhecimentos suficientes para viver com independência. Nós estaríamos prontas a aplaudi-la se víssemos nesse seu desejo de independência a vontade de se encaminhar na vida com retidão e caráter; se se tratasse de um forte desejo de seguir as suas próprias inclinações; inclinações que a levariam a um sucesso garantido e a tornariam motivo de orgulho para os seus. Aí, nós até lutaríamos contra aquêles que não quisessem compreender os seus direitos. Infelizmente, porém, não é disso que se trata. Dentro da sua cabeça não existem coisas tão sérias e, duvidamos que venham a existir se tudo continuar como agora está. O que você considera "independência", não é dar expansão à sua inteligência, mas aos seus sentidos; o que você pretende não é trabalhar ou fazer qualquer coisa útil, e sim poder frequentar festas e festas, namorar todos aquêles que lhe pareçam "bonitinhos" e "engraçadinhos": ir ao cinema, mesmo que seja preciso "matar" a aula; enganar os pais quando êles não concordarem com as suas pretensões; gritar cada vez mais que já é moça e que como tal quer ser tratada; assumindo, enfim, atitudes impróprias e inadequadas que só poderão prejudicá-la.

Naturalmente você se revolta com a "incompreensão" dos seus pais e se recusa a ouvir "sermões". Você sabe muito bem onde tem o nariz! Realmente, você é bastante esperta para saber onde tem o nariz; só que você não quer saber. Lá no fundo talvez você sinta que está errada, mas acha muito mais interessante e divertido ignorar as razões dos seus pais e as suas próprias — as que existem em você mesma e que você teima em querer sufocar. Você sabe, tão bem quanto nós e os seus pais, que o que você faz não está direito; você mesma sabe que os seus namoradinhos de hoje serão os seus inimigos de amanhã; êles serão os primeiros a espalhar coisas desagradáveis sôbre você; contarão "vantagens" que não tiveram, só para desmoralisá-la; você sabe que estudando com dedicação você estará recompensando seus pais dos sacrifícios que muitas vêzes fazem para pagar os seus estudos, como você sabe, também, que estará se preparando para se tornar uma criatura inteligente, distinta e nobre que poderá merecer a admiração de todos. Você sabe que é muito melhor manter uma atitude digna e decente, não dando margens a comentários que magôem e prejudiquem; você sabe que é muito melhor vir a ter um lar, um marido que a ame e respeite, ter filhos que não se envergonhem de você, do que viver de recordações... Se o seu sonho é êsse, se você espera ter a "sua" casa, então espere com paciência, pois você dispõe de muito tempo para isso. Não vá se atirando nos braços do primeiro que lhe apareça, na esperança de que se trate do "príncipe encantado". Passando assim, dos braços de um para os de outro, você só terá para oferecer ao "verdadeiro", as suas decepções e o seu cansaço precoce.

E enquanto espera, procure se dedicar mais aos estudos, ao trabalho, à sua família. E' um grande bem que você estará fazendo a si mesma. — O. B.



Para um jantar elegante, Tereza Wright, da RKO, sugere uma saia em lamé listrado e uma blusa de jersey de seda.





MODELOS DE HOLLYWOOD



A famosa capital do cinema continua a enviar-nos as suas últimas criações contribuindo assim para a elegância das mulheres de todo o mundo. Ao alto, à esquerda, temos: Marta Toren, da Universal-Internacional, com um casaco em gabardine com bôlsos no busto e nos quadris À direita: Gloria Grahame, da RKO apresenta, para o "cock-tail", um elegante modêlo em faille prêto guarnecido de renda, bastante original. Em baixo, à esquerda, novamente Marta Toren, desat vez com um chapéu de jersey de lã, guarnecido de flores, e véu. Finalmente, Ann Miller, desta vez na M.G.M., apresentando um originalíssimo chapéu para "cock-tail" em palha negra e penas.



PARA OS DIAS DE CHUVA

MESMO nos dias de chuva a mulher deve manter a sua elegância. Já não se admite mais que nesses dias se use "roupa velha", porque vai molhar... O que é importante, é escolher-se o traje adequado, o sapato próprio, enfim tudo aquilo que pode dar confôrto sem prejudicar a elegância. Bruyère, por exemplo, lançou um "tailleur" em gabardine impermeável que teve imediatamente grande aceitação. A variedade dos guarda-chuvas é também imensa. Êles continuam sendo longos como os do inverno passado.

O AMOR É ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

Conheci Judith desde que éramos pequeninas, residindo na mesma rua um tanto maltratada de um bairro de subúrbio.

Nossas famílias eram muito amigas uma da outra e até aparentadas. Essa circunstância nos aproximava ainda mais e, por ocasião de nossos aniversários, permutávamos presentes e recebíamos em casa as pessoas das relações e os parentes. Eram noites inesquecíveis.

Eu entrei para a escola primária antes de Judith. Um ano antes, pois que eu era um ano mais velhinha do que ela; mas, quando ela também se matriculou, era eu quem lhe orientava as lições e esclarecia certas coisas que não eram ainda de seu conhecimento.

Por êsse motivo era natural que ambas fôssemos muito unidas e fizéssemos até confidências.

Um dia foi visitar a família de Judith um casal amigo, levando um garoto de seus catorze anos. Era gente de boa aparência, bem instalada na vida. O menino estava muito bem vestido e parecia educado.

Judith conversou com êle, à minha presença e houve promessa de renovação dessas visitas, e isso era fácil, pois que o casal não morava muito longe e a condução não era difícil.

O menino, com efeito, voltou por várias vêzes à casa de Judith. Passaram-se os anos e essa amizade foi crescendo cada vez mais, à vista de todos.

Um dia, porém, quando já estava ela com dezoito anos e êle com vinte, tendo terminado o curso ginasial, preparando-se para uma escola superior, morre-lhe o pai, transtornando todos os projetos.

A viúva, a conselho de irmãos, muda-se para o interior, levando o rapaz. A essa altura já êles viviam como noivos. Iam ao cinema sozinhos, ao banho de mar em Copacabana, teatros, concêrtos, casamentos, festas em geral. Se um adoecia, o outro ficava aflito e não saia de sua cabeceira. Dava gôsto aquela união prenunciadora de casamento certo e feliz.

A mudança do namorado foi como que uma punhalada no coração de Judith. Não se conformava com a separação, e, como não podiam casar-se, pois não tinham recursos para enfrentar tão sério ato, deixou-se entregar a grande melancolia, causando apreensões aos pais e parentes.

O rapaz se foi. Muito chôro, lágrimas, adeuses entre soluços.

As cartas se cruzavam e ambos mantinham a mesma intenção de um casamento quando possível.

Um dia, porém, êle morreu tràgicamente num desastre de estrada de ferro. Judith ficou desolada. Passou a viver como um fantasma dentro de sua casa. Silenciosa, muda, sem qualquer interêsse de viver.

Abandonou estudos, sua mocidade, seu futuro, a casa paterna e desapareceu para nunca mais saber-se dela. E por que fizera isto?

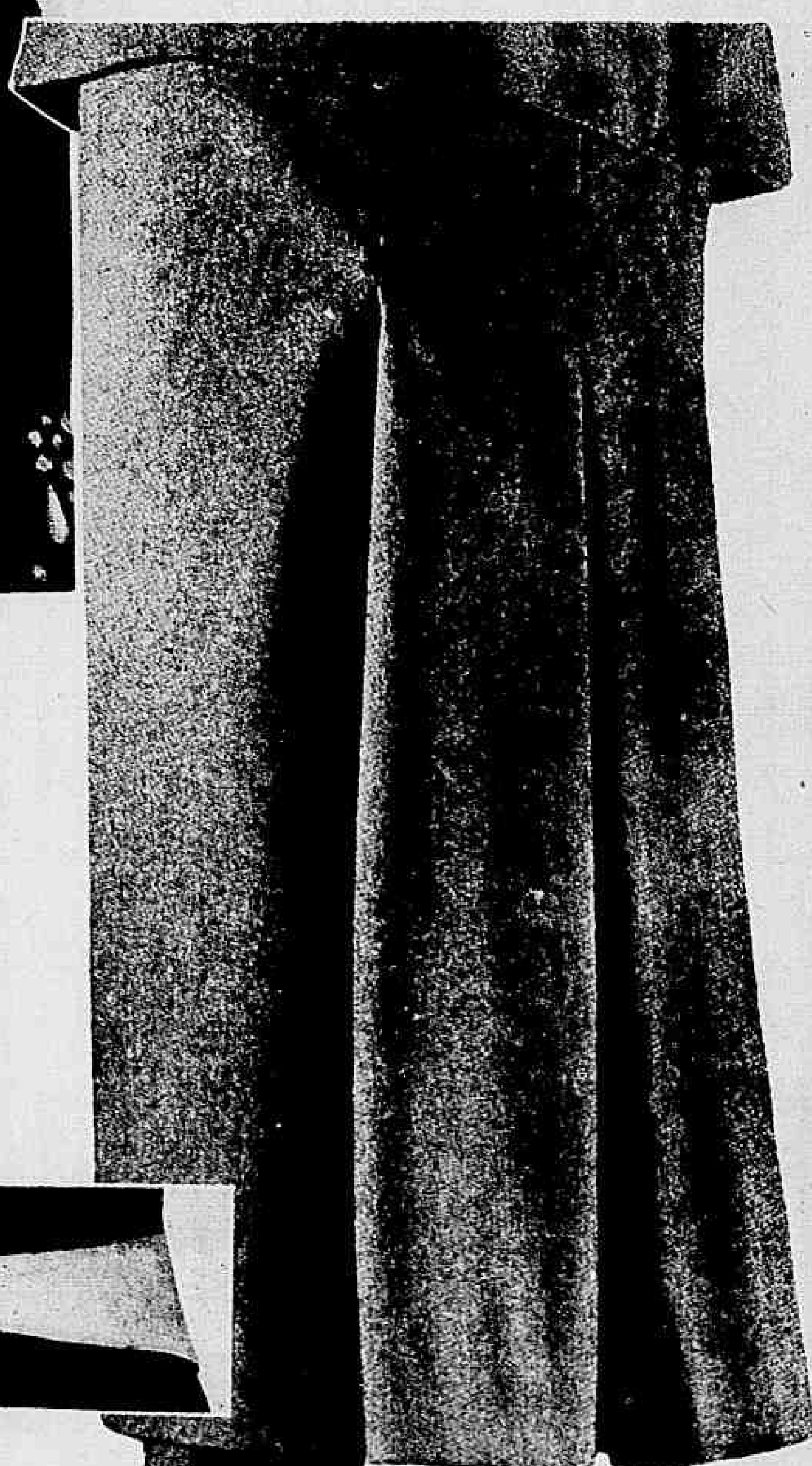
Porque o amor é assim...



Originalíssima blusa em "crochet" verde jade, mangas japonesas

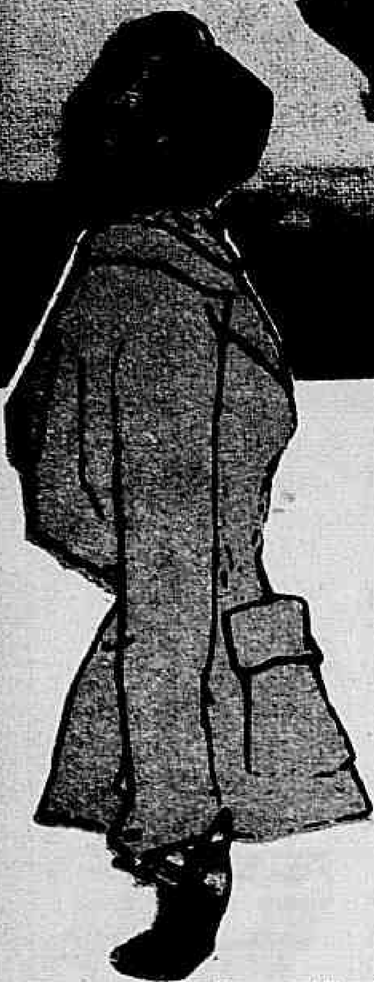
DETALHES E NOVIDADES

Saia de "tailleur" com profundos machos atrás; em cima, cinto em fino couro beige, fivela forrada do mesmo material do cinto



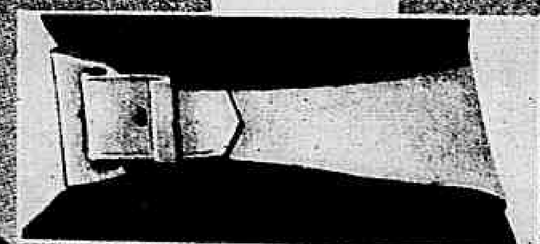


Em cima: Bôlsa e luvas em camurça verde escuro, laços da mesma camurça na bôlsa. Vestido bordado com missangas pendentes. Em baixo: Uma rosa branca num plastron também branco



O casaco "blousant" é uma das mais recentes inovações para êste inverno









Luvas em camurça preta bordadas a "paillettes" douradas



PENTEADOS PARA A NOITE





PARA o teatro, para um baile de gala, para uma reunião social há sempre um penteado ou uma guarnição adequada. Flores, plumas, pérolas, são os elementos mais decorativos. Nesta página estampamos algumas encantadoras sugestões que poderão orientá-la nesta difícil escolha.

MÃES E FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA

COMODISMO

Felizmente, já vamos notando, por parte de algumas mulheres que antes não queriam ter trabalho com a casa ou com os filhos, o retôrno às suas obrigações, principalmente obrigações de mãe. E' que muitas já chegaram à conclusão de que o sistema de entregar inteiramente a criança aos cuidados de uma ama, não poderia resultar senão em prejuizo da própria criança. Maus hábitos, maus sentimentos, maus instintos, são, com raras exceções, as características principais dessas criaturas que se empregam para cuidar de crianças, sem que tenham quaisquer predicados para êsse fim. O pior é que muitas mães, desejosas apenas de se livrarem do "pêso", não procuram investigar primeiro as qualidades, os antecedentes, a saúde da ama entregando-lhes os filhos, muitas vêzes, sem recomendação alguma. O que lhes interessa, acima de tudo, é ficarem com as suas horas livres para que assim possam cumprir as suas obrigações sociais. Algumas, o que julgamos inqualificável, chegam mesmo a permitir que as amas castiguem e espanquem os seus filhos, mesmo em sua presença. O que parecem temer, é que, chamando a atenção da ama, a "preciosidade" se retire, deixando-lhes o "abacaxi" nas mãos...

E' preferível uma ama ruim, que bata mesmo nas crianças (é preciso que as crianças a respeitem...) à ter que aturá-las o dia inteiro, ficando assim impossibilitada de ir ao cinema, de fazer as suas visitinhas, etc., etc. ...

Felizmente, como já o dissemos, é grande o número de mães que já compreendeu a inconveniência de entregar os seus filhos às amas; já vemos muitas senhoras fazendo coisas que nunca haviam feito antes, como cuidar da alimentação dos filhos, passear com êles, vestí-los, etc. À essa só temos que felicitar e, tudo o que poderíamos desejar também é que as outras, as que ainda não se convenceram das suas verdadeiras obrigações, lhes seguissem o exemplo.

E' preciso que compreendam que a criança precisa de assistência moral e espiritual; precisa de amor, precisa sentir confiança nos que a cercam, precisa de um coração amigo, precisa enfim ser feliz. E, não é com amas que tais sentimentos surgirão.

CONSELHOS ÚTEIS

Os hábitos de higiene não se adquirem na maturidade. E' ensinando à criança desde muito cedo que se formará uma pessoa de bons hábitos. ★ Para que a criança seja sadia são necessárias a compreensão e a cooperação das mães, sem o que nada poderá ser feito. ★ Qualquer sintoma anormal deverá logo ser levado ao conhecimento do médico. E' mais fácil curar uma doença logo no seu início do que atacá-la quando já tomou conta do organismo. ★ Qualquer travessura que a criança faça em casa assume grandes proporções. Procure deixá-la à vontade nas praças, nos jardins e nas praias e ela ficará menos irrequieta em casa.



Gale Storm (da Universal International) é a orgulhosa mamãe dêstes três robustos e bonitos garotos, Philip Lee, Paul William, Peter Wade, respectivamente. Gale Storm é, na vida real, Mrs. Lee Bonnell



A saúde do BEBÊ

Dr. SABÓIA RIBEIRO

GRAVIDEZ ANORMAL E SEUS SINAIS

Os sinais e sintomas de uma gravidez que prossegue anormalmente, são devidos, em geral, uns, a uma manifestação tóxica do organismo da gestante (mas que podem comprometer a própria vida do feto), outros, a hemorragias que têm sempre a máxima importância.

Dizemos — **em geral**, porque outros casos ainda se verificam, porém, êstes, não raro, se processam silenciosamente, surpreendendo não poucas vêzes já em pleno trabalho do parto; quanto a êstes, por isso mesmo, somente os exames pré-natais advertem em tempo de suas consequências, já sôbre o recém nascido, já sôbre a própria mulher, corrigindo com oportunidade a anomalia da gravidez, ou prescrevendo certas medidas conformes com a situação (versão por manobras externas, cintas obstétricas, etc).

As manifestações tóxicas e as hemorragias, porém, denunciam-se por si mesmas dando tempo, assim, às medidas que devem ser tomadas.

Nas **hemorragias**, a primeira suspeita a levantar-se é que se trata de interrupção da gravidez (abôrto), ocorrendo elas nos primeiros seis meses, e a **placenta prévia**, ocorrendo entre o sexto e o último mês da gravidez.

A interrupção da gravidez não é acidente banal na mulher; no mínimo é fator de grande debilitação, e pode significar, inclusive, distúrbio de glândulas, que, tratado, não se repetirá.

De sua vez, é muito séria, também, a significação de uma **placenta prévia**, exigindo o conselho e a assistência atenta do médicoparteiro. E', de fato, um dos acidentes mais sérios se desprezadas certas medidas oportunas. As hemoragias da **placenta prévia** são, mesmo, denominadas **hemorragias de alarme** e, a rigor, a parturiente, em benfício de si própria, deverá ouvir os conselhos do bom parteiro, ficando sob vigilância, e internar-se em casa de saúde, ou melhor, numa maternidade, alguns dias antes do parto.

Deixada sem cuidados, a **placenta prévia** tanto joga com a vida materna como a da criança a nascer — e muitas vêzes êsse resultado é devido, apenas, a não terem sido tomadas, em tempo, as providências necessárias.

★

Cabe aqui, uma referência aos **edemas**, ou sejam, as infiltrações dos membros e mesmo de todo o corpo, começando pelo crescimento do rosto e rápido aumento do pêso. Fazendo-se uma compressão com as pontas dos dedos das partes infiltradas, as camadas dos tecidos afundam, imprimindo a marca dos dedos por tempo maior ou menor. **O exame de urina** (pesquisa de albumina, exame de sedimento) é o primeiro cuidado a ter. Ver-se-á, então, muita vez, que a função dos rins está perturbada; daí hipertensão e retenção de escórias (azôto, creatinina, etc.).

De outras vêzes (e isto é mais para o meado ou fins da gravidez), o que há é edema devido a embaraço mecânico na circulação de retôrno (veias), devido a compressão do tumor ventral do feto desenvolvendo-se e fazendo a compressão de vasos troncos na bacia.

Num e noutro caso, é sempre necessário ouvir o médico.

As vêzes, simples medidas dietéticas bastam para resolver o caso; outras, é o repouso da gestante, que lhe normalizará a situação.

A infiltração concorre, não raro, para as dificuldades do parto, e a gestante não descuidará de tomar as medidas em tempo, mesmo porque, com as mesmas tardias, pode coincidir um estado, já de intoxicação não percebido ainda por ela, com todos os seus inconvenientes.

E', pois, um sinal de gestação anormal que cumpre à gestante vigiar.





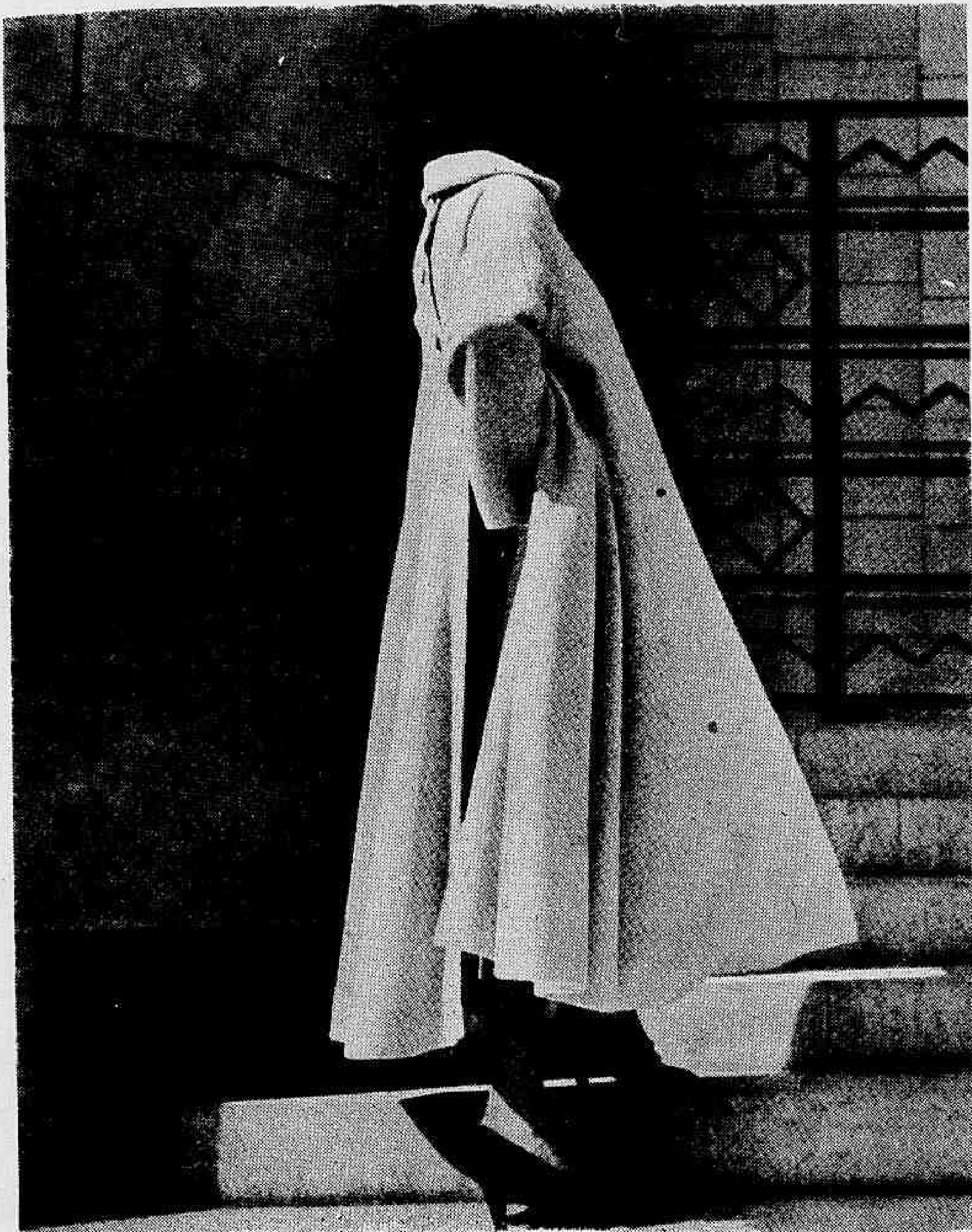
ANTES DOS VINTE ANOS





PARA você garota bonita que ainda não passou dos vinte anos, a moda é sobremaneira graciosa e elegante. Já não é mais necessário permanecer indecisa entre um modêlo demasiadamente infantil e outro demasiadamente "sofisticado".

Já existe para você o vestido adequado, que fará realçar ainda mais a graça da sua adolescência.



INVERNO O "manteau" é, sem dúvida, um elemento prático e um complemento necessário para as manhãs frias e úmidas. Os costureiros francêses apresentaram uma infinita variedade de casacos, prestando-se para tôdas as horas do dia, para o que apresentam pequenas modificações. Em cima: Para viagem, de Jacques Heim, (2) em lã quadriculada azul e branco, de corte amplo, gola e mangas fartas. Em baixo: Belo "manteaux" (3) de Jacques Fath, constituiu um dos grandes sucessos da estação em Paris. E' branco, todo abotoado atrás.



PROBLEMAS DA MULHER

M. MERCÊDES SANTOS

FOI UMA VINGANÇA...

Pobre e infeliz criatura! Que amargura existia em suas palavras, a princípio confusas e de sentido desconexo! Que tristeza havia naquele rosto quase infantil, onde a decepção cruelmente estampou os seus mais nítidos sinais! Tôda ela era dor e descrença. Já não lhe era possível acreditar na bondade e justiça dos homens. Todos êles não passam de uns monstros sem coração — exclamou numa atitude de desafio.

— Se resisti, foi por dignidade, simplesmente, dignidade. No entanto, êle disse que esta coisa já não existe entre nós mulheres. Foi uma vingança. Tenho certeza. Nada mais do que vingança. Primeiro, veio a história de que eu estava suspensa por oito dias do trabalho, sem que soubesse o verdadeiro motivo. E agora... uma carta. Tremi de pavor ao recebê-la das mãos imundas, daquele... Oh, Santo Deus! Como é possível que neste mundo criado por Vós existam criaturas de tão sórdidos sentimentos? Êle não podia compreender que era verdadeiramente impossível o que me pedia?!

Calou-se bruscamente. Apertava os lábios, como se quisesse impedir que por êles escapasse algo comprometedor. De repente, começou a estalar os dedos com desespêro e disse: Não, não me conformo. Êle vai me explicar isto direitinho. A mulher precisa se impôr e é justamente isto que êle vai encontrar de minha parte. Se não fôsse uma grande quantidade delas andarem se desmoralizando atôa, garanto que eu e outra ao reagirmos contra "certas propostas" não seríamos banidas do emprêgo, sem nenhuma consideração. Veja, veja com os seus próprios olhos, a maior covardia que um homem pode praticar contra uma mulher. Aquêle patife compreendeu que eu já estava prevenida contra a sua lábia de homem cínico e aproveitador de ingênuas — e, eis aí o resultado.

Passou-me às mãos um envelope timbrado com o nome de uma firma comercial bastante conhecida. A carta que nele se continha era curta e incisiva. Dizia apenas isto: "A direção da firma... comunica à senhorita... que, não necessitando mais dos seus serviços, resolveu dispensá-la".

Logo em seguida uma assinatura rápida e ilegível. Devolvi-lhe a missiva e tentei dizer-lhe algumas palavras confortadoras, porém, ela não me quis escutar. A sua cólera era em demasia e eu nada pude fazer senão solidarizar-me com ela. Olhou-me bem nos olhos e disse-me com uma convicção desesperadora: — O resultado disso você saberá mais tarde.

— Por favor, não vá fazer tolice! — foi a única advertência que pude fazer-lhe, mas, nem sei se ela escutou, pois, com a rapidez de um relâmpago, desapareceu no interior do edifício em que funciona a tal firma comercial.

Essa criaturinha jovem e cheia de tão justa revolta, que hoje, inconscientemente, ofereceu-me motivo para esta crônica, inegàvelmente, é apenas um grãozinho de areia entre milhares de outros que, diàriamente, são atingidos pela onda de violento cinismo que invade os corações de muitos homens de negócio.

As que têm a fôrça moral para resistirem ao abismo são sacrificadas, mas, em compensação, podem gritar aos quatro ventos o seu desprêzo e revolta contra êsses ladrões da boa fé das incáutas. Que destino espera as infelizes que, cedendo às fraquezas da carne perdem por completo o raciocínio? Simplesmente, um único: a derrocada moral, com suas funestas consequências.

Espero, muito breve, saber o resultado da última tentativa que esta jovem fêz para readquirir a situação que tão desonestamente lhe foi roubada. Todavia, desejo ardentemente que ela o faça com dignidade, para que sua atitude possa representar, além de uma grande lição a êsse homem, cuja vingança foi tão sórdida e mesquinha, um exemplo dignificante para muitas outras. Pois, certamente, uma mulher que se deixa vencer pela lábia astuciosa de um canalha, em troca de conservação de um emprêgo, paga, como tributo, o preço mais elevado em relação à dignidade feminina, cujo atribùto essencial encontra-se na sua defesa intransigente a tudo que possa macular a sua honra.

Peçamos a Deus que fatos deprimentes como êste não mais se reproduzam. Que os homens compreendam que as ligações entre os sexos diferentes somente são justas e naturais quando ditadas pelo AMOR, sentimento sublime que não se pode confundir com os ferozes aspectos da luxúria animal...

Correspondência

Regina — Distrito Federal.

"Tenho 16 anos e êle 48. Amo-o com verdadeira loucura, no entanto, êle não parece tão interessado quanto antes. Que devo fazer, insistir ou renunciar?"

Regina, dada a enorme diferença de idade existente entre vocês dois, não é de estranhar que êste homem não procure alimentar um amor tão absurdo. Se êle está agindo assim, é em seu próprio benefício. E' natural que êle com 48 anos, já não veja a vida através do prisma ilusório da mocidade. Portanto, é evidente que tenha compreendido em tempo o crime que estava perpetrando contra você. Acorrentar a velhice à mocidade. Você, Regina, seria a primeira, mais tarde, a não perdoá-lo. Sentir-se-ia uma desgraçada e arruinada para o resto da vida. Elimine êste amor do seu coração; você é ainda uma criança e não é justo que se preocupe com coisas tão absurdas. Diante de você, minha filha, ainda existe um pedaço bem grande de caminho por percorrer, prepare-se para êle, que é o melhor que você faz.

Tôda correspondência para esta seção deve ser endereçada aM. Mercêdes Santos — Problemas da Mulher — na redação desta revista, à rua Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

week-end NA COZINHA



Torta de limão

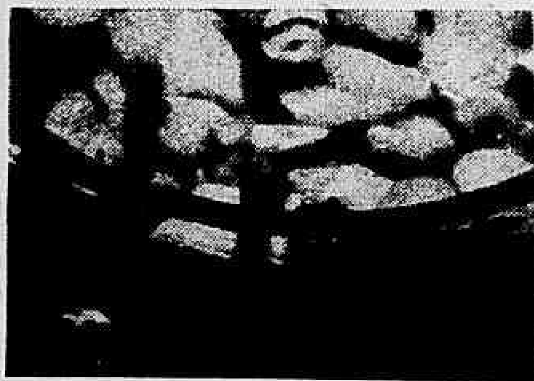
PURÊ DE CHUCHU COM BATATAS

Tome ½ k. de batatas cozidas sem casca e passadas quentes no passador, ½ k. de chuchús cozidos sem casca e sem o miolo e espremidos num pano. Misture tudo, tempere com sal, adicione 1 colher de manteiga, 3 colheres de leite e despeje num prato. Polvilhe com queijo e leve a tostar no forno.

★

SOUFLÉE DE QUEIJO

Faça um creme com 150 grs. de farinha e ½ litro de leite. Pronto, junte 50 grs. de manteiga, 150 de queijo do reino ralado e 5 gemas. Meia hora antes de servir, junte 5 claras em neve, despeje em fôrma untada e polvilhada de pó de pão, só até o meio e leve para forno quente até encher a fôrma.



Compota de pêssego

★

SOPA DE FUBARINA

Quando deitar o caldo no fogo, junte 2 espigas de milho raladas. Depois do caldo coado, leve a ferver e engrosse com fubarina desmanchada e leite frio. Não deve ficar muito grossa. Coloque na sopeira fôlhas de alface fritas num pouco de manteiga e despeje a sopa bem quente por cima.

★

BÔLO BRANCO COM MAIZENA

Bata bem 1 xícara de açúcar com 1 de manteiga e vá juntando aos poucos, sempre batendo, 1 xícara de leite morno, 1 de maizena, 1 de farinha de trigo, 2 claras em neve e 1 colher de chá de Royal. Leve a assar em fôrma untada. Pode ser simples ou coberto com o creme abaixo:

★

CREME CRU DE CHOCOLATE

Leve ao forno em banho-maria, 3 páus de chocolate apenas para amolecer. Esmague até ficar como uma pasta, junte 3 gemas, uma a uma e por último as claras em neve. Guarde na geladeira ou em lugar fresco.



Bôlo com morango e creme

★

BANANAS FRITAS COM QUEIJO

Parta em fatias finas algumas bananas da terra maduras e frite na manteiga com banha. Arrume num prato em camadas, as bananas, queijo de Minas ralado, açúcar com canela. Quase na hora de servir leve ao forno só para derreter o queijo.



O LEOPARDO — O leopardo deixou apenas de fazer parte dos casacos de inverno para passarem também a ser utilizados nos vestidos, "tailleurs", etc. Alguns casacos, no entanto, levam golas e punhos de leopardo. Outros, mais curtos, têm um grande "plastron" dessa pele, mas o mais sensacional, sem dúvida, é o vestido todo de leopardo apresentado por Marcelle Chaumont.

BROADCAST





Stelinha Egg, depois de vitoriosa excursão pelo interior do país, acaba de estrear ao microfone da PRA-2, apresentando-se através de "Muiraquitãs", o programa de Pascoal Longo

FANTASIA MODERNA

BERLIET Júnior, a julgarmos por suas produções, é um dos que não se entregam ao comodismo do cartaz conquistado. Pautando seus programas na linha evolutiva da presente era radiofônica, de quando em vez, como para mostrar sua fôrça criadora, aparece com trabalhos que o colocam em situação das mais invejáveis e fazer convergir para sua pessoa, o interêsse daqueles que buscam no poderoso invento de Marconi, algo capaz de avivar o pensamento. Nesse princípio, que o faz prescindir dos processos da publicidade remunerada, reside, aliás, a conquista do grande público, forte motivo para que as principais emissoras vivam de ôlho nele. Berliet, porém, parece alheio a tudo isso, tão preocupado vive em oferecer aos rádioouvintes trabalhos que o satisfaçam. Sempre atento à evolução do gênero rádio-teatral, de há muito tornou-se um dos principais produtores dêsse gênero sem que disso faça qualquer alarde. Seu trabalho é silencioso, como silenciosas são as suas vitórias. Não fôssem os cronistas especializados e o público, êle permaneceria indiferente a todos os sucessos, favorecendo, com isso, os que procuram subir à custa da vitória alheia.

Ainda agora, quando todos os seus esforços se concentram numa audaciosa iniciativa, como seja, o desenvolvimento do "Teatro Escola da PRD-5", ei-lo a lançar através do microfone Tupi, um programa que reune o que de mais interessante já se fêz no gênero. E' "Fantasia Moderna", cartaz em que se pode pesar tôda a pujança dêsse vitorioso "radio-writer". Explorando um gênero tão do agrado dos senfilistas, Berliet Júnior, ao envés de se prender ao lugar comum dos espetáculos de teatro cego, leva-nos a outros caminhos. São trinta minutos em que o ouvinte não só distrai o pensamento, como é conduzido às páginas das mais deliciosas histórias que o cérebro humano pode engendrar. Todo um mundo de fantasias, tôda uma série de narrativas maravilhosas, desfilam por intermédio do microfone PRG-3, no desempenho do homogêneo elenco rádio-teatral da "emissora líder associada". Tudo isso, a par de cuidada sonoplastia que, diga-se de passagem, está a cargo de Alberto Madeira. Programa audível para adultos, torna-se obrigatório para as crianças que, em geral, lutam com a ausência de cartazes dêsse quilate.

"Fantasia Moderna", como o dissemos linhas acima, foge ao lugar comum dos espetáculos dêsse gênero. E' alguma coisa diferente que o rádio acaba de proporcionar a seus fans, já cansados de tantas histórias de amor... Trazendo a assinatura de Berliet Júnior, êle figura como um dos pontos altos da programação semanal da Tupi. Recomendá-lo aos que nos lêm, é dever a que não nos furtamos. — A. MIGUEIS.

RADIO-FLASHES

"PROBLEMAS SENTIMENTAIS"

O livro de crônicas da radialista Diva Paulo, "Problemas Sentimentais", que acaba de aparecer numa cuidada edição dos Irmãos Pongetti, reune uma série de trabalhos apreesntados ao microfone da Rádio Nacional e interpretados pelo homogêneo elenco de teatro cego dessa grande emissora. No volume em apreço, figuram os casos mais interessantes que se depararam ao espírito arguto de Diva Paulo, e para os quais ela encontrou pronta e imediata solução. Sem pretenções literárias, conforme o afirma a autora no prefácio, "Problemas Sentimentais" é um livro para êsse imenso público feminino que, tôdas as manhãs, sintonizam o receptor para a onda da PRE-8, a fim de ouvir a palavra fluente e conselheira da vitoriosa radialista patrícia.

★

ACONTECEU NO ETER

Por intermédio do microfone PRA-2, onde há muito milita, o cronista Fred Lee está apresentando "Cinema e Teatro", um programa especializado sôbre os diversos assuntos ligados à essas duas artes. Conciso em seus comentários, sincero nas suas críticas, Fred Lee que, outro não é senão Edmundo Lys, oferece aos fans de cinema e teatro, um movimentado cartaz. ★ Enquanto isso, através da onda PRA-9, Adolfo Cruz vem oferecendo "Cine Reportagens PRA-9". Êsse cartaz mayrinkiano apresenta curiosidades, críticas, noticiário, entrevistas e demais assuntos relacionados com a sétima arte. ★ ...e por falar em Mayrink Veiga, podemos adiantar que Manuel Braga e Vilma Faria, ambos pertencentes ao elenco de rádio-teatro dessa estação, bateram às portas da Justiça do Trabalho, com o fito de reclamarem direitos. Ao que sabemos, ambos ganharam a questão. ★ Mário Lago voltou ao "broadcasting" bandeirante, assinando contrato com a PRH-9. Com essa resolução desfaz-se o propalado ingresso do autor de "Aurora" no cast da PRE-8. ★ Também Jaime Moreira Filho, egresso da PRA-3, voltou-se para o rádio paulista, onde, aliás, iniciou sua carreira radiofônica. Ao que se informa, êle substituirá a Jorge Amaral ao microfone da PRG-2 ★ Para compensar essas duas deserções, a Mayrink Veiga anuncia o contrato de Castro Gonzaga, um dos mais conceituados rádio-atores da paulicéia. O lançamento dêsse artista está marcado para a próxima semana. ★ Com a casa super-lotada, Celestino Silveira comemorou uma nova etapa de "Cine Rádio Jornal". A festança contou com a participação de todo o cast da PRE-3. ★ Sagramor de Scuvero, aproveitando suas férias, resolveu dar um giro pela Argentina, seguindo o exemplo de Zezé Fonseca.

★

DUAS NOTÍCIAS

Carmélia Alves, uma das "big" atrações do Copacabana e integrante do cast mayrinkiano, vem de colocar na cera, duas interessantes composições. A primeira, "Tic-tac do meu relógio", traz a assinatura de Dunga. E' um chôro. A outra, o samba "Diga que sim", é da respeitável dupla Roberto Martins e Ari Monteiro. A gravação é Continental. ★ Robert Ruiz, locutor e produtor da Roquete Pinto, dedica-se nas horas vagas a tradução de peças. Recentemente, em parceria com José Vanderlei, adaptou para o elenco de Alda Garrido, a peça de A. Torrado, "O Barreto é o candidato". Em poder da mesma companhia existe uma outra adaptação de Ruiz que também entregou a Jaime Costa, uma comédia.

★

VELHA OPINIAO

Há nove anos atrás, quando o rádio se via a braços com inúmeros problemas, Sady Cabral, hoje à testa do elenco de teatro cego da PRA-9, assim encarava os anúncios radiofônicos: "O ponto fraco do rádio brasileiro. E' um crime obrigar a um cavalheiro alfabetizado dizer certas barbaridades que todos nós ouvimos, sob o pretexto de que o anunciante quer. O ideal seria que o anunciante brasileiro fizesse como o norte-americano, por exemplo: programas de meia ou um quarto de hora, patrocinado por A ou B, sem exagêro de adjetivação. Chegaremos a isso, um dia?"

Que pensará nos dias presentes o festejado radialista ante os pavorosos quartos de hora que, via de regra, são proporcionados aos ouvintes?



Roberto Ruiz enveredou pelo teatro, adaptando peças para Alda Garrido e Jaime Costa. A primeira, "O Barreto é o candidato", serviu para encerrar a temporada de Alda Garrido



Carmélia Alves, dona de uma voz cem por cento, gravou duas melodias: um samba e um chôro. Ambos, diga-se de passagem, constituiram verdadeira atração no "show" do Copacabana

DIGA QUE SIM

Samba de Roberto Martins e Ari Monteiro

Diga que sim
Diga por favor
Diga que eu serei
O seu eterno amor
Diga que você
Já me respondeu
E que o portador
Não apareceu.

Mandei pedir seu enderêço
E o mensageiro
Não trouxe a solução
Telefonei não responderam
E quase que morri do coração.



IT'S MAGIC

Fox de Sammy Cahn e Jules Styne

You speak the song begins
You speak and I hear violins
It's magic.
The stars desert the skies and rush [to nestle
In your eyes, it's magic.
Without a goldn wand or mystic [charms
Fantastic things begin when Ia am [in your hand
When we walk hand in hand the [world becomes
A wonderland, it's magic.
How else can I explain those rain- [bowe
When there is no rain; it's magic.
Why do I tell myself these things [that
Happen are all really true;
When in my heart I know the [magic is
My love for you.



PALABRAS DE MUJER

Bolero de Agustin Lara

Palabras de mujer
Que yo escuche cerca de ti,
Junto de ti muy quedo
Tan quedo como nunca
Las quiero repetir para que tu
Igual que ayer las diga sollozando
Palabras de mujer
Aunque que no quiera yo ni quie- [ras tu,
Lo quiere Dios
Hasta la eternidad te seguirá mi [amor
Como una sombra iré,
Perfumare tu inspiracion
Y junto a ti estaré tambien en el [dolor
Aunque no quiera yo ni quieras tu,
Lo quiere Dios.
Hasta la eternidad te seguirá mi [amor
Hasta en tus besos me hallarás
Hasta en el agua y en el sol
Aunque no quieras tu, aunque no [quiera yo.

CINE REVISTA

Por LUIZ ALÍPIO DE BARROS



QUE SECRETÁRIA!... Sim, senhores, que secretária teremos na produção da United Artists, "My dear secretary". Não sabem quem é? Pois bem, aqui vai seu nome: Laraine Day. Na foto acima ela aparece recebendo instruções do "patrão" Kirk Douglas, o "sujeito mais feliz do mundo". A película traz ainda em papéis de destaque Keenan Wynn, Helen Walker e Rudy Vallee. A direção pertence a Charles Martin.

PANELINHA

Recebemos do sr. Eurico Ferrari, gerente da "Nova Indústria Cinematográfica", a seguinte carta:

"Prezado Senhor,

Em o número de 23 do corrente da REVISTA DA SEMANA, publicou V. S. uma nota, em sua seção "Cine Revista", a respeito do filme "Iracema", de minha produção. Essa nota contém algumas inexatidões, que certamente V. S. recebeu, de boa fé, de algum informador, e que lhe peço a fineza de retificar, para bem da verdade.

Não é exato que eu tenha "tirado o corpo fora" e arranjado um "salvador" para o filme. Êste foi produzido por mim até o fim, como organizador e produtor único, que nele inverti, não apenas novecentos, mas mil e seiscentos contos, por julgar eu essa quantia não excessiva para a importância da obra e porque, no meu conceito, não é indispensável que ela me dê lucro no mercado brasileiro, pôsto que meu fito é produzir obras brasileiras para serem lançadas, também, no mercado internacional. Como V. S. não ignora, é difícil que filmes de elevado nível, consigam cobrir suas despesas, em quase todos os países, apenas com o mercado interno; os lucros dos produtores, em tais casos, são fornecidos pelos mercados estrangeiros. A administração financeira do filme esteve unicamente a meu cargo, que não sou leigo na matéria (pois já produzi outros filmes na Itália)

Não é justo, tampouco, falar-se em "Salvação" do filme sôbre o aspecto artístico. O que houve foi, somente, o seguinte: que, ao devermos filmar certas cenas de grande importância e dificílima realização (as cenas de batalha, nas quais participou inusual número de extras) julguei conveniente que, ao lado do diretor Vittorio Cardinali, houvesse um segundo diretor, para mais eficiente e rápida filmagem das mesmas. Como V. S. sabe, "Iracema" é argumento de grande responsabilidade artística, por comportar, quase exclusivamente, filmagem de exteriores. Não obstante isto, e apesar de não nos ter favorecido o tempo, o filme foi concluído no prazo de cinco meses; seu copião está pronto e o lançamento depende exclusivamente da chegada do filme positivo virgem. Penso que, quando fôr exibido, reservará êle, muitas surprêsas agradáveis ao público brasileiro.

Quanto ao mais, o cinema brasileiro não perdeu um produtor, na minha pessoa. Tanto assim que a Nova Terra, a sociedade que fundei, está acabando de construir seus próprios estúdios (na Av. Roma, em Bonsucesso) e já tem seu plano de produção traçado; êsse plano prevê um mínimo de três filmes ao ano.

Agradecendo-lhe desde já o espaço que quiser dar a estas linhas em sua conceituada seção, apresento a V.S. os protestos da minha mais elevada consideração — (a) Eurico Ferrari."

nas telas

"SCIUSCIA"

(VITIMAS DA TORMENTA)

NA semana cheia de filmezinhos sem importância — "Tarzan e a montanha secreta", "Saudades dos teus lábios", "Romance em alto mar" e outras insignificâncias — tivemos duas surprêsas agradáveis. A primeira, com a exibição do notável "Les enfants du paradis" (O boulevard do crime), filme inédito de Marcel Carné, que inaugurou auspiciosamente o CÍRCULO DE ESTUDOS CINEMATOGRÁFICOS, entidade fundada por um grupo de jornalistas especializados em cinema. Sôbre "Les enfants du paradis", trazido ao Brasil, em boa hora, pela UCB, falaremos em nosso próxima crônica. Porque hoje, queremos nos referir a outra surprêsa, a agradável surprêsa de "Sciusciá" (Vítimas da tormental), película apresentada pela Eagle Lion-UCB em um dos cinemas desta capital, numa interessante sessão-surprêsa (assim foi denominada a sessão pelos seus próprios realizadores).

"Sciusciá" é um filme italiano dêste novo movimento peninsular que muitos querem denominar de néo-realismo. Seu realizador, Vittorio De Sica, é considerado no momento como um dos melhores diretores do sempre brilhante cinema europeu. Em "Sciusciá", De Sica tem o seu primeiro grande sucesso como "meteur-en-scene". Ator conhecidíssimo na Itália, Vittorio De Sica apareceu em vários filmes, demonstrando-se em todos um bom ator mas nunca bem dirigido, ou melhor aproveitado. Mas De Sica não nasceu para intérprete; nasceu para condutor de atores; nasceu para criar no cinema obras de arte. Êsse é seu destino. E De Sica não está fugindo dele.

Seu "Sciusciá" é uma prova evidente de que êle tem uma concepção cinematográfica bem orientada e esclarecida. Já havíamos assistido a um trabalho seu como diretor. Isso se deu com "Portas do céu", um filme de propaganda religiosa, patrocinado pelo Vaticano. Mas mesmo dentro de uma obra de propaganda De Sica conseguiu mostrar o seu espírito criador, e na cena final afirmou-se como um excelente condutor de massas cinematográficas, tirando da multidão de fiéis perante a imagem da santa milagrosa cenas de raro poder emocional.

Em "Sciusciá", um filme inteiramente seu, De Sica sentiu-se à vontade e concebeu uma obra de profundo conteúdo humano, levando para a tela, numa cinematografia equilibrada e sempre brilhante, o drama da infância desamparada e desajustada de após-guerra. Manejando um elenco completamente desprovido de atores profissionais, De Sica conseguiu um resultado quase miraculoso, possuindo o seu filme uma impressionante unidade interpretativa, onde apenas os dois garotos que geram todo o drama podem aparecer um pouco mais, isto devido às exigências dos tipos que interpretam, com maior importância dentro da história "Pasquale" e "Giuseppe", dois engraxates, dois tipos humaníssimos, que fazem rir e chorar, chorar mais que rir.

Filme de unidade irrepreensível, "Sciusciá" desenvolve-se dentro de uma narrativa nunca vulgar, e somente em uma ou duas cenas piegas (o namôro entre Giuseppe e uma garotinha, e o chôro desta no tribunal) destoa um pouco, porém, jamais sem quebrar ou mesmo afetar o equilíbrio da obra, obra que possui momentos primorosos de beleza plástica e emocional. Destaque-se a magnífica cena da entrada de Giuseppe e Pasquale na cidade, montados no cavalo, depois da acidentada compra do mesmo; ou os excelentes momentos dos garotos na casa da cartomante; ou tôdas as boas cenas do reformatório; ou o patético final do filme, quando incidentalmente Pasquale mata o seu melhor amigo.



"Sciusciá" — Mais um drama da vida

DE TODO O MUNDO

Faleceu na Itália, no mês passado, o diretor Gennaro Righelli. Um filme dirigido por Righelli: "O correio do rei".

★

Foram suspensas, temporàriamente, as preparações para a filmagem de "Quo Vadis?", película que a Metro pretende realizar com ares de coisa espetaculosa. John Huston, como se sabe, será o diretor, e Gregory Peck o principal ator. Mas acontece que Peck andou sèriamente avariado de um ôlho (quase fica cego) e sem Peck não foi possível se fazer nada.

★

Na Noruega, durante o ano de 1948, foram exibidos 292 novos filmes estrangeiros, distribuídos assim: 150 norte-americanos, 51 inglêses, 36 francêses, 34 suécos, 10 dinamarqueses, 7 soviéticos, 3 italianos e 1 finlandês.

★

E já que estamos falando em estatísticas, podemos adiantar que, segundo cálculos extra-oficiais, a Rússia possui no momento 26.582 salas de espetáculos cinematográficos, além de 8.757 cinemas ambulantes.

★

Douglas Fairbanks Júnior projeta realizar uma nova versão de "Tarakanova".

★

Vittorio de Sica, após o êxito internacional de "Ladrões de bicicletas", começou as filmagens de "Toto il buono".

EM LOCARNO

No Festival de Locarno, do qual participaram oito nações, com um total de 23 filmes, foram distribuídos os seguintes prêmios:

Grande Prêmio de Locarno, ao melhor filme, dado à película francesa "La ferme des sept pechads", de Jean Defaivre; prêmio ao mais notável filme sob o ponto de vista humano, dado a "Ladrões de bicicletas", película italiana de Vittorio de Sica; prêmio especial ao melhor filme policial, dado ao norte-americano "He walk by night", de Werker; prêmio especial para o melhor filme alegre, dado a "Adam and Evelyne", película britânica de Harold French; prêmio mundial para a melhor direção, dado a William Wellman, pelo seu trabalho em "Céu amarelo"; prêmio especial para a melhor interpretação, dado a Hilde Krahl, pelo seu desempenho no filme alemão "Liehe 47"; prêmio especial para o filme que apresente melhor exposição de enrêdo, dado a "Enchantment", película norteamericana; prêmio especial para a mais notável conjugação de fotografia e montagem dado ao filme francês "Patte Blanche" ...



GRAÇA MELO-FADA SANTORO
Leôncio e Isáura

"A ESCRAVA ISAURA" OUTRA VEZ

MAIS UM FILME NACIONAL

NOVAMENTE o cinema nacional está aproveitando o famoso romance de Bernardo Guimarães, "A escrava Isaura". Já em 1929 a Metrópole, uma produtora nacional, levou para a tela o drama de Isaura e Leôncio. Agora, o cinema brasileiro vai voltar ao tema do famoso livro, em um filme cujos trabalhos estão quase terminados. A película está sendo dirigida por Eurides Ramos e tem Hélio Barroso Neto como fotógrafo. O "screen-play" é de Eurides Ramos e José B. Tanko.

Para o papel de Leôncio foi escolhido o ator Graça Melo, e Fada Santoro mostrará se tem mesmo qualidades cinematográficas na interpretação da "escrava Isaura". Os outros principais papéis da película foram entregues aos atores Sady Cabral (Belchior), Manuel Vieira (Miguel), Déa Selvá (Malvina) e Cyl Farney (Álvaro).

O romance de Bernardo Guimarães, apesar de não possuir qualidades literárias que o coloquem na galeria das grandes obras, apresenta, no entanto, certos predicados na trama e no ambiente, que, bem explorados, podem dar alguma coisa sob o ponto de vista plástico no cinema. Isso quer dizer que o transporte da obra literária para a tela carece de uma adaptação, de uma cenarização e, de uma direção inteligentes. Nenhuma informação a êsse respeito temos sôbre a nova adaptação cinematográfica de "A escrava Isaura" e, por isso, nada podemos adiantar sôbre o desenvolvimento da película, a não ser os dados acima mencionados e as fotografias publicadas nesta página. "A escrava Isaura", portanto, precisa ser terminada e apresentada; quando isto acontecer, os leitores de "Cine-Revista" terão oportunidade de ler nosso comentário, um comentário rigoroso, naturalmente, pois uma obra como "A escrava Isaura", para ser levada à tela, exige de seus realizadores certas qualidades materiais e técnicas que os credenciem a fazer coisa dentro das possibilidades do tema. Contudo, não faltam aos realizadores de "A escrava Isaura" os conhecimentos necessários; senão a obra não seria planejada.

Teremos assim, e muito brevemente, mais um filme nacional, baseado em obra conhecida de nossa literatura. E desta produção, orientada e planejada pelo sr. Alípio Ramos, apresentamos aqui algumas fotos, feitas especialmente para a REVISTA DA SEMANA.



FADA SANTORO
A doce Isáura



GRAÇA-SADY CABRAL
Leôncio e Belchior

A BANDA DO MAESTRO NATO

CONTO DE **GERALDA BIFANA JUBILEU**

AOS domingos e dias santos maestro Nato instalava-se com a "Furiosa" (o apelido fôra o pessoal de S. Mateus que lhe dera, ela trazia o nome pomposo de Sociedade Musical dos Amigos de Eutérpe), no coreto do largo da Matriz. Somente as chuvaradas lhe desvirtuavam, no verão, a exibição metódica, quando, então, o maestro deixava de exibir, ao povo aglomerado no largo, o repertório, ensaiado durante a semana, de marchas patrióticas, de valsas sentimentais, de polkas e chorinhos que se harmonizavam na embocadura dos eximios ou desafinavam na articulação perrenha dos principiantes. Maestro Nato sentia dêsde menino, quando ainda malhava o triângulo na bandinha do pai, uma atração, um encantamento pela arte de Chopin e Tchaikovsky. Mas apesar do convivio estrito com a musa, Euterpe lhe negara tôda possivel técnica musical. Suas composições eram mediocres, vazias. E de nada lhe valia antepor ou pespor ao corpo musical uma introdução à Carlos Gomes, um final à Rossini com uns laivos de ópera e óperêta que lhe davam, na vila, foros de mestre imortal. Contudo, êle carregara, na cabeça, a maior caixa de teoria do pais. As mais pequenas sutilezas, as regras mais comezinhas da música eram-lhe familiares.

Transpunha, num minuto, solfejando, quando a voz, já gasta, dava ou com a ajuda do lapis e da folha pautada quando a transposição subia muito qualquer "ouverture", qualquer trecho clássico e com precisão, invulgar em sua idade, nomeava os autores das várias rapsódias, das várias danças universais, das várias óperas conhecendo-as, em meio, ainda que nos trechos menos populares, quando o gramofone reproduzia fanhoso o gemido da prima-dona, o desespero do tenor e o coaxar do baixo imitando o sapo boi.

Maestro Nato enrolando o bigode branco punha-se à frente dos músicos. Quando a batuta descia e fustigava a estante, o dobrado rasgava. Era sempre a mesma abertura barulhenta: "As duas águias" de Wagner. Formozinho, o pistonista, com as ondas frouxas do cabelo à seculo dezenove empastadas de oleo, olhava por cima do instrumento as moças que o fitavam deslambidas.

Era um verdadeiro D. Juan. Matara de indiferença a Rosa do Moinho, a Rosa do carroceiro, a Margarida do Cajueiro, enfeixando duas rosas e uma margarida num ramalhete fatal. E o mais afortunado. Os outros, apesar da aureola de amor que circunda cada músico provinciano, eram sempre burlados pelo pistonista Casanova. Que o diria o trombonista Zé Antônio, rapaz raquitico, amarelo como um pergaminho, meio arcado, a mover perrenho como se levasse no flanco o Colosso de Rhodes mais o Jardins Suspensos de Semiramis.

Zé Antônio amava demais mas nunca era amado. A moça o olhava uma, duas vêzes. O terceiro olhar já era para o Formozinho ou o baixista Quinquinhas, mulato sestroso, pernóstico, antipático. Em vão Zé Antônio amaldiçoava a cabeleira lustrosa do rival. Se pudesse compraria todo o estóque de oleo do Brandão Farmaceutico. Sabia que, sem o unto, a cabeleira arrepiaria tôda como um porco espinho enfesado, mas o que ganhava cozendo calças, paletós e coletes na alfaiataria do seu Honorio, de sol a sol, de segunda a sábado não lhe permitia tais larguezas. Desejava-lhe, a miudo, num mau pensamento, uma febre brava. Não que êle morresse, isso não. Que ficasse careca, que exibisse o crânio nu, luzidio, sem um fio de cabelo, nas noites de retreta. E então êle havia de rir, de rir, de rir, até morrer quando as moças o apontassem com sarcasmo. A cabeleira do outro já lhe era uma quasi obcessão. Mas o ódio do Zé Antônio transvasou quando notou o namoro do colega com a Maria do Moinho. Quis medir-se com êle. Os outros o dissuadiram. Como, se êle enfesado e pigmeu não chegava à cintura do Formozinho? Zé Antônio êle mesmo, mais tarde, confessou ser amargamente irrisório. Vingava-se na música. Era melhor músico que o outro.

Executava, com segurança, o trecho mais complicado, a polka mais carregada de fusas. Era por isso que, ás vêzes, fugindo à batuta do mestre, o piston e o trombone se duelavam, se feriam numa correria ilógica que obrigava o primeiro (quasi sempre êle perdia o compasso) a parar e esperar a volta dos instrumentos ao princípio da parte com prejuizo para a banda do Maestro Nato que, sem o piston, solista do conjunto, perdia tôda a beleza e atração. A turma gozava com isso! Não que odiassem o Formozinho. Gostavam dêle contudo temiam — e quem não temeria? — a beleza do colega que lhe dava sempre muita chance para se imiscuir nos romances alheios. Lá de trás Zé do Bombo sorria, num sorriso de dentes escuros, sem expressão e piscava os olhos estrábicos para as moças namoradeiras. Se era para a Zotinha ou a Maria era um mistério. Elas mesmas duvidavam pois os olhos do Zé Do Bombo convergiam em dois pontos distintos. Josefa rompera com êle, por isso. Para ela, o noivo olhava, à direita, onde serigaitava a Zéca do Ferreiro. O ôlho torto do Zé do Bombo fôra como o pomo de ouro que suscitara entre Juno, Venus e Minerva, a mais cruel das discordias quando Paris cedeu a Venus (que lhe prometera a mais linda mulher do mundo) o prêmio cobiçado. E então três vidas se desuniram, três deusas se odiaram. Só que a discórdia gerara somente entre Zé do Bombo e Josefa. A êsse tempo ficava noiva a Zéca do Ferreiro. Só José





Maria, o pratista, não temia a formosura do pistonista, nem seus meneios de tenor decaido, nem seu porte de mancebo de romance fasciculado.

Dêsde que Madalena, a espôsa, morrera, êle passou a viver do passado, de um passado que terminara há um lustro levando-lhe as esperanças. "Os desenganos vão conosco à frente e as esperanças vão ficando atrás!" êle poderia dizer se conhecesse o Pe. Thomas e o Contraste. Mas é que lia com dificuldade e só alinhavava o nome e o sobrenome, aprendidos na prática dos requerimentos e títulos eleitorais que o habilitavam a votar com o seu Prudente, chefe governista e vitalício da terra que, valendo-se dos cofres públicos, sempre lhe proporcionava um "auxiliozinho" para a compra das velas de sebo que êle queimava no cemitério e das corôas com que ornamentava a cova da espôsa pelo Finados. O tempo não lhe obliterara as cenas que se lhe gravaram no cérebro ensimesmado.

Dizia-se na vila que êle, ás sexta-feiras, corria ao cemitério, à meia noite, invocava-lhe o espirito, conversava com ela e quando a morta se despedia, êle repousava, até a madrugada chegar, junto dela. Quem espalhou o boato foi o Hilario saxofonista que o via subir muitas vêzes quando tocava, à janela da Cotinha, o Arrependimento, a Branca e a Declaraction d' amour. E Zé Antônio que o acompanhava confirmava. Não viram mais vêzes porque o delegado proibira as serenatas depois que o Noel cismou de cantar. Era um agouro o Noel com a voz rouca, desafinada, nasalando, alta noite, o Arrependimento, ponto calefrios na mais ardente Julieta. Na banda Noel atacava o sax. Existia entre êle e o mestre um antagonismo cortante. Dêsde a festa em S. Mateus o maestro vinha embirrando com êle. E com razão: o saxista bebera como um borracho e estragara o Me deixe só, o chôro predileto do professor quando fez a banda cair provocando a chacota do pessoal de S. Mateus. O maestro há muito desejava eliminá-lo da banda mas constrangia-se ante a idéia de que a filarmônica não pudesse sair à rua senão quando o Juca do Inácio se habilitasse a executar os dobrados e as valsas. Ia conservando-o mas contra a vontade.

Num domingo, Maestro Nato saiu à rua com a bandinha. Era um 7 de setembro ventoso e frio. Êle preparara um repertório de músicas patrióticas: o Hino Nacional, o Hino à Independência, a Canção do Soldado, o Duque de Caxias seriam executados. Ao dar sinal para começar As duas águias de Wagner, maestro Nato notou uns riscos de bebedeira nas escleroticas sangrentas do Noel. O corpo tinha a estabilidade da Esfinge de Gizeh, mas aquêle sorriso...

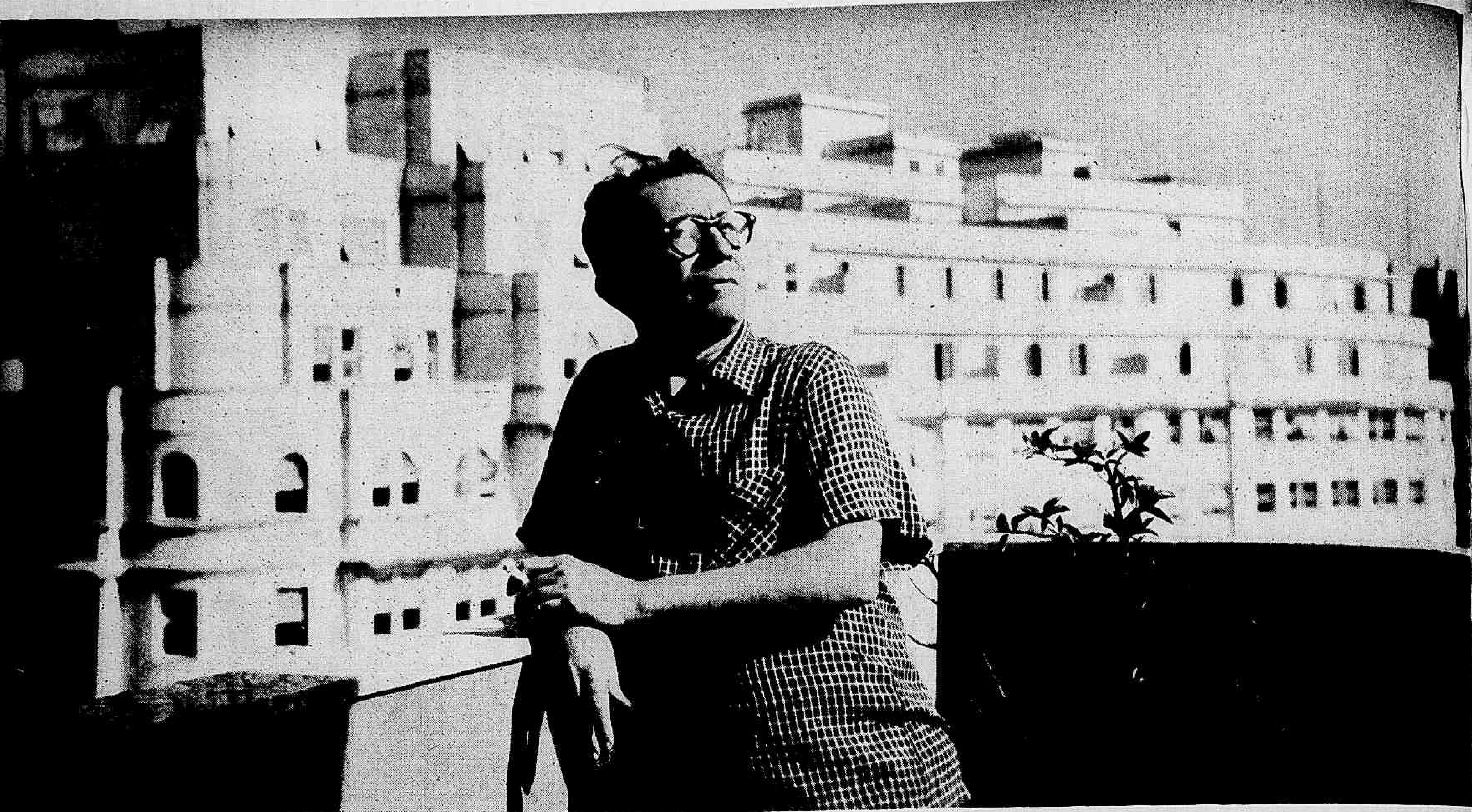
Quando Noel entrava de ser maneiroso e antipatico podia-se esperar bebedeira grossa. O maestro odiou-o naquêle momento. Se estivesse armado curaria a bebedeira do Noel com um tiro na bôca. A banda desfilou garbosa, cumprimentou o coronel Prudente, vencedor na última eleição e penetrou no corêto engrinaldado de bandeirinhas verdes e amarelas. Em volta o povo se comprimia. O Brandão Farmaceutico, companheiro na mocidade do maestro, num grupo de homens, comentava, influenciado pela data: — A provincia tem dado grandes homens à Nação. Santos, deu o Bonifácio, Cantagalo, o Euclides, Campinas, o Carlos Gomes e Jurucema, ah! nós daremos ao Brasil, o Nato. E todos confirmavam, com um sorriso de orgulho, a discurseira do farmaceutico embora perguntassem a si mesmos quem éram o Euclides e o Bonifácio.

O farmaceutico sentindo-se o ponto de mira de todos continuou a discurseira até que o Duque de Caxias começou rasgado, barulhento. Continuaria se os outros ainda lhe dessem atenção. Tinha o complexo de Socrates, o coitado. A melodia cadenciada punha movimento no corpo dos moços e olhar de cão abandonado nos olhos dos velhos que recordavam outras retretas como aquela. O piston do Formosinho soava alto como a querer arrasar tudo do céu aos pregões dos vendedores de pirolito e biscoito japonês. Os hinos se sucediam. Chegou a vez da Canção do Soldado. Maestro Nato estava empanzinado de orgulho. Reverenciava os que o vivavam e sorria paternalmente aos músicos. Até o Noel ganhou um sorriso. Não é que êle tocava bem, mesmo meio ébrio. Bateu a batuta com fôrça na estante mas a batuta lhe resvalou da mão, deu uma cambalhota no ar e foi cair aos pés do Formozinho que a apanhou com o mais estudado dos sorrisos. A esta hora a marcha já ia pelo meio da primeira parte. Maestro Nato não se intimidou. Continuou a regência. Só o Formozinho se manteve teso, sem tocar: perdera o compasso e quando os perdia não sabia encontrar o fio da emaranhada meada musical. Quando o pistonista achando o trecho perdido rasgou o estribilho com estadalhaço Noel que já começara a ver na parte colcheias, minimas e seminimas em demasia olhou para o colega com o olhar tôlo de ébrio, soltou uma risadinha que ninguém escutou e tambou sôbre a estante com o sax no colo.

Maestro Nato empalideceu mas continuou a fustigar a estante com a batuta. Quando percebeu, porém, sua incapacidade de recolher os sons do piston, do trombone, do clarinete, do bombardino, do saxofone que descombinados entraram numa andadura, louca até que o clarinete, sosinho, sem a cadência do bombo e do prato por fim se calou após gritar, esbravejar e ganir, rasgou a partitura com furia e lançou-a à cara do ébrio. Noel soltou uma exclamação ininteligivel e caiu de supina no chão do corêto. De tôdas as bôcas como um chocalhar de guisos partiu uma risada histérica, arrebatadora. Dir-se-ia que milhões de sacis faziam cócegas naquela gente. Maestro Nato enrijeceu-se. Parecia um homem de pedra quando desceu teso como um mastro as escadas do corêto. Êle atravessou ruas, bêcos e transpôs a ponte. Tudo nêle era de pedra. Tudo. Não sentia nada dentro de si. O sangue solidificado não circulava nas arterias duras como canais de bronze. Êle era uma estatua arrancada, pelo vento, do pedestal e como uma estatua caminhava com as pernas pesadas, duras, juntas, impotente para desuní-las, para separá-las, para mudar-lhes a forma que o molde lhes dera. Era mais de meia noite quando olhou para trás. Lá em baixo a vila da sua glória, da sua glória e do seu fracasso, dormia quase sem luz, acanhada e tristonha. Ah! se tudo amolecesse dentro dêle, ah! se o sangue voltasse a correr dentro de si, ah! se pudesse desunir os pés da estatua.

Uma lágrima saiu-lhe dos olhos, de repente. O maestro sentiu as entranhas arrebentarem-se, estalarem com um rumor surdo e então as lágrimas correram livremente. No alto do morro, na estrada escura, o homem de pedra voltara a ser humano.

ILUSTRAÇÃO DE **A. FONTOURA**
SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**



Tôdas as manhãs, do alto de seu apartamento, à avenida Calógeras, Osório contempla a cidade que cresce e que o elegeu. Na foto, porém, êle está casualmente de costas para a Agência Nacional (antigo DIP), que fica defronte à sua residência. E olha para longe, em direção da entrada da Guanabara, que é também um caminho para o Norte

O CIDADÃO JOSÉ OSÓRIO BORBA

DE O MENOS RUIM CAVALEIRO "BAIANO" A QUASE AFOGADO NO PÔSTO QUATRO ★ UMA "FOGUICE" PERIGOSA QUE DEGENEROU EM DESAPONTAMENTO COMPLETO... ★ UM LIVRO SEM GRANDES PRETENSÕES, PORÉM COM MENOS AZEDUME ★ O GRANDE DISSABOR DO JORNALISTA

Reportagem de LUÍS MORENO
Fotografias de ARNALDO VIEIRA

JOSÉ OSÓRIO DE MORAIS BORBA teve, em sua infância, a vida de todo menino de engenho. Montou a cavalo em pêlo, desprezando sela, manta, cangalha e demais pertences. Por isso, aos seis anos de idade já era um jóquei de qualidades apreciáveis, embora contando com uma série de valentes e perigosas quedas. Principalmente as levadas no prado que improvisara do açude à casa grande. Daí confessar-nos que "a equitação seria meu esporte se eu fosse grã-fino. Como não o sou, limito-me a passear a cavalo quando passo dias no campo". Aliás, por ocasião de sua presença na cidade de Bagé, viu-se aclamado o menos ruim cavaleiro "baiano", num certame que teve por juiz o saudoso ministro Simões Lopes.

Também a natação sempre exerceu certo fascínio sôbre o ilustre representante do P.S.B. Acostumado às travessias de rios cheios, arriscando-se aos "peraus", não receou a violência das ondas de Copacabana. Essa bravura, porém, quase lhe custou a vida no Pôsto Quatro, ante o olhar aterrorizado de Café Filho que, não sabendo nadar, se limitou a pedir socorro a outros banhistas. Data dêsse insucesso o medo que Osório Borba tomou pelo mar, preferindo mergulhar na banheira de seu apartamento da avenida Calógeras.

Da infância passada no engenho Laureano, em Aliança (Pernambuco), êle guarda todo um mundo de boas recordações. E não é sem tristeza que nos fala que "o cheiro do caldo de cana e do mel nas tachas, e os brinquedos nos grandes montes de bagaço — a bagaceira — são a grande saudade dos meninos de engenho pela vida fora. Nabuco disse umas coisas bonitas sôbre isso em **Minha Formação**".

CHORADEIRA POR UM PÔSTO

Da casa grande, onde todo um mundo de felicidades se descortinava, Osório passou para o internato do major Abílio Clementino Bezerra, na cidade de Nazareth. Aí começaram seus primeiros passos na vida. E de sua passagem pelo colégio do major Abílio — que no seu dizer era a própria ciência da terra: a biblioteca de consulta, o dicionário — êle guarda uma recordação que ainda o encabula. Foi a choradeira interminável que fêz porque no "Tiro" dêsse estabelecimento de ensino viu-se promovido a anspeçada, enquanto outro companheiro teve as divisas de sar-





A ESQUERDA — Por duas vêzes o secretário do Partido Socialista participou do Congresso de Escritores Brasileiros. O flagrante acima mostra-nos Osório em companhia de Dante Costa, Otávio Tarquínio e Lúcia Miguel Pereira, quando em visita ao Museu do Ouro, em Sabará. À DIREITA — Eis um precioso flagrante fotográfico, em que figuram os maiores nomes da literatura e das artes plásticas. Apanhado durante um almôço a Portinari, na Urca, êle reúne os pintores Guignard, Portinari e Santa Rosa; ao lado dêste a romancista Rachel de Queiroz, sras. Portinari, Santa Rosa e Sotero Cosme; o pintor Ismailovitch, o colecionador Barros Carvalho, poeta Jorge de Lima, sra. Barros Carvalho, engenheiro José Cláudio Ribeiro e escritor Mário de Andrade (os dois últimos são mortos) e o poeta José Anto. No terceiro plano: jornalista Benjamin Cabelo, caricaturista Dilermando Cox, pintor Roberto Burle Max, jornalista Osório Borba e o pintor e arquiteto Alcides Rocha Miranda. No último plano: o pintor e caricaturista Augusto Rodrigues, pintor e violinista Sotero Cosme, pintor Errico Bianco e o poeta Manuel Bandeira

gento. Era êle Rodolfo Coutinho, hoje professor num dos estabelecimentos de ensino do Rio.

Mais tarde, levado pelo desejo de aumentar seus conhecimentos, ingressou na Academia de Comércio de Pernambuco, onde veio a concluir o curso de guarda-livros, profissão de que pouco se utilizou.

Aos treze anos de idade, uma outra vida começou para Osório. Com a família residindo no Recife, e praticamente sem recursos, fêz-se caixeiro de graça numa loja "para praticar". Não deu para a coisa, porém. Tanto assim que, depois de um mês, foi despedido por não saber atrair as freguesas, nem rasgar a fazenda de um golpe. Meteu-se, então, numa drogaria, onde ganhava uma "prata para o bonde". Aí permaneceu pelo espaço de um ano, quando se tornou guarda-livros de um leiloeiro, que lhe pagava vinte e cinco mil réis por mês. Com o salário vil a lhe perseguir, voltou-se para a imprensa.

E' o próprio parlamentar quem confessa:

— "Ingressei no jornalismo, ao que me lembre, pela simples circunstância de que desde os treze ou quatorze anos tinha a mania de literatura e escrevia versos e prosa para jornaizinhos tolerantes. Instintivamente procurei escrever por profissão, o que só era possível em jornal. Mas tomei gôsto. Foi a única profissão que tentei depois do comércio. Jamais quis ser, por exemplo, funcionário público. (Às vêzes sou tentado a arrepender-me...) Gosto de fazer jornalismo, gosto de ser redator de jornal. E gostaria muito mais se pudesse dispensar a tortura dos horários rígidos. Durante a maior parte da minha vida profissional quase nunca assinava. Quando me fiz (por necessidade de ganhar a vida, em 1937) exclusivamente colunista, vi que perdera muito tempo no sacrifício inútil do trabalho anônimo das redações. Assinar satisfaz-nos a vaidade, dá-nos oportunidades, inclusive a de ser útil aos outros, de defender o interêsse público. Faz-nos mais respeitados, faz da gente alguém. Sob êsse aspecto, sou muito grato à ingrata profissão. Uma das minhas vaidades, hoje, é o generoso favor público que estimula minhas bobagens de cada dia."

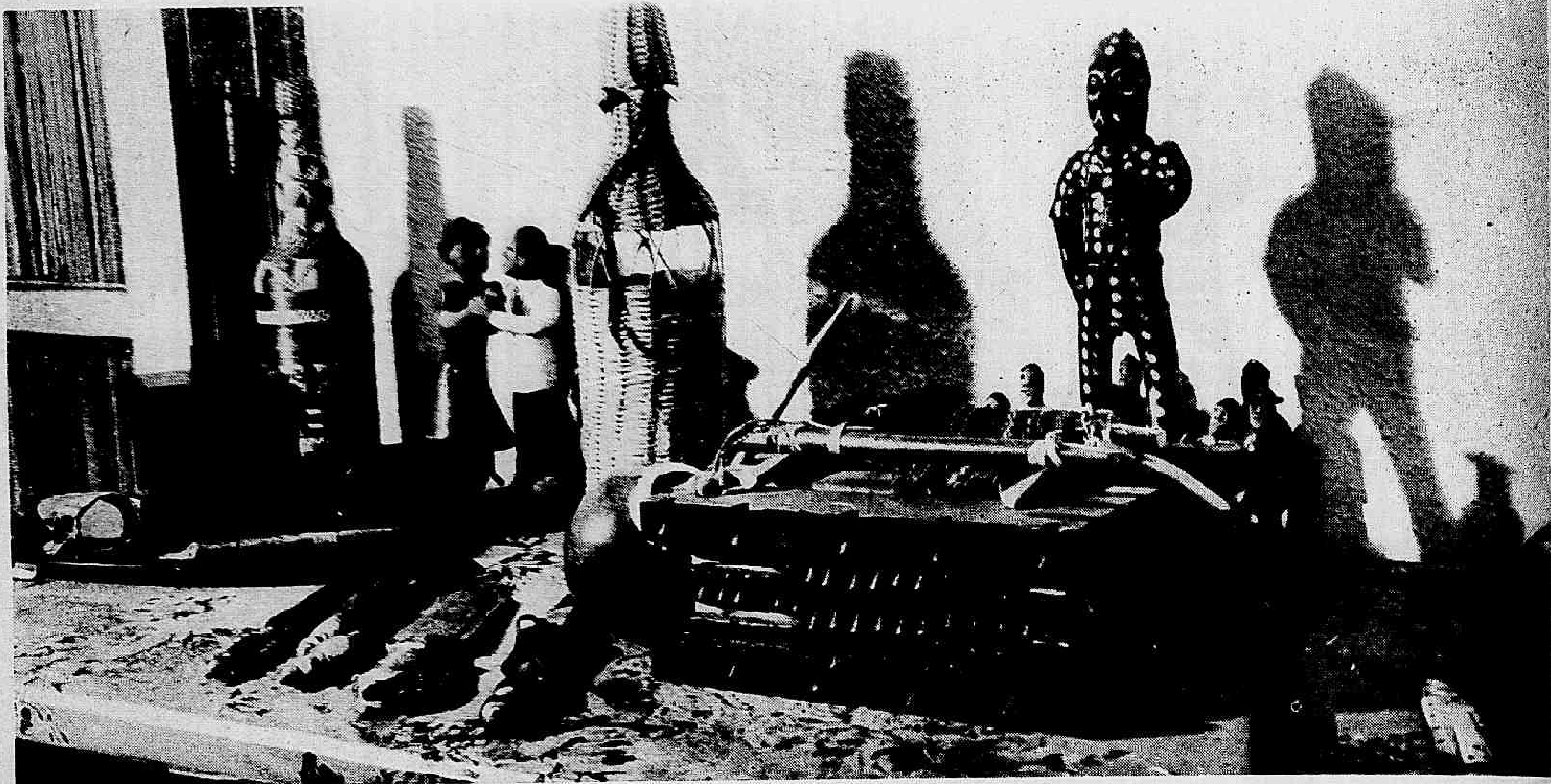
A GRANDE FOQUICE

Como todo profissional de imprensa, Osório não escapou aos cavacos do ofício. Nem sequer deixou de cometer suas foquices. A maior, porém, aconteceu quando êle contava dezessete anos de idade e exercia as funções de repórter policial no "Diário de Pernambuco", percebendo o salário de oitenta mil réis mensais. A bordo de um navio de guerra, que se achava ao largo do pôrto do Recife, registrou-se violento incêndio. Nosso reportado recebeu a incumbência de apurar os fatos, rumando para o local do sinistro, em companhia de outros colegas. O capitão do Pôrto — um tal de Noronha Santos — proibiu a abordagem da lancha em que iam os jornalistas. Os repórteres insistiram, o que levou o comandante a assestar um holofote sôbre os mesmos. Na luz do holofote, Osório fêz um gesto bem brasileiro, que chegou ao conhecimento do capitão. Êste esperou a repetição do desafôro, disposto a fazer fogo. Regressando a terra, sem dispor de qualquer nota sôbre o incêndio, o jornalista escreveu longa e tremenda descompostura no capitão do Pôrto que, para espanto do próprio autor, foi reduzida a duas linhas irônicas pelo redator-chefe do "Diário de Pernambuco". Já nesse período Osório revelava seus pendores para o terrível panfletarista que se tornaria mais tarde.

O vereador do P.S.B. tem trabalhado muito na imprensa. Foi companheiro de Mário Rodrigues na "A Manhã", onde chegou a exercer o cargo de diretor substituto. Fundador e redator-chefe do "Diário Carioca". Fundador e colunista do "Diário de Notícias". Colaborador, durante cinco anos, do "Jornal do Comércio", onde escrevia, diariamente, uma croniqueta sob a assinatura O.B. Por sinal que a atividade de Osório Borba no matutino do saudoso Felix Pacheco é pouco conhecida.



A bomba e cuia do chimarrão. Há vinte anos Osório tenta viciar-se a tomar a erva, porque ela tem fama de depurativa e digestiva. Mas acha-a muito amarga e difícil de preparar. Foi presente do seu amigo socialista Farias Guimarães, por ocasião de seu regresso de Pôrto Alegre. A propósito do chimarrão, nosso reportado ouviu do presidente do P.S.B. no Rio Grande, Rubens Maciel, que suas virtudes medicinais não são muitas. E' apenas um vício mesmo... E uma tradição local



Êste é o pequeno museu folclórico de Osório Borba. São lembranças enviadas por pes soas amigas, ou recordações de viagem. Algumas dessas peças foram fotografadas em separado porque, são, no gênero, realmente interessantes

Na vida jornalística, segundo confessou-nos, não tem nenhum lema escrito. Nem procura dar forma aos princípios de ordem moral a que se impõe. Acha não ser provável que todos os leitores o reconheçam, argumentando as incompreensões, a má fé, os interêsses e as suscetibilidades feridas, e as famas injustas que os inimigos procuram sempre dar. Mas, garante, tem consciência de que obedece a uma ética definida e certa. Não acusa sem provas. Nunca ninguém se mostrou animado a processá-lo por calúnia, apesar do tom áspero que, por uma questão de temperamento, às vêzes imprime à crítica.

Suas são estas palavras:

— "Nunca me deixo, conscientemente pelo menos, guiar por motivos pessoais. Quando tenho de discordar não respeito a condição de amigo daquele que suponho em êrro. Dos inimigos pessoais (que o são por motivos pessoais) nunca me ocupo. Também não me considero suspeito para criticar erros e crimes de um governante ou de um político pelo fato de ser meu inimigo também pessoal — desde que a inimizade não tenha resultado de questões individuais e sim de questões de interêsse público. Darei um exemplo. Durante anos em que um adversário, ex-vereador, esteve de relações cortadas comigo, nunca, a não ser muito delicadamente e muito de passagem, me ocupei dele. Depois que reatamos relações de cordialidade, já o critiquei várias vêzes com certa dureza.

"Finalmente, quando me excedo (a juizo dos outros) na crítica, no ataque, na sátira, contra um político ou governante, enquanto a outros trato com mais tolerância e linguagem mais amena, é porque me parece que deve haver uma gradação correspondente às qualidades e aos defeitos de cada um. Uns cometem erros ou fazem coisas mal feitas eventualmente; outros sempre agem mal, e em escala que não permite o reconhecimento de atenuantes..."

O INGRESSO NA POLÍTICA

Os partidos regionais, com suas lutas internas, suas campanhas pela conquista da supremacia dêste ou daquele pôsto, despertaram no espírito do menino do engenho Laureano a paixão pela política. Por isso, quando se ofereceu uma oportunidade para conspirar contra o govêrno, Osório não a perdeu. Mais tarde, quando veio a campanha de 1930, êle formou entre os paladinos do movimento, embora tempos depois se tornasse um combatente feroz contra o regimem implantado pela figura de proa da Aliança Liberal, o sr. Getúlio Vargas. Dêsse modo, o partido que em 1933 nasceu da revolução liberal o fêz constituinte. Nessa época chamava-se Social Democrático, embora nada tenha a ver com o atual P.S.D. Sob a legenda do mesmo, tornou-se deputado federal, até 1937, quando veio o golpe de Estado. Nessa passagem pela Câmara Federal Osório não teve um minuto de tolerância para com os futuros implantadores do Estado Novo, a ponto de votar contra o estado de guerra, fato que provocou censura da agremiação partidária a que se achava filiado. Oito anos depois da implantação do regimem ditatorial veio como candidato à Constituinte, na chapa da União Democrática Nacional, indicado pela Esquerda Democrática. Perdeu a eleição. Em 1947 a Esquerda Democrática fê-lo vereador pelo Distrito Federal.

No Legislativo carioca a ação combativa de Osório Borba tem sido das mais intensas. Basta relembrar sua oposição à vergonhosa reforma da secretaria. Não compartilhando do que fizeram seus companheiros de Legislativo, retirou-se do plenário, após tomar parte nos exaustivos debates que se levaram a efeito. E, já em sua residência, apelou para a telefonista, a fim de que não insistisse nas chamadas, porque de há muito terminara o horário da sessão legislativa que, no dizer do próprio vereador, foi das mais vergonhosas de quantas ali se têm realizado.

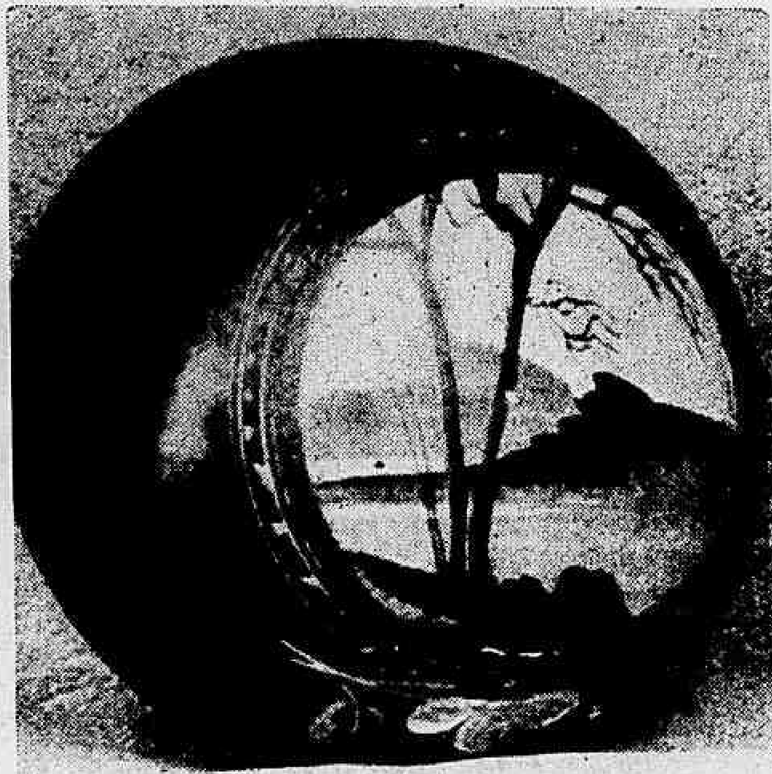
Êsses fatos induziram-nos a indagar-lhe se se sentia satisfeito como vereador. Embora achando a pergunta difícil, Osório respondeu-nos:

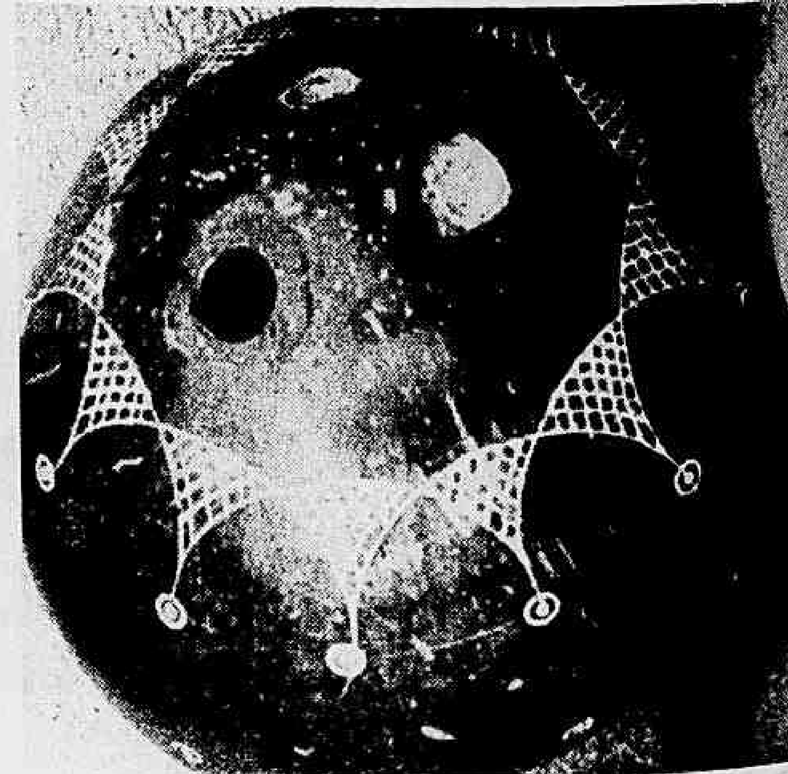
— "Claro que é uma honra exercer um mandato popular, tão lisamente conquistado, num partido iniciante, sem favores oficiais, sem dinheiro, sem imprensa, bloqueado pela má vontade geral. Muitas vêzes, porém, a conduta da maioria da nossa Câmara desgosta, desanima, quase desespera. Escuso-me de deter-me no assunto. São coisas sabidas."

Prosseguindo em suas divagações políticas, não é sem entusiasmo que o ilustre vereador aborda a posição de seu partido, revelando-nos que...

— "O Partido Socialista Brasileiro não passou ainda por teste eleitoral decisivo. Até agora concorreu ainda com o primitivo nome de Esquerda Democrática, como partido registrado apenas nos pleitos estaduais e municipais. E o fêz ainda pouco conhecido, sem meios para fazer uma grande propaganda. A prova decisiva serão as próximas eleições gerais. Ainda assim em todos os Estados e municípios onde já concorreu, o partido cresceu em votação de um pleito para outro. Foi talvez o único que aumentou em todo o país. Em 1950 o Partido Socialista vai competir já muito mais conhecido, com representação na Câmara Federal, em algumas câmaras estaduais e em numerosas municipais, em São Paulo, Estado do Rio, Minas, Rio Grande, Espírito Santo, Goiás, Sergipe, Alagoas, Paraiba, etc. Em quase todos os Estados já temos seções funcionando. Contamos com alguns diários e muitos semanários em várias localidades. O Partido, pelos seus representantes nas Câmaras e pelas suas seções, tem sustentado campanhas populares, como a da nacionalização do petróleo, como a da liberdade sindical, a defesa do direito de greve, o combate aos favores imorais à Light, a ampliação da legislação trabalhista. E é, quase se pode dizer, o único partido de oposição, combatendo os abusos do govêrno e da maioria parlamentar, as violências policiais, etc. E' visível o crescimento do Partido em simpatias populares. No Rio como nos



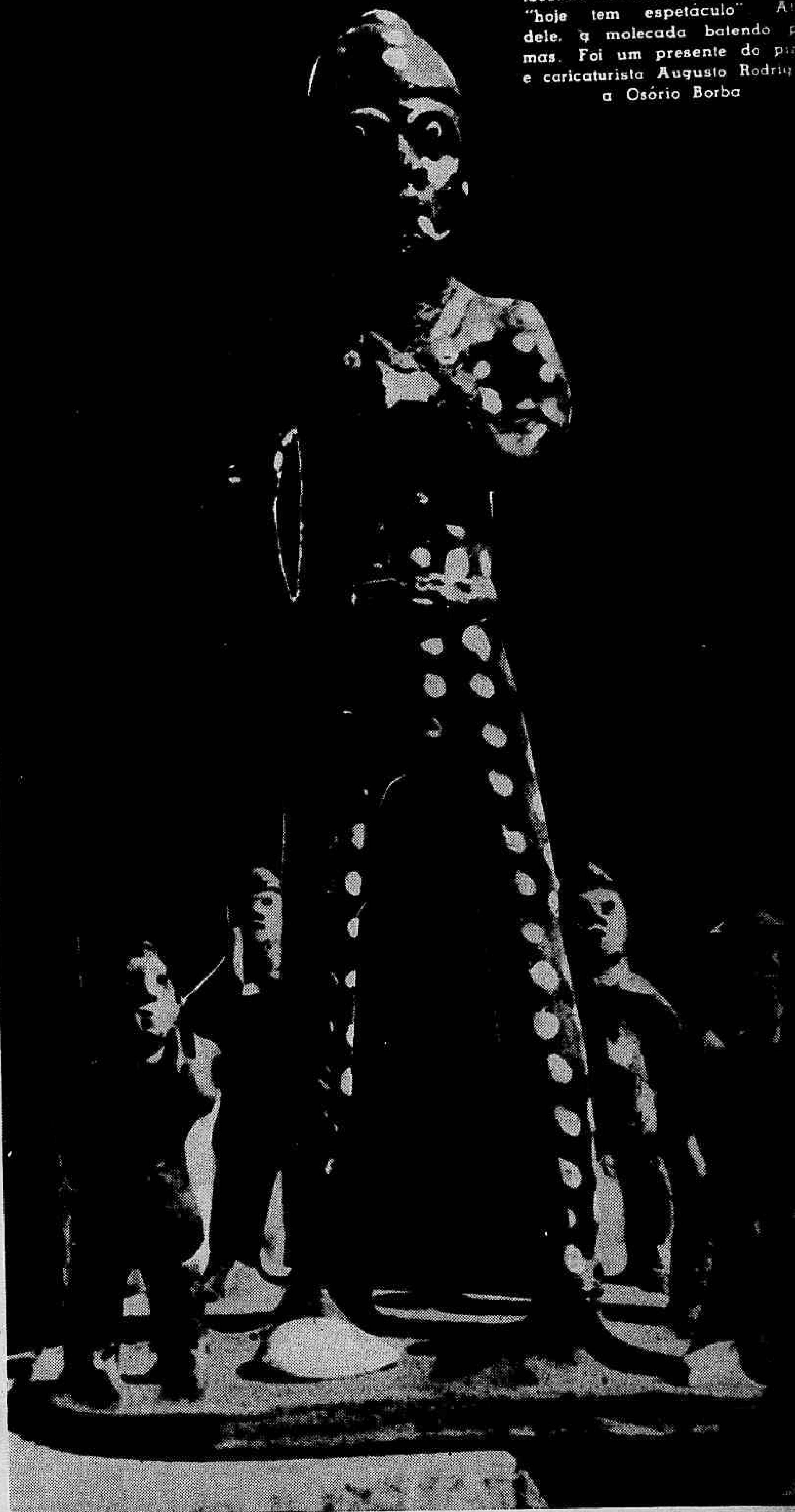




Uma cuia de Vêr-o-Pêso (a célebre feira do cais de Belém do Pará), outra do mercado de São José e um côco pintado a côres, comprado no aeroporto de Araújo. Dentro do côco tinha cachaça...

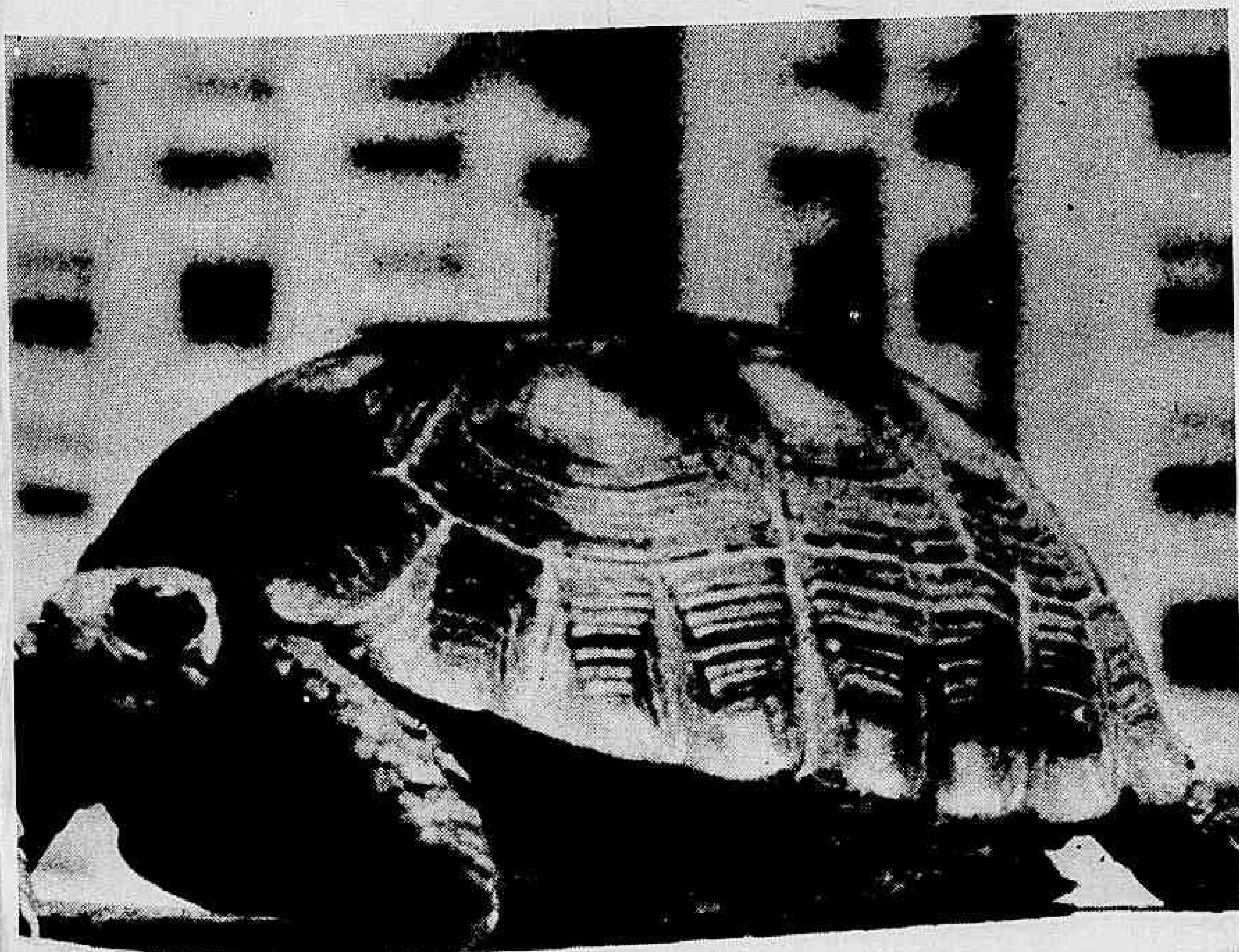


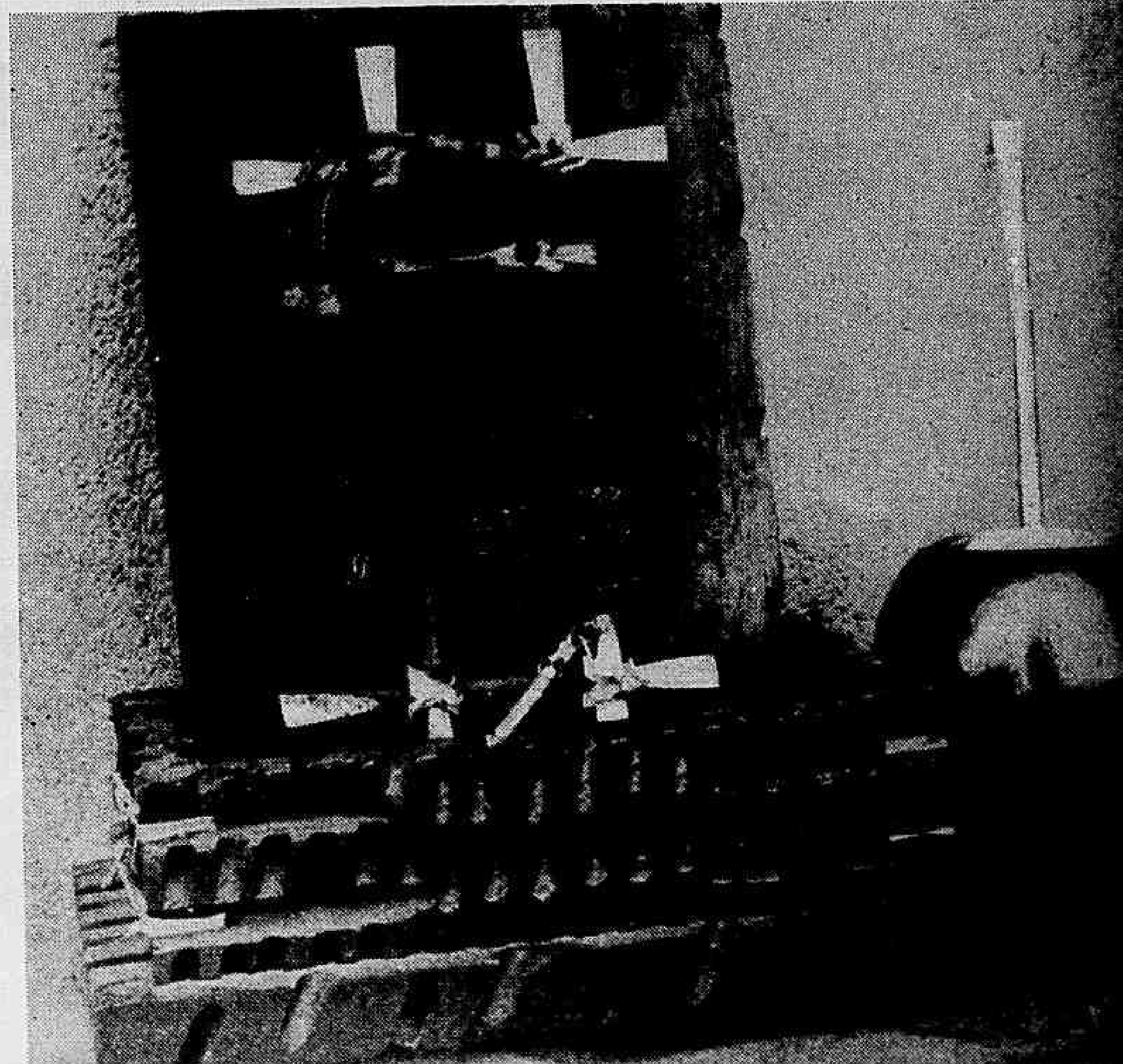
O CASAL DANÇANDO — Uma delícia de escultura popular do nordeste, de alguns dos mestres de Caruaru ou de Doca de Nazaré. Foi comprado na Feira do Parque Amorim, Recife. A cabrocha de vermelho. O coió já imitando a "elegância" carioca moderna



O PALHAÇO DO CIRC[illegible] Sôbre enormes pernas de p[illegible] tocando trombeta, anunciando [illegible] "hoje tem espetáculo". A[illegible] dele, a molecada batendo p[illegible] mas. Foi um presente do pi[illegible] e caricaturista Augusto Rodrig[illegible] a Osório Borba

A ESQUERDA — Gandhi, como tantos outros bichos, tem a sua história. Presente da irmã de Samuel Wainer, êle passou trezentos e sessenta e cinco dias jejuando... Também já excursionou pelo apartamento vizinho... Hoje, célebre nos círculos literários, vive pacatamente no apartamento da avenida Calógeras, solteirão como o seu próprio dono.
À DIREITA — Uma caixa de bombons, de madeira. Um primor da arte popular de Córdoba, Argentina. Uma recordação de turistas, vindos de Buenos Aires. A tampa fixa a vida do gaúcho, a cavalo ou no galpão: catre, manta, pelego, chincha, rebenque e boleadeiras





costumeiros artigos de jornal. Osório arruma-se para a habitual "sessão legislativa" da Gaiola de Ouro. Pasta sob o braço, lá vai êle defender os direitos de seus eleitores

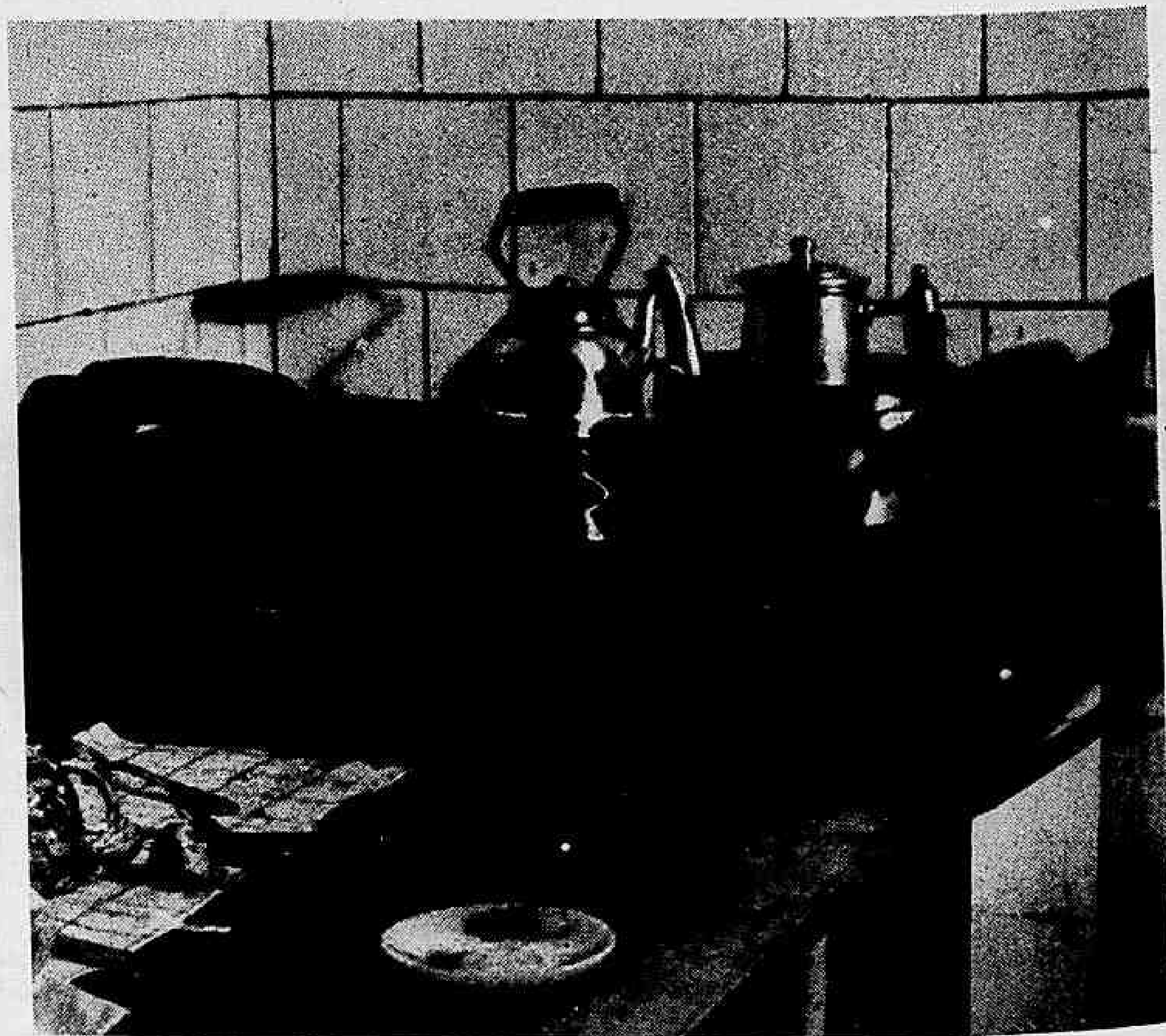


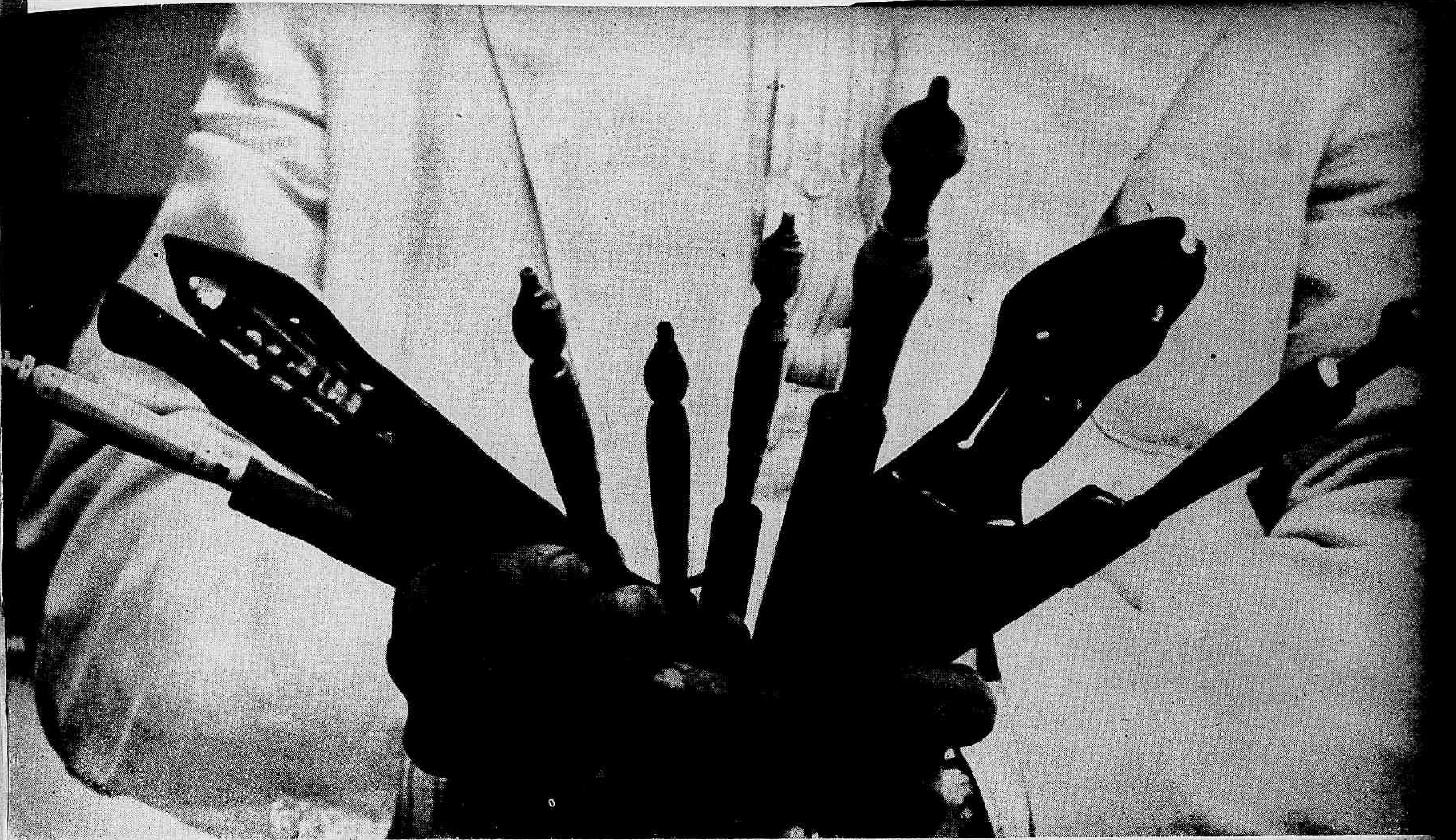


DE CIMA PARA BAIXO — Tal como a do Barão do Rio Branco e a de Euricles de Matos, a mesa do vereador José Osório Borba peca pela desarrumação. E' nesse amontoado de jornais que o ilustre representante do P.S.B. elabora seus temíveis artigos. Um trecho de Olinda colonial. Bonita aquarela de Manuel Bandeira (o pintor, não o



poeta), ornamentando a sala de trabalho do autor de "A emboscada". Também como o presidente Eurico Gaspar Dutra, Osório Borba é um madrugador incorrigível. Tão logo se põe de pé, êle mesmo prepara o "cafezinho". Aqui está o fogão com a panelinha em que êle conserva o "moca" em banho-maria...





Osório Borba tem uma apreciável coleção de facas, em que figura um autêntico ponta-de-espada com cabo de osso e anéis de ouro do sertão pernambucano, lembrança de seu amigo e correligionário, o pacífico major reformado da Polícia Braz Calmon. Vê-se, ainda, um punhal, pequena jóia que o ofertante, o advogado Nehemias Gueiros, descreve assim, euforicamente: aço de asa de avião, marfim de bola de bilhar, incrustações de ouro de S. José do Egito, bainha decorada por um Celini do couro

Estados é constante e considerável o movimento de adesões espontâneas de elementos de tôdas as classes, inclusive do operariado. Temos razões para crer que pelo menos triplicaremos em 1950 os resultados eleitorais já obtidos."

Prosseguindo em suas considerações políticas, nosso reportado aborda o problema sucessório, esclarecendo-nos:

— "Num partido que tem um programa e um estatuto e que os cumpre, e onde as decisões políticas só são tomadas mediante a mais rigorosa democracia interna, pela ampla discussão e votação de seus organismos, um dirigente nada pode adiantar sôbre êsse problema. As assembléias partidárias é que resolverão. Mas é fácil compreender que uma agremiação ainda numericamente pouco podendo influir na questão, provavelmente julgará conveniente não se antecipar. Nosso apoio a qualquer candidato — isto é certo — não será de modo nenhum decidido através de acordos ou conchavos com quem quer que seja. E sim resolvido pelo próprio partido e condicionado à aceitação pelo candidato de um programa mínimo de reivindicações de caráter socialista e popular que apresentaremos a todos os que se apresentem. Quando em 1945 apoiamos Eduardo Gomes, êsse eminente brasileiro adotou e incluiu na plataforma vários pontos do nosso programa em favor dos trabalhadores. Foi essa a condição da nossa adesão ao candidato da união das correntes democráticas."

O ESCRITOR E TRADUTOR

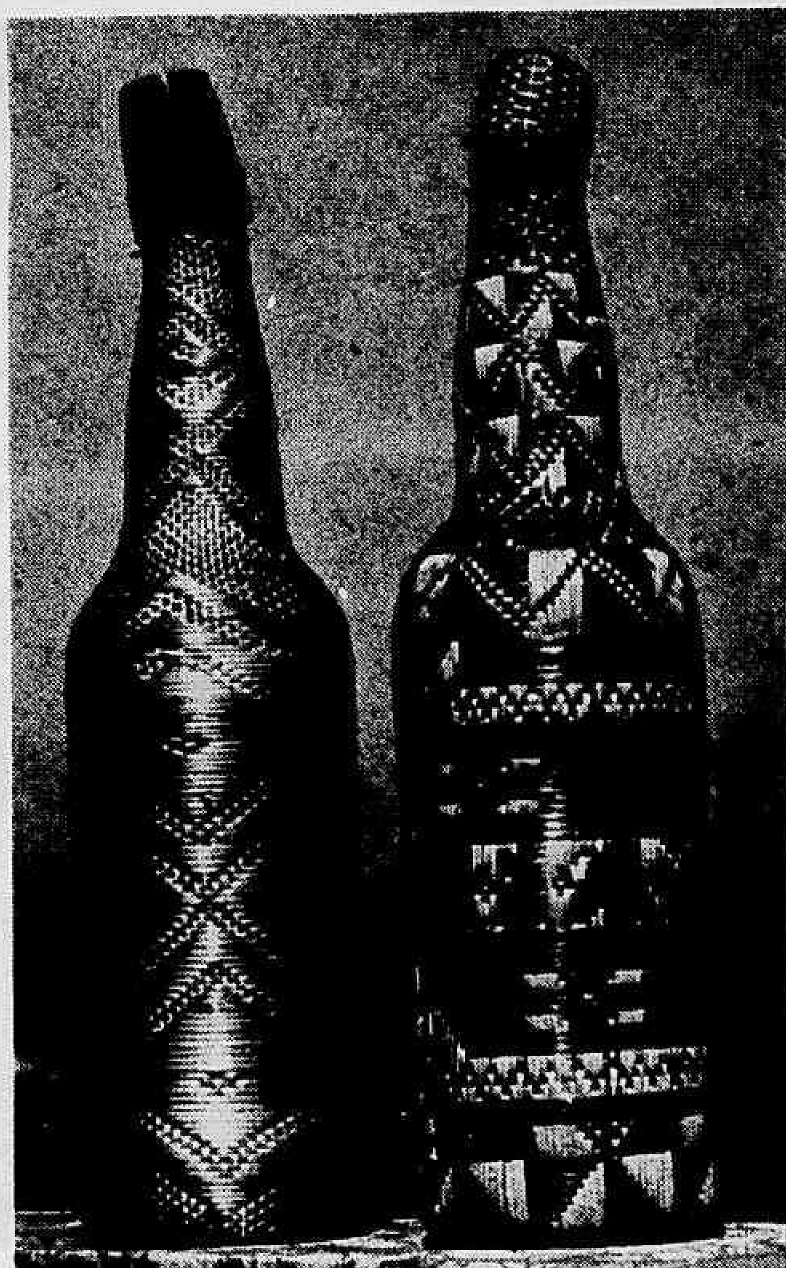
Contando quarenta e nove anos de idade, dos quais trinta e seis de trabalho árduo e mal remunerado, José Osório de Morais Borba só nos primórdios de 1923 travou contacto com as livrarias, através do lançamento de "Na côrte de Dom Bio Zero", volume de sátira política. Dois anos mais tarde, publicou "Medalhões e Medalhinhas", em que misturou política e literatura. Como parlamentar, editou "A emboscada", focalizando o sinistro golpe de 1937. No decorrer de 1941, por intermédio da Alba Editora, em sua coleção "Crítica e Ensaio", deu à luz "A Comédia Literária", verdadeira bomba atômica contra os pseudos literatos. Finalmente, em pleno renascimento da democracia em nossa terra, lançou "Sombras no túnel", uma edição da Casa do Estudante do Brasil, onde se acham enfeixados vários ensaios escritos durante a vigência do Estado Novo.

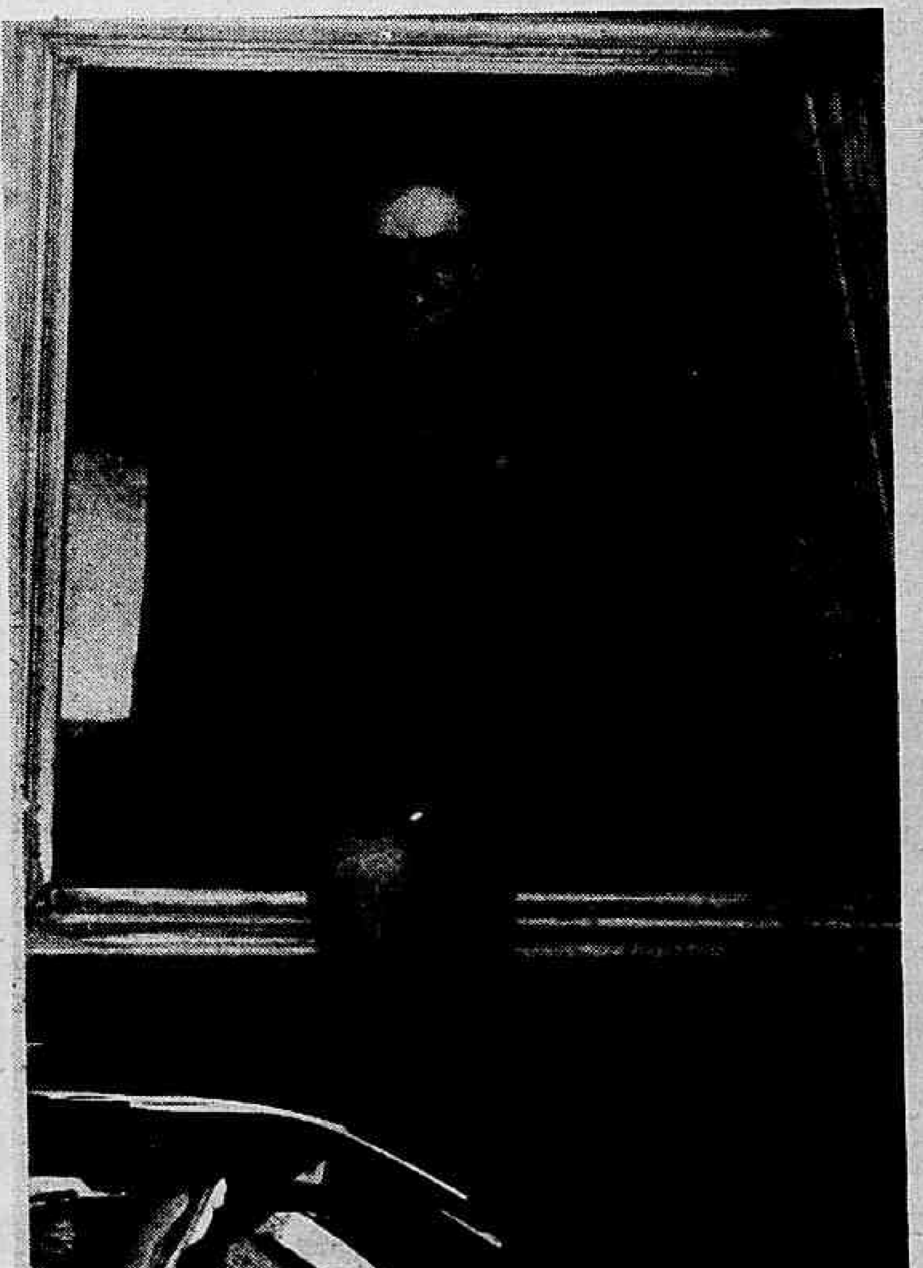
A propósito de "Comédia Literária", procuramos conhecer a opinião do próprio autor. Êle a deu com aquela franqueza rude que caracteriza seu espírito combativo.

— "A Comédia Literária" — disse-nos, não tem pretensões. Uma coleção de artigos e crônicas fixando aspectos da nossa vida intelectual. Nem se parece com a verdadeira crítica. Será uma crítica... jornalística, uma crítica de costumes literários. Os outros são "Medalhões e meda-

(Continua na pág. 52)







DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Fritz, com seu poderoso traço, criou tôda uma galeria de tipos miseráveis da cidade que Osório representa na Câmara Municipal. Aqui está um dêsses maravilhosos trabalhos, enriquecendo a coleção de quadros do respeitável edil. Duas garrafas revestidas de capa de palha, obras-primas da arte popular da Amazônia. Fino tecido de fibra nativa, pintado a côres. Um Osório Borba, de Portinari. Quando posou para êsse trabalho, nosso ilustre reportado pecava pela magreza. A frente do quadro, vê-se um cactus, que o edil utiliza como seu "ex-libris"



S. Francisco de Borja, em madeira, do ciclo jesuítico no Rio Grande, obra de José Brasanelli. Por não caber no nicho de um altar, um vigário do passado lhe amputou as pernas. Orago da cidade de São Borja, em cuja matriz até hoje se encontra, possui cavidade dorsal, habilmente dissimulada



Vê-se neste detalhe fotográfico, bem nitidamente, um dos tocheiros de velha casa funerária de Pôrto Alegre. Aí está o nicho, utilizado para passar contrabando de Portugal para o Brasil. Na parede, o retrato dos armadores antigos, que já haviam adquirido os tocheiros de um antecessor

NICHOS, TOCHEIROS E IMAGENS

De CARLOS GALVÃO KREBS, especialmente para a REVISTA DA SEMANA

NAS minhas andanças por museus, certo dia descobri coisa interessante em duas imagens de santos jesuíticos, do ciclo dos Sete Povos. Ambas de cedro. Uma representa São Francisco Xavier e é maior do que o tamanho natural. Da outra, que é menor, não pude descobrir a identidade. O curioso nisto tudo é que, preocupado com êstes assuntos, já examinei — no Brasil e na Argentina — quase duas centenas de imagens jesuíticas. As duas únicas que poderiam interessar-me estavam justamente a poucos passos de mim, no museu da minha cidade.

Não me refiro à grande escavação que vai dos ombros até os pés. Essa é comum a quase todos os santos missioneiros. Provavelmente sua finalidade é diminuir o pêso da estátua. Facilitará também a secagem da madeira, evitando assim as rachas. Mas o interêsse se concentra todo no pequeno ôco arredondado, na nuca de São Francisco Xavier. E no outro nicho, sôbre a nádega direita da segunda imagem.

Examinada a madeira por cortes ao microscópio, tem-se certeza de que é cedro, cuja densidade média é 0,5.

Se êste São Francisco Xavier pesa hoje 128 quilos, como verifiquei, a madeira extraída do crânio para fazer o nicho não pesava mais do que 350 gramas. Isto significa 0,17% do pêso total da imagem. Daí se conclui que o buraco não foi praticado para diminuir o pêso do santo. Porque já se haviam eliminado mais de 67 quilos com a escavação dos ombros aos pés. Poderia afirmar-se que tal orifício foi feito pelos catadores de tesouros. Não é aceitável a hipótese. Em tais casos, usam o serrote ou o machado. No Museu das Missões, em São Miguel, Rio Grande do Sul, se podem ver muitas imagens "abertas" pelos catadores: furadas a trado, em todos os sentidos... Ora, o nicho em exame, com 11 centímetros de diâmetro, possui tampa muito cuidada, com pinos também de madeira, para adaptá-la perfeitamente. Tudo ficaria muito bem dissimulado, depois da pintura, da qual restam resquícios. Como se vai vendo, a gente pode excluir tôdas as possibilidades de explicação. Menos uma — a de que o nicho tenha sido esconderijo para coisa de pequeno volume e grande valor.



A fotografia não é uma reconstituição. Documenta o momento exato em que se abre o nicho de um dos tocheiros, na casa de velhos armadores pôrto-alegrenses. Vê-se, perfeitamente, o detalhe referido no texto

A imagem menor, não identificada, sugere logicamente o mesmo raciocínio e a mesma verificação. A pequena cavidade da nádega reduziu um quilo e duzentas gramas, ou sejam 2,23% do primitivo pêso total — 53½ quilos, aproximadamente. Isto, quando se poderiam diminuir 33,36% se se fizesse uma escavação dos ombros até os pés como no São Francisco. O ôco da nádega mede 20x12x10 centímetros somente. Só pode ser interpretado como cofre, esconderijo de riquezas. Porque também dispõe de tampa cuidada, cuja superfície externa acompanha o panejamento das vestes. Nada mais era do que uma "cajita", daquelas que refere o padre Silves-

Os jesuítas deixaram no Rio Grande do Sul uma tradição de tesouros enterrados, os "enterros". As duas imagens da esquerda com nichos pequenos, dissimuláveis pela tampa e pela pintura, abonam a tradição. Veja-se a nuca da imagem central (S. Francisco Xavier) e a nádega da outra, ao lado, não identificada



tre Gonzalez em sua surpreendente comunicação...

Há outras duas imagens de madeira, que não pertencem ao ciclo jesuítico, nem estão em museu. Mas vêm a talho de foice para corroborar as deduções. São simples tocheiros antigos, que se usavam para suster círios nas exéquias pomposas da Pôrto Alegre do século passado e princípios dêste. Hoje são mascote de uma casa funerária das mais antigas da cidade. Também descobri nelas, entre as espáduas, um ôco igual aos examinados. Num dos tocheiros a cavidade mede, mais ou menos, 31x7x9 centímetros, de altura, largura e profundidade, respectivamente. No outro, 28x6x9 centímetros. Tampas como as jesuíticas, ajustadas e dissimuladas muito bem pela pintura. A respeito dos tocheiros, o problema mais apaixonante foi diverso. A tradição da casa funerária os dava como provenientes de Portugal. Na análise micrográfica o laboratório confirmou: verificou-se que eram de álamo, inexistente entre as madeiras nativas do Brasil. Os tocheiros são velhíssimos. E o álamo só existe aqui como árvore ornamental, que as Prefeituras recentemente cultivam para arborização urbana. Mas o álamo cresce na Europa mediterrânea, zona que abrange precisamente a Portugal. Mas a lâmina microscópica revelou uma surprêsa: uma das tampas era de cedro! E o cedro existe no Brasil. Por que não se fêz esta tampa também de álamo? Por que uma tamanha preocupação de cavar nichos secretos, em imagens exportadas de Portugal para o Brasil? A hipótese mais simples e a mais simpática, à maneira comteana, é a mais aproximada da verdade, senão a verdade mesma: os tocheiros foram utilizados para passar contrabando através do Atlântico. De jóias, possivelmente. De qualquer forma terão servido, como as imagens jesuíticas do Museu Júlio de Castilhos, para depósito de riquezas com pequeno volume.

★

Basta uma olhadela pelos documentos da época para ter-se a certeza de que os jesuítas escondiam suas riquezas quando não podiam levá-las consigo. Para não haver dúvida, vamos ler algumas linhas escritas e assinadas pelos próprios jesuítas.

Diz o padre Antônio Vieira (quem não o conhece?) numa carta ânua escrita do Brasil, narrando a deserção do colégio da Companhia, em Salvador, por ocasião dos ataques holandeses de 1624:

"...ouvindo a outros dois padres e a muitas pessoas de fora que a cidade estava já ocupada pelos inimigos e vendo que só já não podia defendê-la, saiu (o bispo, Dom Marcos Teixeira). Consumidas, pois, algumas fórmulas do Santíssimo Sacramento (porque as mais eram já levadas para fora da custódia) com a devoção que o tempo e a ocasião pediam e tendo já tirado **a mais da prata e os ornamentos mais ricos, postos em cobro,** que não deu o tempo lugar para mais, seguiram os prelados nossos, que estavam em casa..."

Foi meu o grifo. Os holandeses ocuparam o colégio durante um ano inteiro. A mais da prata e os ornamentos mais ricos ficaram tão bem escondidos que os holandeses nem cheiro deles tiveram.

No Rio Grande do Sul, quando da permuta dos Sete Povos das Missões pela malsinada Colônia do Sacramento, troca que prejudicava os jesuítas, êles resistiram de armas na mão. O padre Tadeu Henis, S. J., um dos fomentadores da rebelião, deixou um diário autógrafo. Sôbre a evacuação de um lugarejo às margens do mesmo rio Ibicuí do tesouro dos Barbosa, conta êle:

"Todas las cosas que no permitió transportar el peso y el volumen, como dos calderas de metal, seis ó sete campanas, casi treinta fusiles que se pudieron libertar del incendio; una arca llena de herramientas, y asi mismo otras cosas á este tenor, **fueron unas enterradas en el bosque inmediato, otras en la huerta, otras en el mismo cuarto."**

Só o grifo é meu. Porque a ingenuidade é do padre Tadeu, que não explica a natureza das ferramentas e outras coisas dêste teor, cuja preciosidade insuspeitada fizesse os jesuítas enterrá-las. E

(Continua na pág. 46)



As mesmas imagens, desta vez sem as tampas, para que se possam ver bem os pequenos nichos no crânio da estátua de São Francisco Xavier (no meio) e da imagem à esquerda. Nada mais do que cofres jesuíticos, esconderijos para riquezas de pequeno volume e grande valor

PARA o vestido preto deve haver sempre um lugar reservado em cada guarda-roupa. Em qualquer reunião, em qualquer acontecimento social, é êle bem recebido. Alguns se prestam para variações como o de Jacques Fath, com o seu original casaquinho em tafetá quadriculado prêto e branco.









VESTIDOS PRETOS

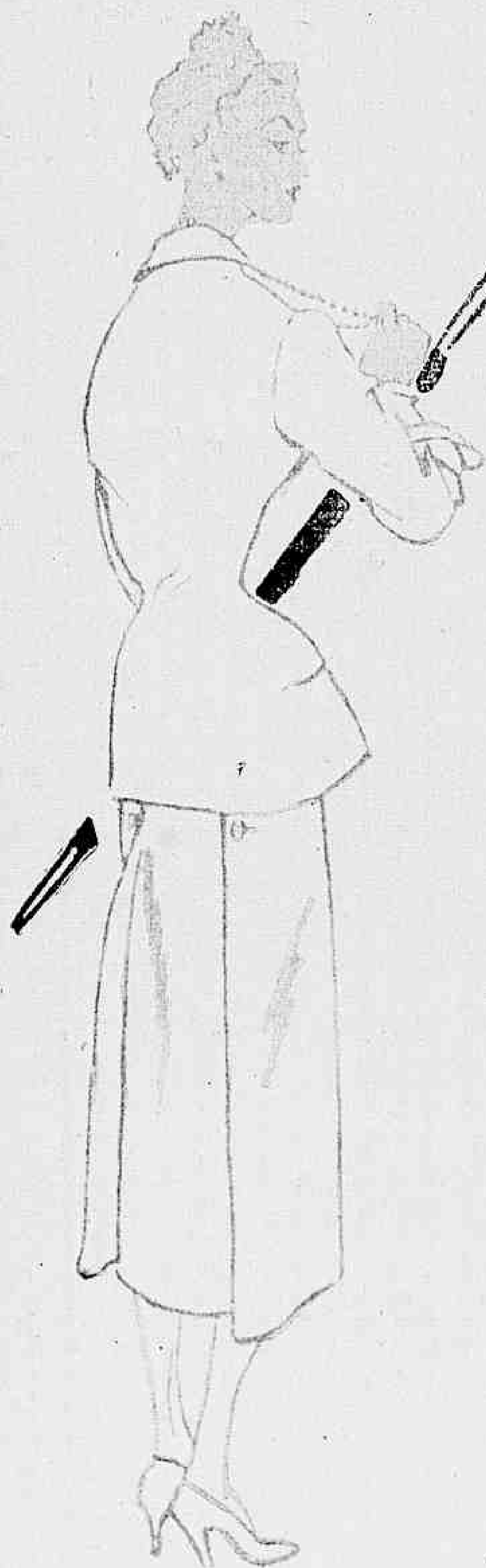
HORA DO CHÁ







LORETTA YOUNG (R.K.O.)







JACQUES Fath, Grés, Piguet, Balenciaga, Balmain e Schiaparelli, são os responsáveis por êsses elegantíssimos modelos indicados para a hora do chá. Os boleros curtos ainda gozam de grande prestígio, aparecendo em cores vivas para contrastar com um vestido prêto ou marinho.



SONATA AO LUAR

CONTO DE **ONEIDE LOPES**

— Garçon, champagne!

A luz baça mal iluminava aquelas feições pálidas, aquêles olhos sem vida, aquelas mãos crispadas sôbre a mesa do pequeno bar.

Chovia molemente, dêsde a véspera, e eram poucos os frequentadores, àquela noite.

Recinto sórdido de longinquo subúrbio.

As ruas estavam encharcadas, e um frio glacial dominava tudo.

Por isso mesmo êle pediu de novo champagne.

Tôdas as noites estava lá. Chegava antes das oito e saia pela madrugada.

Pedia sempre a mesma música.

O garçon colocava o disco surrado na pequena vitrola de corda, e êle escutava. Uma. Duas. Três vêzes. Quando não podia mais pedia para parar.

— Pára! Ela não vem mais! Nunca mais!...

Era hora de fechar o bar. E êle se ia, estrada à fora, cambaleando, sem se importar com a chuva nem com o frio.

Algumas vêzes viam-lhe, os olhos chamejantes, levantar os braços e querer abraçar alguém. Alguma visão. E êsses mesmos olhos sorriam, como se uma grande felicidade o inundasse. Desaparecia aquêle ar melancólico que sempre possuia, e parecia que se havia aberto para êle a porta de um paraiso celestial.

— A Sonata! Ah! A Sonata! E ela quem toca. Ela! Tal qual a escutei pela primeira vez. Era assim mesmo!...

O garçon chegou-se para perto e indagou: — quem é ela, hein? Pode contar-me? Conte-me tudo.

Mas êle falava, sem ouvir:

— Ainda a vejo, pequena e pálida, àquela tarde, no Teatro. Sim. No Teatro. Foi a primeira vez que fiquei com ela, a sós. A tarde era calma, e os gênios do passado pareciam descer até nós. Na semiobscuridade, nós dois, embebidos pela ternura da tarde e pelos sons divinais da grande sonata... Beethoven nunca sentiu a sua música, como nós a sentimos naquela tarde inesquecível...

E continuava:

— Julguei, nesse momento, que o destino despedaçasse, com seus dedos de sombra, tôdas as borboletas da minha vida... Ela tocava o adágio. Lento... lento... depois crescendo... crescendo... suavemente... deliciosamente. Eu fechei os olhos, para melhor sentir a doçura daquele momento. Adorava-a. Foi aí que nasceu o nosso amor, mais tarde doloroso e sublime... Ela era uma rosa mal desabrochada e já trescalante dos mais puros aromas. Sua expressão de cisne, ondulante, flexivel... olhos escuros de veludo macio, inebriaram-me. Era meiga e sorridente. Sorriso de passarinho em manhã clara de primavera. Inteligente e boa, seu coração era um sacrário de deliciosa pureza... Complacente, educada, tinha as mãos pequeninas e hábeis, e quando tocava era sublime. Arrebatava-me e eu sonhava com uma felicidade infinita. Deu-me um amor puro como água fresca de fonte. Deu-me tudo que é possível a u'a mulher enamorada oferecer ao homem adorado.

Eu já hava sofrido torturas enormes. Meu coração era um ferro velho, corroido pelas paixões. Custava a acreditar no amor, que fôsse capaz de amar, porque era totalmente descrente. Havia sofrido os maiores desenganos, e agora, alí, esquecia as agruras do passado, para viver do presente bonito que ela me mostrava. Estava alí, vibrando intensamente, sentindo subir em mim uma onda voluptuosa de ternura e carinho. Eu havia conhecido muitas mulheres, inúmeras mulheres... mas nenhuma tinha aquêle quê irresistível, que me dominou dêsde o primeiro instante... Dentro de mim ficou o estigma do seu amor, não gravado a fogo, como o ferrete dos bárbaros. Não causticado a veneno, como a tatuagem dos medievais, mas como uma suavissma, dolente canção, que harmonizou o meu ser, como um ritual sagrado de mistérios e crenças... Quando eu a fazia chorar (e quantas vêzes a fiz chorar!...), sacudia o corpinho, soluçando de desespêro e de angústia... Depois, vinha a calma. E com a calma, o prdão. Complacente... deliciosa...

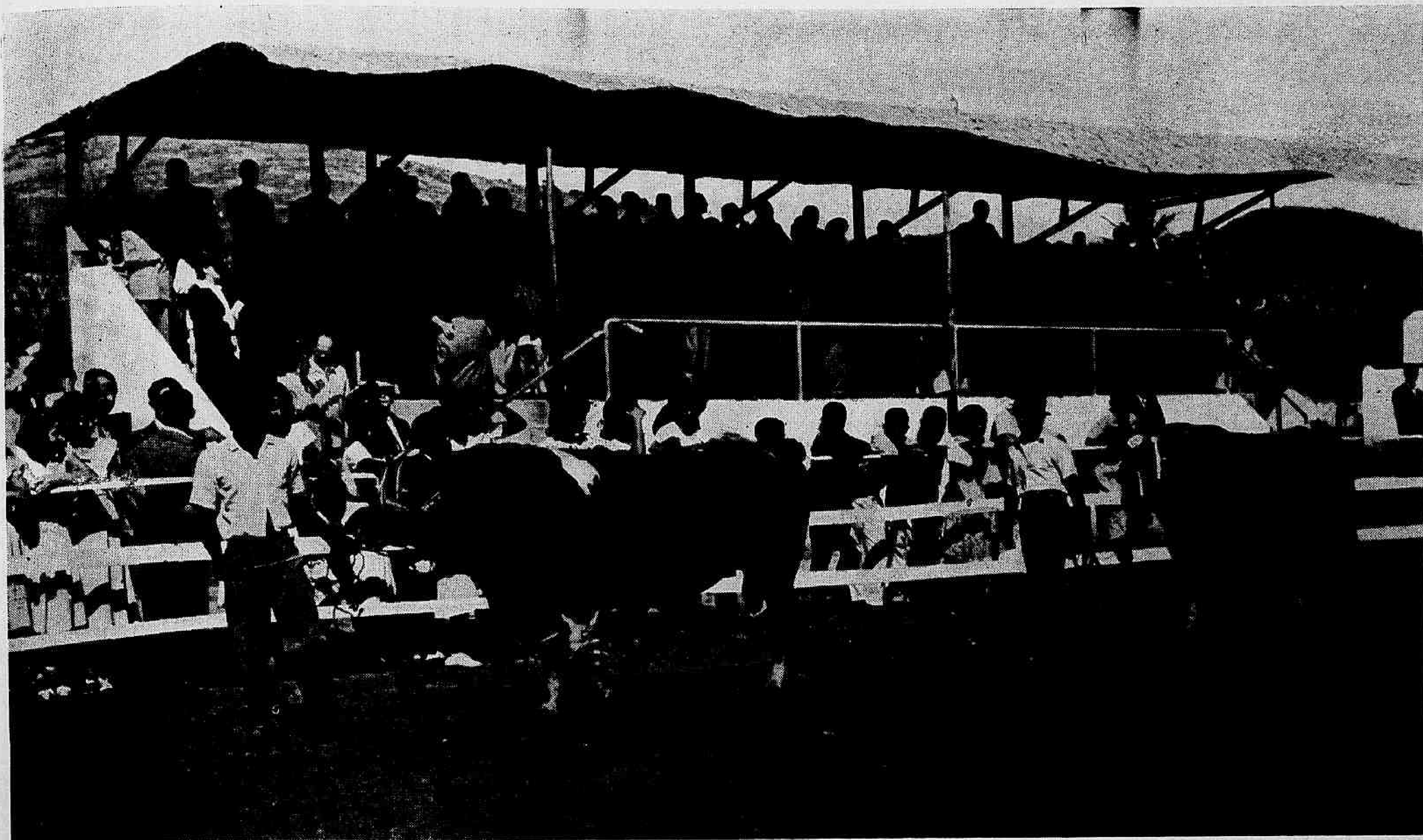
Um dia — ó, nunca poderei esquecer... uma noite... quando eu voltava tarde, de uma pequena nova conquista... ela me recebeu carinhosamente, com um sorriso feliz nos lábios felizes: — sabes, querido? nós agora vamos ser três... a sua decepção foi profunda, profunda, quando eu respondi que isso, absolutamente, não era possivel. Pois não acreditas que possamos ser três... Não. Não é que não acredite. Sabes bem que não podemos ter um filho. Minha situação perante meus pais... Ela não replicou. Ficou silenciosa, de uma palidez impressionante. Estava bela, e eu tive remorso da tristeza infinita daqueles olhos, onde a vida postou de sentinela uma estranha amargura... E a criaçna não chegou a nascer. Minha covardia fê-la desfazer-se do fruto do nosso amor; embora eu tivesse feito todo o possivel para que ela não sofresse demais, a dor foi medonha. Física e moralmetne ela sofreu, sem que eu pudesse dar um alivio à sua alma atribulada. Eu me sentia desanimado, sem fôrças para prosseguir... Eu era, decididamente, eu sou um fracassado... Prometia tanto, sabendo que não podia cumprir o que prometia... Então tentei fugir. Talvez assim pudesse pôr termo à angústia que me oprimia. Vi-a cada vez mais pálida e enfêrma, silenciosa, mas meiga, como antigamente. Fugi. Fugi dela, para fugir de mim mesmo. Pretextei uma viagem para tratar de certos negócios, procurando poupar-lhe, mais uma vez, tão cruel dor. E' que eu não sentia fôrças para lutar contra a família, contra a sociedade... Não sei... Sei apenas que parti. Ela foi deixar-me ao caes, com lágrimas a rolar silenciosamente nas faces. Mas estava serena. Prometi que voltaria. Que nos casaríamos, logo conseguisse uma posição melhor. Não falei de meus pais. Vi que ela não acreditava. Mas eu era sincero. Amava-a com tôdas as fôrças de um coração virgem e teria feito tudo para evitar que ela sofresse... Escrevia-lhe longas cartas, que eram como um refrigério para a sua alma desalentada... Porém o tempo foi passando e eu nada resolvia. Nada... Um eterno fracassado...

Parou. Pediu mais champagne. Limpou os lábios com a manga do casaco e continuou:

— Vieram depois outros amores. Novas mulheres, passeios encantadores, e eu fui esquecendo aquela que tão amorosamente esperava por mim. Lancei-me na farra, nos cassinos, e não tinha tempo para pensar na mocinha pálida que me dera os momentos mais felizes da minha vida. Esqueci a sua música suavíssima... aos poucos fui deixando de escrever. Ela mandava-me cartas lindas, que se iam amontoando, e ficavam sem resposta. Depois de algum tempo de silêncio da minha parte ela também silenciou. De in-

(Cont. na pág. 52)

ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA** ★ SELECIONADO PELA **REVISTA DA SEMANA**



Aspecto do desfile dos animais premiados, fixado no instante em que passavam pelo palanque oficial os campeões da raça Guernesey

III EXPOSIÇÃO ESTADUAL AGRO-PECUÁRIA DE CORDEIRO

CORDEIRO, o município pecuarista por excelência do Estado do Rio, levou a efeito, de 28 de maio a 7 de junho do corrente ano, mais uma Exposição Agro-Pecuária, a 3.ª de caráter estadual, conforme promessa anterior do Cel. Edmundo de Macedo Soares e Silva, ilustre governador fluminense. O certame do próspero município do vizinho Estado foi mais uma demonstração eloquente do valor da pecuária e produtos de origem animal e vegetal dessa unidade da Federação. Provou à saciedade o quanto andam certos seus agropecuaristas, dedicando-se à criação de gado fino, das melhores raças européias, tais como: Guernsey, Holandês Prêto e Branco e Vermelho e Branco, Schwytz e Flamengo. Neste ano a quantidade de gado indiano foi mínima, tendo como expositor de maior relêvo o sr. João Carlos Burgues de Abreu, continuador da tradição de seu progenitor, o saudoso cel. João de Abreu Júnior, pioneiro do zebuismo, em terras fluminenses.

A inauguração do certame revestiu-se de solenidade, pois contou com a presença do cel. Edmundo de Macedo Soares e Silva, secretários de Estados e altas autoridades federais, estaduais e municipais. Após a inauguração oficial da exposição, percorreu o governador Macedo Soares os pavilhões da exposição, visitando-os detidamente, colhendo informações que lhes eram prestadas pelos drs. Edgard Teixeira Leite, secretário da Agricultura, e Sisino Rocha, a cujo cargo, como há longos anos vem sucedendo, encontrava-se a superintendência dos trabalhos e o seu desenvolvimento.

Depois da visita oficial, teve início o desfile de animais premiados, na pista do Pôsto Agrícola, onde se realizava a exposição. Nessa ocasião usou da palavra o dr. Edgard Teixeira Leite, secretário da Agricultura, cujo discurso constituiu, por sua natureza, peça digna de meditação.

Terminada a solenidade, realizou-se o banquete oferecido ao governador pelos expositores que, saudado pelo jornalista de Cantagalo, José Naegle, em agradecimento às provas de apreço recebidas, pronunciou notável oração. Mais que um discurso suas palavras constituíram uma alta lição de que muito lucrarão os criadores fluminenses. Conhecedor de nossos problemas econômicos, das dificuldades com que lutamos no momento, nem por isso o cel. Macedo Soares deixou de encarecer o esfôrço de nosso agro-pecuarista e o quanto êle tem feito pelo engrandecimento do Estado do Rio, apesar dos óbices que se lhe deparam constantemente.

Desta vez a parte leiteira teve uma situação mais destacada, pois a concorrência de vacas de diversas raças, tôdas altamente selecionadas, para isso influiram, destacando-se as da raça Holandesa Preta e Branca, que venceram galhardamente suas concorrentes, com uma produção de leite diária de cêrca de 26 quilos.

Graças ao interêsse da D.P.A. da Secretaria de Agricultura, muito tem evoluído nesse setor da produção o Estado do Rio, colocando-se entre os grandes fornecedores de leite para o Distrito Federal, apesar da apreciável quantidade distribuída no Estado, mormente em Niterói, cujo consumo tem aumentado sensivelmente nestes últimos anos.



O governador Edmundo de Macedo Soares e Silva discursando durante o almôço que lhe foi oferecido pelos pecuaristas de Cordeiro. Nessa ocasião o chefe do Govêrno fluminense pronunciou importante oração



O governador Macedo Soares, o secretário de Agricultura Edgard Teixeira Leite e comitivas, em visita a um dos pavilhões de bovinos, ouvem as explicações do chefe da Divisão de Produção Animal, sr. Joaquim Sizino Rocha

NÃO DEIXE DE LÊR!

A CENA MUDA

EM SUA NOVA E PALPITANTE FASE

O "COW-BOY" NO CINEMA — Reportagem de Salvyano Cavalcanti de Paiva, fazendo um estudo sôbre os "westerns" e os astros que com êsse gênero ganharam prestígio.
O CASAMENTO DE JENNIFER JONES — Aspecto de sua chegada a Londres para a lua-de-mel com seu marido, David Selznick.
UMA GAROTA FAMÍLIA — Artigo de Alfred E. Stern, focalizando o "caso" Shirley.
CINEMA NA GRÃ-BRETANHA — Artigo de Alberto Palaus, focalizando as atividades nos estúdios ingleses.
NINGUÉM CRÊ EM MIM — Cine-Romance de "The Window" filme que despertou o interêsse da crítica estrangeira, pelo conteúdo intenso de um drama que invade a alma de um menino, logo após presenciar um brutal assassinato.
MODA — Duas páginas ilustradas, apresentando "A Estola", essa prenda dos cultos da antiguidade que desbanca o "chale" em voga e completa o traje de tôdas as horas.
VAN HEFLIN — Aspectos ligeiros de sua vida e de seu último filme, dirigido por Fred Zineman, de "Perdidos na Tormenta".
ENTREVISTA COM JANE RUSSEL — Remetida por Luiz Gonzaga, especialmente de Nova York.
O CASAL NIVEN — Flagrantes nos estúdios e na intimidade do lar.
MELODIAS PARA VOCÊ — Últimas novidades em letras de foxes, sambas e boleros.
TELAS DA CIDADE — Comentários sôbre os últimos filmes estreados no Rio.
MICHELE MORGAN — Artigo especial sôbre a última película rodada na Itália.
TAKES — Flagrantes do panorama cinematográfico mundial.
FUTURAS ESTRÉIAS — Comentários antecipados de próximos lançamentos.
INTELECTUAIS FALAM DE CINEMA — Uma entrevista com Otávio de Faria.
ÊLES TAMBÉM CRESCEM — Lista completa dos astros que aniversariam no mês de julho.
E MAIS: Seções de RÁDIO, TEATRO, JAZZ, CURIOSIDADES, MEXERICOS, NOTÍCIAS, etc.

A CENA MUDA
A REVISTA DO FÃ
HOJE EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS

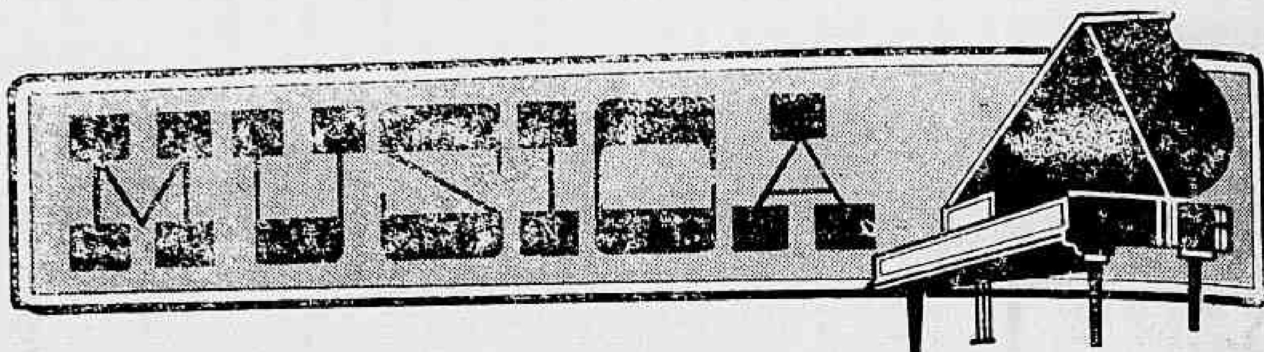
DR MOISÉS FISCH
ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhoras — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 12 e das 14 às 18 horas — Telefone 22-1148



Então use "AMARALINA" quando os seus cabelos começarem a cair, afim de que não fique na contingencia de fazer aplicações por longo tempo quando eles já tiverem caido. "AMARALINA" certeza obsoluta de que seus cabelos tornarão a nascer.



Antes de usar "AMARALINA" leia a bula com atenção. Pedidos pelo reembolso postal Cr$ 45,00 o vidro. Distribuidores: - M. M. Burle & Cia. Ltda. - Av. Rio Branco, 137 - sala 616 - Rio de Janeiro.



OS MILAGRES DE TANGLEWOOD ★ TALENTO E CULINÁRIA FRANCÊSA ★ CRÍTICA MUSICAL TELEGRÁFICA ★ SINFONIAS, BAILADOS, SUCESSOS ★ VOLTA A TANGLEWOOD

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

OS MILAGRES DE TANGLEWOOD

Os leitores da REVISTA DA SEMANA já conhecem Tanglewood, estabelecimento onde, sob a direção do maestro Koussevitsky, jovens músicos de todo o mundo estudam, seguindo cursos especiais de aperfeiçoamento. Já temos comentado algumas das principais realizações daquela obra cultural, mostrando como valores novos são apresentados ao mundo, amparados pela solicitude e pela dedicação de Koussevitsky.

Entre os principais regentes que, em Tanglewood, deram o primeiro passo rumo à conquista de projeção internacional, figura, com destaque, Eleazar de Carvalho. Mas há muitos outros e entre êstes citaremos uma figura que há muito vem reclamando a atenção da crítica americana e que, recentemente, numa "tournée" pela Europa ganhou prestígio e fama em vários países do Velho Mundo.

Trata-se de Leonard Bernstein.

TALENTO E CULINÁRIA FRANCÊSA

Quando aqui esteve pela última vez, Jennie Tourel, em conversa, disse-nos que o Brasil devia procurar conhecer um jovem artista americano que, entre os seus compatriotas, já estava consagrado como um dos elementos principais da nova geração

Perguntamos o nome dele.

— Leonardo Bernstein — disse ela

Conquanto não tivéssemos tido oportunidade de ouvir algumas das obras ou interpretações, como regente, de Leonard Bernstein, já tinham chegado ao Rio, através de revistas e jornais americanos, os ecos dos triunfos do jovem compositor e regente.

Talento original, pianista, maestro, autor de várias obras sinfônicas, sua bagagem musical conta com um item pitoresco: La Bonne Cuisine, uma série de canções baseadas em velhas receitas — estranho "cock-tail" de música e culinária.

CRÍTICA MUSICAL TELEGRÁFICA

Leonard Bernstein estreou inesperadamente como regente em 1943. Já tinha recebido, então, as preciosas lições de Koussevitsky e estava em Nova York, onde trabalhava como assistente do maestro Arthur Rodzinski. Mas o conjunto estava, temporàriamente, sob a direção de Bruno Walter, "guest-conductor" e Rodzinski gozava merecidas férias em sua fazenda. Subitamente, adoeceu Bruno Walter. Rodzinski não poderia chegar a tempo. E foi chamado Léonard Bernstein, às pressas, para enfrentar o público desapontado pela indisposição de Bruno Walter. Mas o desapontamento transformou-se em entusiasmo, quando, seguindo o programa difícil de Bruno Walter, Bernstein regeu obras de Schumann, Richard Strauss e Wagner.

Rodzinski, que chegara na última hora, assistiu o triunfo e juntou os seus aplausos aos dos amantes da música, que enchiam a sala. Koussevitski, de longe, ouvia, pelo rádio. E, no intervalo, aproveitou para mandar a sua autorizada crítica musical pelo telégrafo: "Estou ouvindo. Maravilhoso!"

SINFONIAS, BAILADOS, SUCESSOS

Depois do lançamento sensacional, a aclamação se prolongou pela imprensa e o setor mais influente da crítica tratou de Bernstein com simpatia e alguns até mesmo com entusiasmo O próprio Olin Downes, habitualmente tão comedido, animou-se, e proclamou os méritos de Bernstein.

Pouco depois dêsse primeiro "round" na luta pela fama, Bernstein apresentava sua sinfonia — Jeremias, que foi premiada como o melhor trabalho do ano, pela Associação dos Críticos Musicais de Nova York.

Mais tarde, por encomenda do Ballet Theatre, êle entregava à apreciação do público o bailado Fancy Free, seguido de On The Town, outra produção do mesmo gênero.

Diretor da New York City Simphony, êle revolucionou o conjunto, renovou programas, deu à orquestra uma organização melhor, procurou novos elementos e conduziu-a numa série de vitórias sucessivas.

Abandonando, finalmente, o pôsto que ocupava, e depois de reger algumas das principais orquestras americanas, aceitou um contrato com a Filarmônica da Palestina e aproveitou a oportunidade para visitar a Europa, passando por Munich, Budapest, Milão, Viena, Paris e Londres. Representou os Estados Unidos no festival de Praga.

VOLTA A TANGLEWOOD

Leonard Bernstein voltará, êste ano, mais uma vez, a Tanglewood, como "guest conductor" Ali, no meio onde, primeiro, encontrou compreensão para o seu talento, regerá diversos concêrtos. Êle e Eleazar de Carvalho, os dois "guest conductors" de 1949, são, também, os dois discípulos que mais alegria e satisfação proporcionaram a Koussevitsky, confirmando, na sua atuação artística, o discernimento do mestre que neles logo reconheceu o valor hoje consagrado.



Em Tanglewood, cercado por grupo de estudantes de diversas nacionalidades, entre os quais o brasileiro Bernardo Federowski, Eleazar de Carvalho, no primeiro plano, dá aula ao ar livre

Artes PLÁSTICAS

ANGELUS RAVEL



Concepção de um futuro modernista brasileiro, José A. da Silva, com êste óleo intitulado "Lampeão e seus cangaceiros"

NÃO resta a menor dúvida que a corrente dos artistas que se aliaram para mostrar que a "Arte Moderna" é digna de todos os aplausos e do necessário prestígio do povo, vai ganhando terreno dia a dia

Segundo os jornais e revistas da Europa e Estados Unidos que tratam dêsse ramo da cultura humana, são inúmeras as exposições de "Arte Moderna" em vários países do Velho Mundo e de tôdas as Américas, vendo-se que os chamados modernos, aumentam de número e de entusiasmo.

Recentemente foi levada a efeito num dêsses Museus de Arte uma exposição retrospectiva que serviu para estimular a imaginação dos modernos artistas, os que antigamente eram chamados de "futuristas".

O êxito foi completo, como sucedeu com o Museu de Arte Moderna de Nova York, que, ao lado das telas dos grandes inovadores atuais, aduziu vários exemplares de estampas impressas em tempos mais ou menos remotos, como um estudo retrospectivo e de muito interêsse histórico e artístico.

Às galerias do primeiro andar daquele Museu foram levadas mais de três mil exemplares de arte moderna vinda dos fins do século passado, selecionando-se hàbilmente cêrca de 250 estampas, a fim de darem ao visitante uma vista geral e rápida do que se tem feito na Europa e na América no campo das artes gráficas nesses sessenta anos. O sucesso foi absoluto.

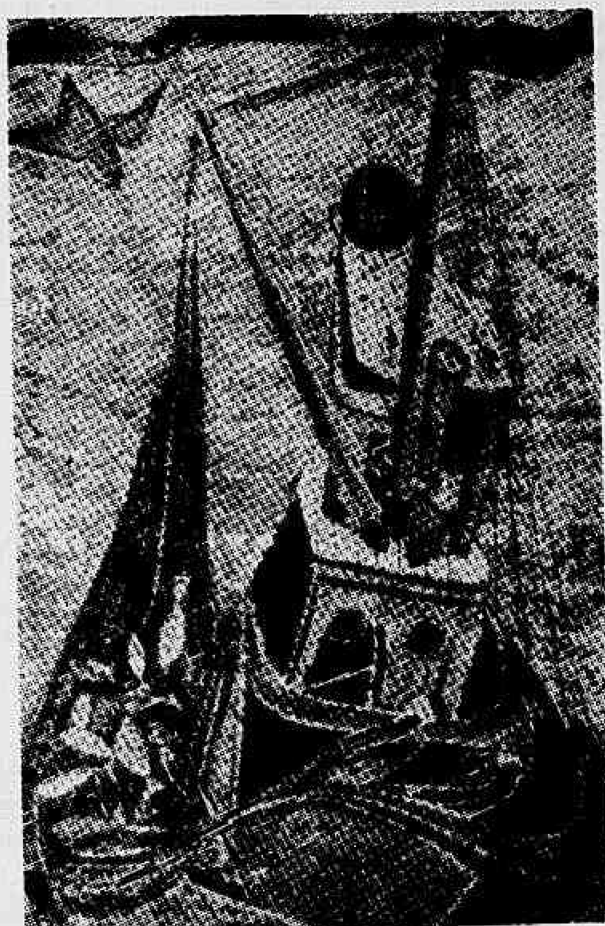
Começando em obras de Degas, Cassatt, Renoir e seus contemporâneos, a exibição abrangeu e incluiu os maiores artistas da Arte Moderna em seu movimento através das nações, até fechar o cortêjo com obras norte-americanas dêste século. Os mais variados motivos e concepções de arte foram expostos.

E' interessante salientar que certas tendências foram reveladas e mostraram que nos trabalhos gráficos as principais direções do moderno movimento acharam admiráveis expressões no campo da impressão antiga.

Entre as conclusões que ficaram bem claras no espírito do observador analista, se evidenciam as tendências para uma obra de arte sem medo, apesar de a mesma ir de frente contra a concepção clássica das outras escolas tradicionais.

Há, entre as duas concepções, grandes conflitos e flagrantes contrastes. Para o visitante casual, tais exposições produzem efeitos chocantes, que podem ir da perplexidade diante da liberdade de imaginação, até ao gesto de reprovação e a censura por tantas doidices...

Mas, não se pode negar que as obras de Picasso, de Portinari, de Ensor, de Rouault, Kollwitz, Klee, etc., contam com milhares de admiradores que as louvam sinceramente, como obras de arte de extraordinária beleza e inimitável concepção.



"Traineira" no serviço de pesca de rêdes de arrasto, obra de Antônio Frasconi, uruguaio, e desenhada em madeira a côres



Quadro de Thomas Dibble, dando a personalíssima interpretação do autor sôbre o suplício de Jesús, com o nome "Estiveram lá?"

Mulher, LENDA E PERFUME



O VÉU NUPCIAL

As origens do véu de noiva são remotas e encerram todo um mundo de beleza e poesia.. Diz William Fielding, no seu curioso livro "Estranhos costumes de casamentos", que antigos povos o adotaram como emblema de submissão da jovem ao futuro marido. Esta explicação parece razoável quando nos lembramos de que as monjas também usam véu, como símbolo de obediencia às superioras dos conventos. A analogia entre freiras e jovens que se casam se estende à expressão "noivas de Cristo", empregada para designar as religiosas.

Também a flor de laranjeira tem sido associada ao casamento desde os tempos mais antigos, não apenas como símbolo de pureza, mas ainda como prenúncio de fecundidade, pois é sabido que a laranjeira prolifera em tôdas as estações. O uso desta flor, como acessório nupcial, é de origem sarracena. Os árabes é que o levaram para a velha Europa, durante as suas invasões. Desde então se começou a usar a florzinha como diadema, sôbre o véu de desposada.

Igualmente se perde na noite dos tempos o costume de se entrelaçarem rosas ou lírios brancos na confecção do buquê de noiva. Os antigos, entretanto, não admitiam que se usassem flores artificiais para êste fim, porque, diziam, a lembrança do perfume das flores naturais devia ficar para sempre associada, na mente dos jovens noivos, à recordação do momento mais feliz de suas vidas.

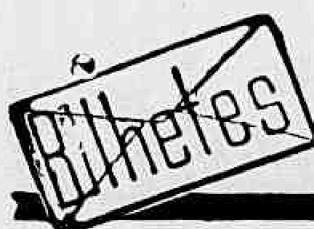
Para tôdas as criaturas, teria sido mesmo aquêle o momento mais feliz da vida? Não queremos nos aprofundar no assunto. Mas, sob certo ponto de vista, reverenciemos a sabedoria dos antigos: realmente, nada existe neste mundo que ajude mais a recordar do que um bom perfume...

IGNEZ MARIZ

Das nuvens vaporosas do seu véu de noiva, deixe que se evole a suave fragrância de LEITE DE ROSAS. Servindo de base à delicada e discreta maquilagem dêsse dia, assegurando a perfeição e o aveludado da sua cutis, LEITE DE ROSAS ficará entre as mais doces recordações de sua festa nupcial.



SÃO LUIZ GONZAGA 619
TELEFONE: 48-7660 ★ RIO



Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

(Cont. do número anterior)

Chegamos às 21 horas. Cacilhas, com suas ruas ainda repletas de gente desviando-se dos automóveis e dos ônibus. Na praça, perto do ponto das barcas, notamos uma mui pequena casa de pensão, num canto, com o nome muito apropriado de "Escondidinho". Bebidas, comidas, dormidas e, na única janela, no balcão uma gorda senhora sentada numa cadeira de vime a olhar para baixo, observando o vai e vem animado.

Na barca, novamente, nos apareceu o homem dos bilhetes de tostão a cobrar o excesso de não sei o que...

No outro lado do rio, Lisboa com suas luzes a piscar nos esperava, amiga e fraternal.

O nosso avô Coimbra era de Santarém. Coisae de avô. Em lugar de nascer mesmo na cidade de seu nome, o que viria simplificar a história foi escolher outro lugar. Há muitos anos que tínhamos vontade de conhecer a sua terra, já que não conhecemos em pessoa. Em conversa com amigos gentís, frequentes em Portugal, contamos-lhes êsse desejo.

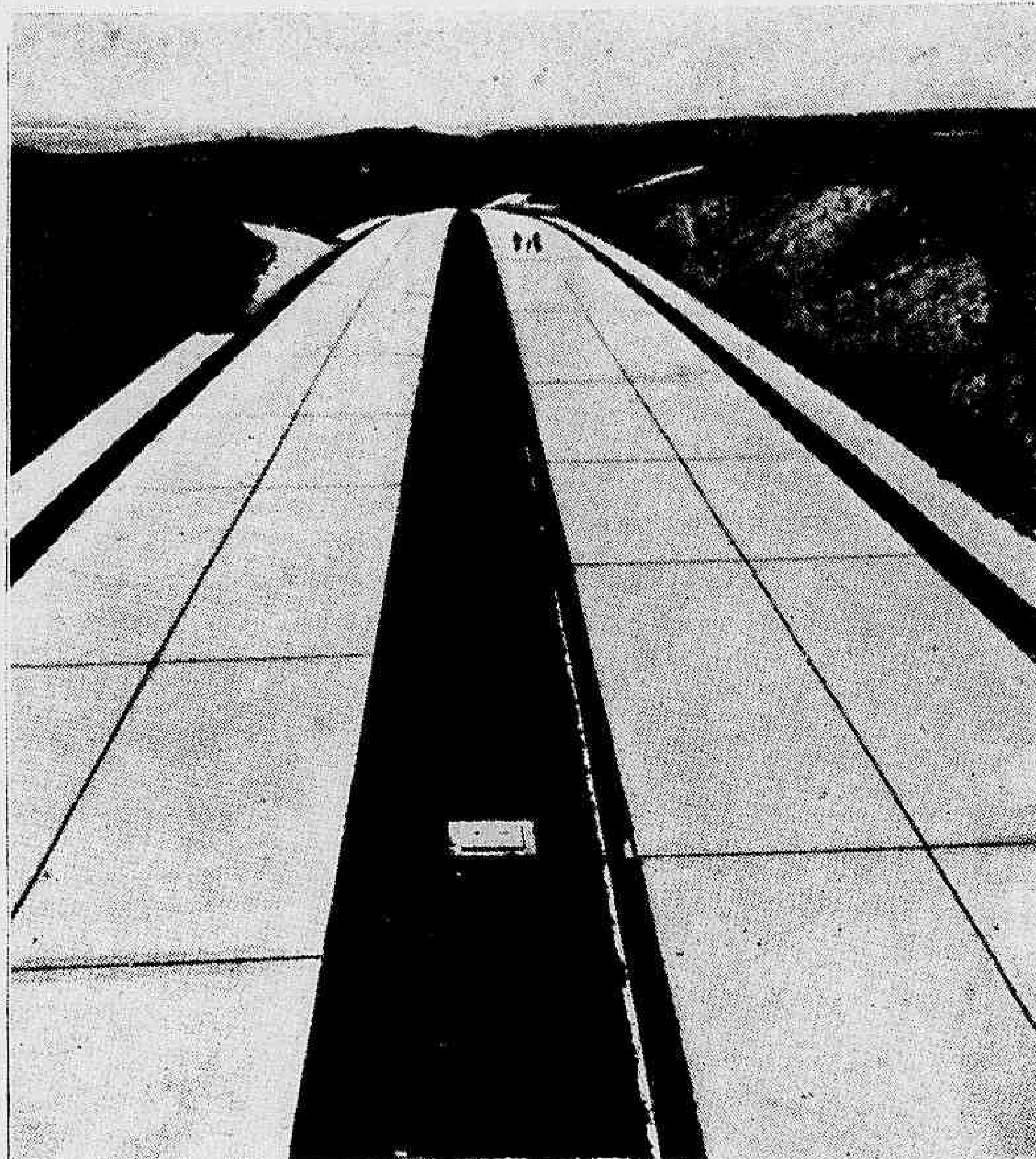
— Isso é muito simples. Vamos lá.

E assim foi. Ontem apareceram os dois à porta do hotel, antes do almôço.

Seguimos por Sacavén, Villafranca e Cartaxo. Nessa última localidade fomos a um ótimo restaurante, estilo antigo, bom, grande a muito afreguesado, onde um rapazinho, vestido à moda antiga, vem nos tomar o chapéu para depois devolvê-lo por um cruzeiro. O almôço correu muito bem, abundante e gostoso. O prato principal foi porco com amejôas, uma espécie de mexilão deliciosamente preparado. Depois experimentamos as laranjas do lugar com um bôlo, especial da casa, dessas coisas que a gente começa a comer e não sabe quando deve terminar. O vinho tinto foi simplesmente o mais agradável que tomamos até agora, apesar de já têrmos encontrado coisa muito boa.

Quando comentamos o notável sabor dêsse vinho, nos informaram que Cartaxo é lugar mesmo afamado pela qualidade do vinho, o que ignorávamos completamente, e ficamos satisfeitos com a ampla confirmação da nossa escolha. Felizmente o amigo que ia guiando o automóvel soube controlar os copos, pois se assim não fôsse, poderíamos fàcilmente ir barrancas do Tejo abaixo, pois o rio acompanha uma boa parte da estrada...

O movimento pelo caminho é intenso, tanto de caminhões, como de autos e ônibus, pois há grandes fábricas beirando o rio, inclusive uma de cimento, outras de tecidos, móveis, louças, adubos, produtos químicos, etc., a maioria em prédios novos e bem construídos. As grandes salinas vão acompanhando o rio. As parreiras são numerosas e também as oliveiras e as fábricas ou refinações de azeite ou lagares. Grandes pipas de vinho são constantemente vistas nos caminhões a caminho dos depósitos.



Aspecto da estrada que liga a capital com o aeroporto de Lisboa da Portela de Sacavém

Santarém é uma cidade bonita, construída em parte nas encostas de um morro e em outra parte à beira do rio, onde existe uma ponte de mais de um quilômetro sôbre o Tejo. Fomos a um jardim no alto do morro, chamado "Portas do Sol", de cujo mirante descortina-se uma vista grandiosa do rio e das planícies vizinhas.

O dia claro e de lindo sol, favoreceu a visão do belo panorama. Soubemos que existe no lugar uma grande família de lavradores com o nosso nome, mas não tivemos tempo de verificar se são do mesmo ramo daqueles que foram ao Brasil há mais de cem anos para nunca mais voltar às "Portas do Sol", tão bela com seu jardim florido e bem tratado...

Fomos visitar a linda igreja do Seminário e o próprio Seminário, grande e muito bem cuidado, onde algumas centenas de jovens amáveis estudam Teologia e outras ciências. Notamos o escrupuloso asseio e melhor ordem em tôdas as instalações, aliás bem modernas e completas. E' difícil encontrar-se em qualquer país um colégio com instalações superiores às do Seminário de Santarém. Há na cidade um liceu (ginásio) também muito frequentado, além de um quartel do exército. Vimos uma grande praça, local da afamada feira de gado, onde se reunem os fazendeiros da vizinhança para compar e venda de animais. Numa boa confeitaria compramos os conhecidos doces "Celestes", a especialidade da terra. Há boas casas comerciais e filiais dos grandes bancos de Lisboa e, como sempre, muito movimento de automveis e caminhões, tanto americanos como europeus. Foi pena não ser possível ficar mais tempo em Santarém.

NICHOS, TOCHEIROS E IMAGENS

(Continuação da pág. 39)

no momento em que os exércitos de dois impérios já se achavam portas a dentro. Mais adiante volta a confessar o padre Tadeu:

"El dia doce (era o mês de maio de 1756)... al caer de la tarde tres padres huyeron tanbien del lugar de San Miguel al dicho rio Piratini, sin haber salvado cosa alguna del pueblo, solo si **dejando todo escondido en varias partes** y bien guardado debajo de llave, lo cual sucedió por falta de buyes y de caballos que lo transportasen en carros..."

Iria longe se quisesse transcrever o que relatam outros historiadores.

MATRIMÔNIO COMERCIAL

(Continuação da pág. 18)

— Quem não seria feliz com uma mulher como Ana Luisa! Depois que morreu a mãe de Cristina pensei que... Bem, a vida seguiu seu curso e tivemos você... que tanto bem fêz a Cristi... E agora tenho a Ana Luisa para mim.

Aleguei meu cansaço para pôr têrmo à conversa. Êle partiu assobiando alegremente. Com imensa amargura pensei que jamais fôra uma mulher sedutora e que somente elas têm direito a sonhar. Meus cabelos eram lisos, usava tranças; minha estatura era pequena, elegante, bem moldada; mas não possuía roupas finas para ressaltar a minha beleza física. E, para consolar-me, achei que eu era mesmo o tipo da mulher-mãe.

O outono corria mansamente e Ana Luisa ia fazendo projetos para casar-se em dezembro. Sob aquela tensão nervosa por ver Alfredo tão loucamente apaixonado por Ana Luisa, comecei a dormir mal, a ouvir ruídos estranhos. Cheguei mesmo a dizer a Alfredo que me levou a tôdas as portas e janelas revistando-as para mostrar que nada havia que temer.

Mas uma daquelas noites em que eu dormia bastante, não sendo capaz de ouvir um terremoto, despertei com a voz de Cristina a chamar-me na obscuridade:

— Tia Elvira!

Ergui-me. Acendi a lâmpada de sua mesinha de cabeceira e fui ver o que se passava. Encontrei-a febril e com muita sêde. Estava com escarlatina.

GRIPES RESFRIADOS NEVRALGIAS

DÔRES de CABEÇA

TRANSPIROL

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!



LOÇÃO TÔNICA MAC BIR

Um Produto Cientificamente Preparado

A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma *garantia de saúde* para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o *embranquecimento* e a queda dos cabelos!



A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00

Atendemos também pelo Reembôlso Postal

1 vidro Cr$ 40,00 - 3 vidros Cr$ 100,00

6 vidros Cr$ 192,00 - Livre de porte

Pedidos à

CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.

Chamei um médico que a examinou e mandou que a puséssemos numa alcova separada da de Sérgio; mas, à meia noite do dia seguinte, caiu êle também, de nada valendo a quarentena de Cristina.

Alfredo estava tratando de negócios e me falava pelo telefone, o que me confortava intimamente. Ao meio dia vinha uma enfermeira a fim de que eu pudesse dormir até ao anoitecer, quando ela se ia e eu retomava o lugar à cabeceira da cama das crianças. Naquela casa, vendo-me tão próxima de Alfredo, a minha vida já se ia tornando insuportável, especialmente porque de quando em quando eu o ouvia pronunciar o nome de Ana Luisa, a quem eu já odiava, pois não havia mandado a Cristina, no primeiro dia de sua enfermidade, mais que uma flores. Sendo muito rica e nada tendo que fazer, devia ao menos ter enviado brinquedos, jogos, livros às crianças, pelo menos à Cristina. Mas, como nada sentia pela menina, nada fêz, e eu achei que não devia estar a preocupar-me com assuntos que não podia remediar.

Felizmente o estado de Cristina já melhorava muito, até que passou definitivamente a crise. Corri a avisar Alfredo, que também deu graças a Deus e me fitou os olhos cheios de lágrimas procurando tomar-me as mãos, o que recusei, fingindo que ia enxugar as lágrimas com o meu lenço. Êle se mostrava muito comovido. Depois me disse com voz triste:

— Ela está salva; mas ainda falta Sérgio.

Era verdade. Faltava ainda salvar-se o meu filhinho. Uma semana mais se escoou, durante a qual esteve êle entre a vida e a morte. Sentei-me à sua cabeceira sem mover-me e, por volta das três, pareceu-me ouvir ruídos lá fora. Cheguei à janela mas nada vi. Imaginei que talvez fôsse um galho de árvore que caisse, ou barulho feito por um animal àquela hora da madrugada.

Voltei ao meu pôsto à cabeceira do doentinho. O menino parecia morto, tal a sua imobilidade. Senti me em pânico. Devia estar morrendo sem que eu desse por isso. Saí ao corredor e chamei suavemente:

— Alfredo! Alfredo!

Êle abriu ràpidamente a porta e saiu colocando um roupão sôbre o pijama.

— E' Sérgio... estou alarmada!

Sem nada dizer-me entrou na alcova de meu filho e colocou o ouvido ao seu coração.

— Parece-me que... Veja se êle não está sem febre?

Coloquei minha mão sôbre a fronte de Sérgio e senti uma onda de alívio. Naquela noite a crise culminante havia travado com o meu filho sua batalha definitiva e êle também estava indo em direção ao triunfo contra a morte. Eu me sentia aliviada como se chegasse ao fim de horrível pesadelo. Rolaram minhas lágrimas e eu senti o bendito roçar das mãos de Alfredo sôbre meus ombros.

— Agora não é preciso chorar — disse-me docemente.

Conduziu-me à janela e vi que o sol começava a esparzir pelo infinito os seus raios de ouro. Subitamente vimos um relâmpago iluminar nossas faces com sua luz deslumbrante.

— Isso foi... murmurou êle.

Ambos recordamos aquêles ruídos noturnos que eu ouvia constantemente, inclusive naquela mesma noite.

— Isso é obra dos Ponton — disse eu. — Agora, com êsse retrato com você à janela, altas horas da noite, têm êles a prova de que sou uma incapácitada moral para educar Sérgio. Não há de ser nada. Êles podem levar meu filho porque têm dinheiro e influência, mas lutarei, mesmo que seja o fim...

— Não, não é o fim, Elvira. E agora, vá descansar. Eu cuidarei de Sérgio e procurarei uma explicação para o fato.

No dia seguinte Alfredo me contou que Ana Luisa se havia negado a ajudar-nos.

— Disse-me que não queria ver-se envolvida em casos dúbios. Eu apenas lhe pedi que, perante o Juiz, fôsse testemunha a nosso favor. Porém...

— Muito sinto — disse-lhe eu. — Creio que o que me resta agora é fugir, desaparecer, esconder-me. Não posso suportar mais escândalos judiciais. Também não posso entregar-lhes Sérgio.

Alfredo balançou a cabeça, concordando comigo. Depois falou decidido.

— Há outro caminho, Elvira. Sou demasiado egoista para deixar que você se afaste de minha filha. Quer casar-se comigo?

Senti a cabeça tonta. Como seria possível o que estava ouvindo? Casar me com o homem a quem eu amava, a cuja filha adorava, mas que julgava que não era amada por êle?...

— Não necessitamos provar que se trata de um casamento por amor. Podemos ser honrados um com o outro. Seu espôso morreu; para mim...

Interrompeu-se pensando, naturalmente na decepção que lhe causara Ana Luisa. E prosseguiu.

— E' êste o único caminho, Elvira. Você precisa de proteção; Cristi precisa de você. Assim, tudo sairá bem.

— Sinto muito, por Ana Luisa — disse eu. Mas era esta resposta minha forma de aceitar sua sugestão. E suspirei.

Casamo-nos em cerimônia muito simples em família, tendo Alfredo comunicado aos Ponton e à Ana Luisa. Êles nos mandaram felicitações, recebendo logo depois um convite de Ana Luisa para uma festa em sua casa.

Pensei em não irmos; mas, quando Alfredo chegou do trabalho convenceu-me que devíamos aceitar, pois que, tarde ou cedo teríamos que enfrentar a situação.

A festa não teve outro objetivo senão provocar sutilmente Alfredo com seus olhares, suas palavras, seus movimentos. Eu estava furiosa e pedi a meu espôso que saíssemos cedo.

— Sim — disse êle respirando com dificuldade. — E' preferível que nos retiremos.

Quando chegamos em nossa casa se dirigiu imediatamente à sua alcova. Eu fiquei na minha, onde troquei meu trajo de noite por uma camisa de seda rosa e um robe de gase da mesma côr. Penteei meus cabelos, apaguei a luz e recostei-me sôbre as almofadas. Impulsivamente me levantei e fui até ao quarto de Alfredo, chamando-o suavemente. Êle abriu a porta em silêncio. Entrei e Alfredo me fitou gravemente.

— "Minha formosa senhora Valência — disse êle com calma.

Como um satélite que se acerca do seu astro, eu fiquei tão pertinho dele que era capaz de ouvir-lhe o pulsar do coração. Mas só tive tempo de pronunciar seu nome.

— Alfredo...

Beijou-me ligeiramente, sem tocar-me. Mas senti que seus lábios estavam quentes. Eu o abracei e o beijei, e, por um momento foi como se o mundo se incendiasse. Por fim seus braços me enlaçaram. Estivemos unidos, trocando carícias e beijos. Depois apaguei a luz. Êle então me perguntou:

— Elvira, estás certa de que serás feliz?

Eu estava louca de paixão por êle, a sonhar com aquêle momento inesquecível.

Ao romper da manhã voltei ao meu quarto e me vesti. Tinha a impressão de que nascia para mim uma vida absolutamente nova.

No dia seguinte me comunicou que um negócio urgente fora da cidade exigia que se ausentasse por algumas semanas. Despediu-se carinhosamente e me escreveu com regularidade. Por fim me comunicou por carta que estaria de volta dentro de poucos dias mais.

A essa altura dos acontecimentos eu estava alarmada. Fui a um médico, deixando os meninos com a empregada.

— Não sei por que motivo as mulheres se assustam tanto — disse o doutor.

— E' que estou doente, doutor! Com Sérgio nunca me senti mal um só dia!

— Sim, mas compreende a senhora que, para cada vez, os sintomas podem ser diferentes.

— Mas, como vou comunicar a Alfredo?...

O médico começou a rir e respondeu:

— Não lhe diga nada. Comece a fazer uns sapatinhos...

O médico não podia compreender meus pensamentos. E' que eu não queria que Alfredo suspeitasse de que êsse filho viera como um ardil para prendê-lo a mim, fôra um plano meu.

— Precisa ter cautela. Deve repousar tôdas as tardes três horas seguidas.

Quando regressei à casa disse à empregadinha a recomendação do médico. Juanina sorriu e me tranquilizou. Cuidaria dos meninos. Juanina tinha uma sobrinha de quinze anos, e ficou assente que essa jovem viria tôdas as tardes lá para casa, depois da escola. Seria excelente companhia para nossos filhos. Assim, pude repousar convenientemente e, no fim de dois dias, pude ver que estava mesmo precisando disso. Percebi que o médico soubera o que dizia, ao prescrever me êsse descanso.

Naquela noite, quando estava recolhida com Alfredo, estive a ponto de contar-lhe. Mas uma certa precaução me fêz calar. Precisava primeiramente saber o que sentia êle por Ana Luisa.

Passaram dois meses e eu, naturalmente já poderia contar a Alfredo o meu maravilhoso segrêdo, desaparecendo entre nós a última barreira.

Uma tarde chegou Alfredo às quatro horas, encontrando me dormindo. Despertou-me com certa rudeza e perguntou:

— Onde estão os meninos?

— Saíram com Hermínia!

— Então é certo o que me dizia Ana Luisa! Você abandona os meninos em poder de uma moçoila desde que se casou comigo.

Ergui-me prontamente e estive a ponto de revelar-lhe; mas tornei com calma:

— Você se engana. Hermínia é uma jovem distinta e capaz de acompanhar as crianças, digna de confiança.

— Onde estão agora? A que horas regressam?

— Voltarão às cinco e você se convencerá de que está em êrro.

— Mas não é somente isto. Porque não me disse antes?

— Devia ter-lhe dito — comecei. Mas vacilei temendo fracassar.

Nesse instante entrava Juanina como uma louca a exclamar:

— Senhora Valência! O Rio transbordou! Os meninos!

Alfredo ficou alarmado e me perguntou com censura:

—E êles foram para os lados do rio?!

— Hermínia me disse que os levaria a ver o rio — esclareceu Juanina. — Mas agora está ali a polícia impedindo o trânsito. — e começou a chorar.

Alfredo correu para a porta e, de lá, me dirigiu esta farpa de ódio:

— Os Ponton tinham razão, quando desejavam tirar-te Sérgio. Não mereces ser mãe!

Dizia-me o coração que os meninos estavam salvos. Não podia Hermínia ser tão maluca que os levasse a um lugar perigoso. Mas saí à rua e tomei um auto para levar-me até ao rio. Um policial me disse que não se recordava de haver visto nenhuma criança por ali. Isso me fêz empalidecer, invadindo-me amargo presentimento.

Voltei para casa e já ali encontrei Hermínia com as crianças e Alfredo.

— Pude ver que o rio oferecia perigo — disse Hermínia explicando por que não fôra mostrá-lo aos meninos — logo que passamos pelo jardim de Santo Antônio.

Quando as crianças se recolheram ao dormitório, anunciei a Alfredo que, no dia seguinte, eu iria embora.

— Será melhor — respondeu-me êle e saiu de casa. Intimamente me sentia alegre por nada ter-lhe dito daquele filho que se gerava em meu ser. Ficar em sua companhia a fôrça apenas pelo fato de que ia ter um filho, parecia-me odioso. Fiz minha arrumação e arrumei tudo o que era de Sérgio. No dia seguinte vesti me para partir, levando Sérgio comigo. Era muito cedinho e eu lhe disse:

— Vamos sair sem fazer barulho, na pontinha dos pés e comeremos alguma coisa em qualquer restaurante.

— Mas quero que Cristi também venha!

Fiz-lhe um sinal para que se calasse e cheguei à porta com êle. Subitamente, na penumbra daquela madrugada, se

(Cont. da pág. 52)

O TEMPO PASSA...
...mas o que é bom fica.
Pode-se assim dizer da ÁGUA INGLÊSA GRANADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCENÇAS.
TÔNICA E APERITIVA
ÁGUA INGLÊSA GRANADO

A beleza ao seu alcance
LEITE Beloitan
É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CÚTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Rua Souza Dantas, 23 - RIO.

HEMORRÓIDAS E VARIZES
Hemo-Virtus
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL - HORMON
Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio
BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 38 — Rio de Janeiro
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....
NOME ....
RUA .... Nº .....
CIDADE .... ESTADO ....



XIII EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA

AO ALTO — Aspecto do banquete oferecido às autoridades e demais visitantes presentes à inauguração da XIII Exposição. Em segundo plano estão as senhoritas da sociedade leopoldinense que gentilmente serviram o ágape. EM BAIXO — à esquerda, quando falava o sr. Ormeo Junqueira Botelho, presidente da Associação Rural de Leopoldina; à direita, o sr. Belo Lisboa corta a fita simbólica, inaugurando a XIII Exposição de Leopoldina



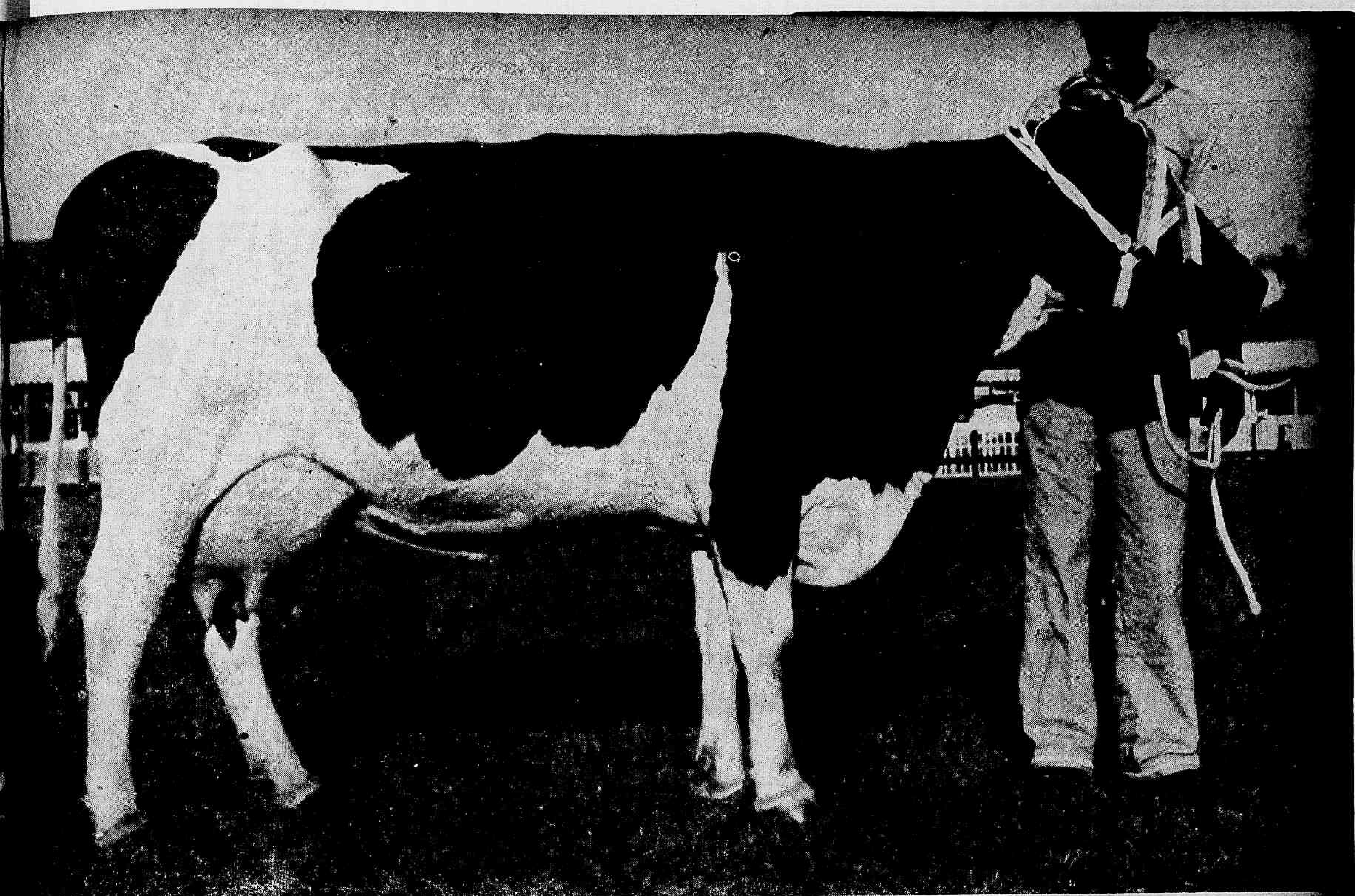


Leopoldina, centro da grande região leiteira da Zona da Mata mineira, acaba de realizar mais uma exposição regional, a décima terceira de uma série ininterrupta de importantes certames agro-pecuários. De 25 de junho a 3 de julho últimos, o belo parque da Associação Rural de Leopoldina foi pequeno para abrigar tantos e tão valiosos representantes da criação e da agricultura locais, repetindo-se aquêles êxitos anteriores que sempre marcaram a realização das exposições leopoldinenses. A XIII Exposição foi solenemente inaugurada pelo sr. Américo René Gianetti, secretário da agricultura de Minas Gerais, notando-se a presença de elevado número de autoridades e visitantes, entre os quais o sr. Belo Lisboa, então secretário de Agricultura do Distrito Federal, o sr. Mário Telles, representando o ministro Daniel de Carvalho, D. Delphim Ribeiro Guedes, bispo





A Fazenda Alvorada, do município de Carangola, teve destacada representação na XIII Exposição de Leopoldina. Concorrendo com um lote de 10 novilhas Guernsey, obteve dois 1.os e seis 2.os prêmios e uma menção honrosa, mais uma vez demonstrando o apreciável desenvolvimento da criação carangolense de gado de sangue nobre. Duas das novilhas expostas pela Fazenda Alvorada foram adquiridas pelo Ministério da Agricultura, justamente os belos exemplares que ilustram esta página — "Alvorada-Celina" e "Alvorada-Jaíse" — fato esse bastante auspicioso para a criação do importante município mineiro. A Fazenda Alvorada é de propriedade do [illegible] José [illegible] e todos os animais são registrados na Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey



EM CIMA — "Miltonia-Alegria", Campeã da raça Holandesa Preta e Branca e Campeã Leiteira da XIII Exposição. Êsse esplêndido animal, puro de pedigree, pertence à Fazenda Mato-Dentro, de propriedade do adiantado pecuarista sr. José Ribeiro dos Reis, detentor em Leopoldina de cinco campeonatos leiteiros consecutivos (1945, 1946, 1947, 1948 e 1949)

de Leopoldina, o sr. Joaquim C. Ribeiro Junqueira, diretor do Banco Ribeiro Junueira, o grande propulsor da riqueza da Zona da Mata, representações dos Municípios vizinhos, numerosos fazendeiros, comerciantes e industriais. Discursou o sr. Ormeo Junqueira Botelho, presidente da Associação Rural de Leopoldina, fazendo um histórico das atividades da região através de um ano cheio de dificuldades em face das enormes enchentes que a assolaram, saudando por fim quantos ali acorreram para prestigiar o grande



AO ALTO — "Miltonia-Canário", puro de pedigree, filho do touro "George" (importado). Reservado Campeão da raça Holandesa Vermelha e Branca. Fazenda Mato-Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis. Vila Abaíba, Leopoldina



"meeting". Discursou a seguir o sr. Américo René Gianetti, como sempre mostrando-se profundo conhecedor dos problemas ligados à pecuária e à lavoura mineiras, tendo após o sr. Belo Lisboa cortado a fita simbólica, inaugurando a XIII Exposição. Depois de visitados todos os pavilhões, teve lugar o

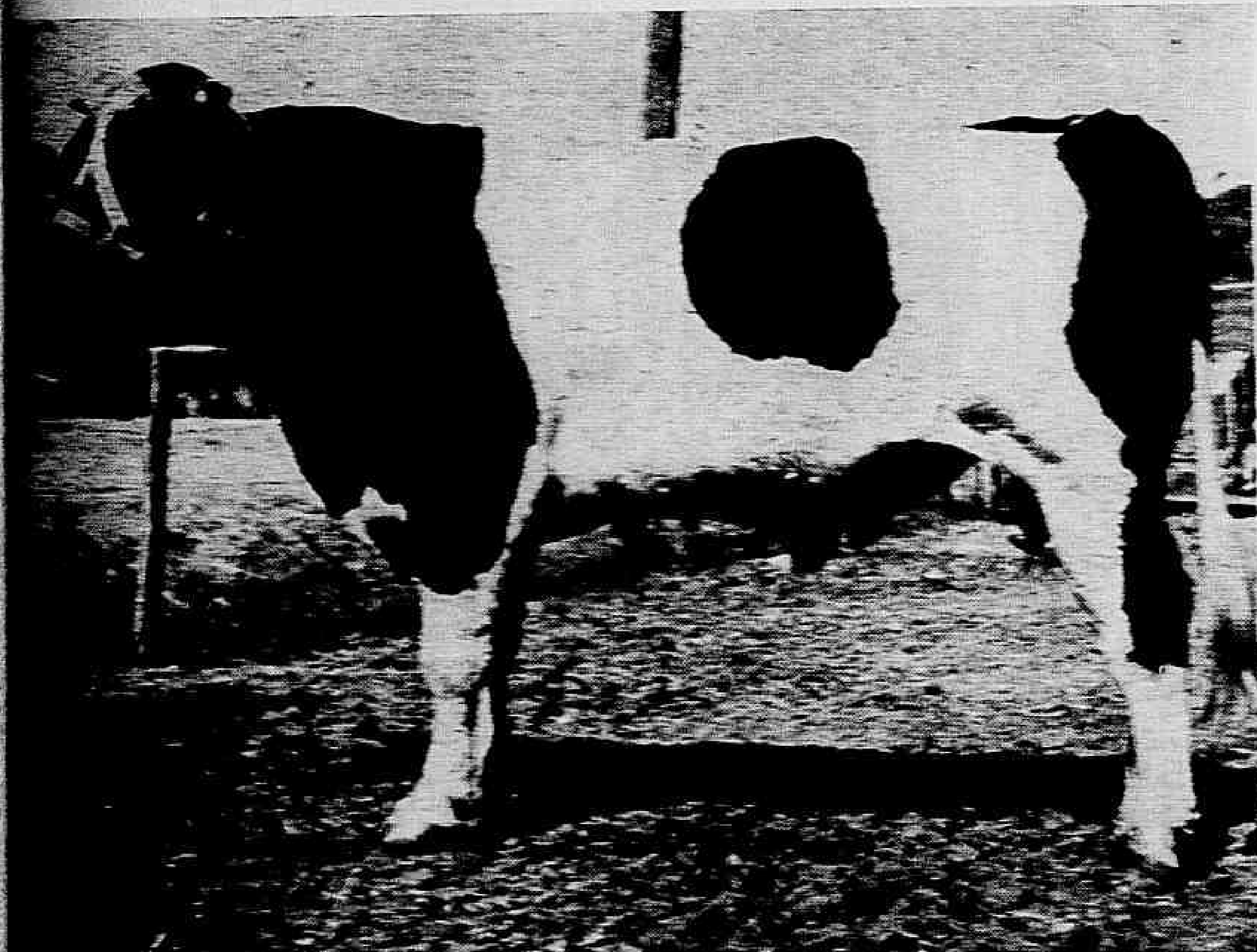
A ESQUERDA — "Miltonia-Marius", puro de pedigree, filho do touro "Bernard" (importado), Reservado-Campeão da raça Holandesa Preta e Branca. Fazenda Mato-Dentro, do sr. José Ribeiro dos Reis. Vila Abaíba, Leopoldina



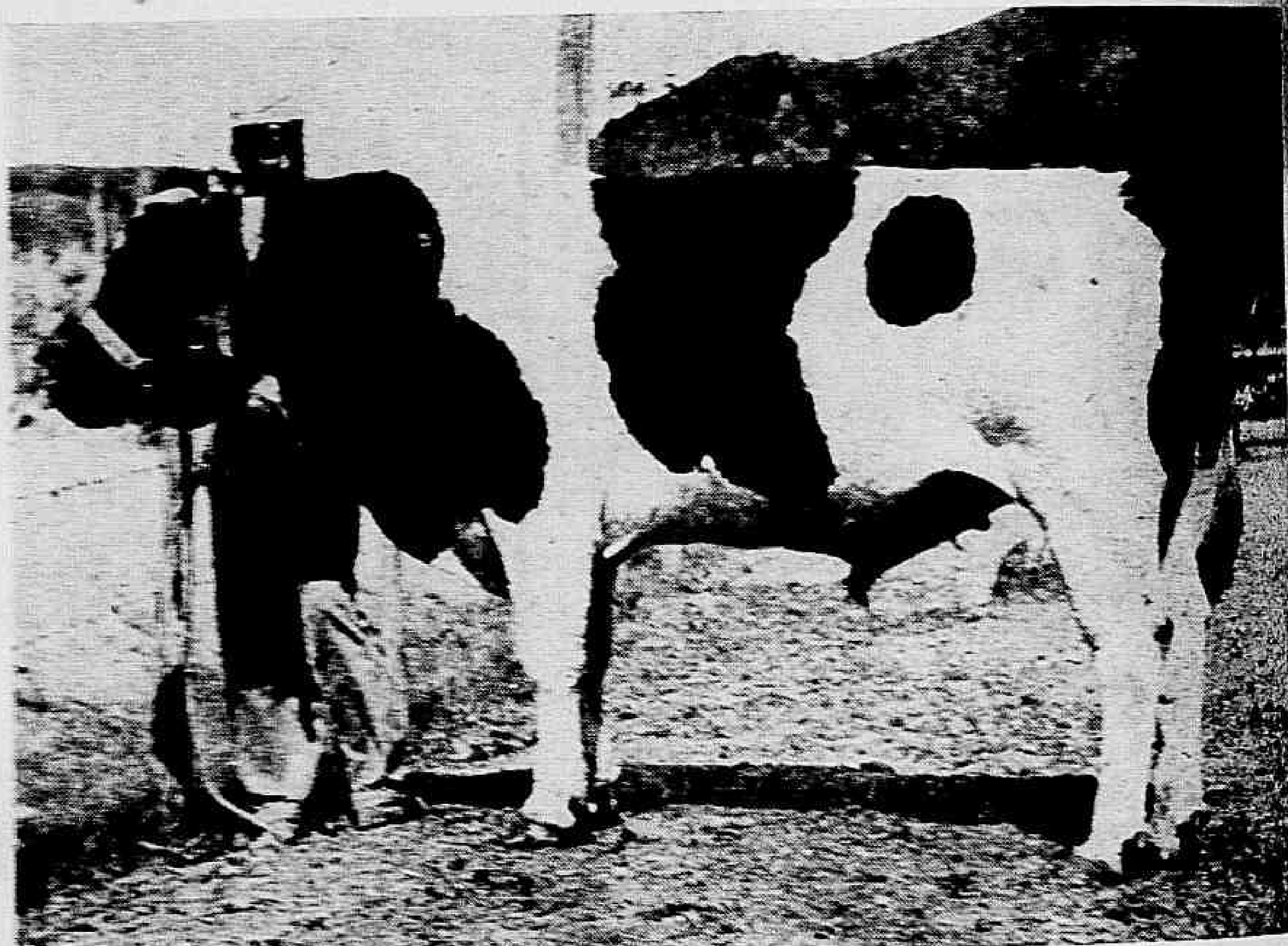
"Milionária-Campeão", puro de pedigree, filho do touro "George" (importado). Campeão da raça Holandesa Vermelha e Branca. Pertence à Fazenda Bom Destino, do sr. Antenor Ribeiro dos Reis, situada em Providência (Leopoldina), Minas. A Fazenda Bom Destino é detentora de destacados prêmios nas exposições leopoldinenses e nacionais de que tem participado com os seus finos planteis holandeses preto e branco e vermelho e branco

desfile dos animais expostos, repetindo-se o imponente espetáculo a que anualmente assistimos na pista da exposição.

A XIII Exposição de Leopoldina teve um movimentado transcurso, quer no número de visitantes, quer nas diversas fases do julgamento ou ainda no tradicional concurso leiteiro, reunindo para mais de 50 vacas de diversos portes. A parte agrícola também ostentou muito brilho, enchendo o pavilhão a ela destinado com os melhores especimes da lavoura da região. Ainda uma parcela de mostruários de indústrias reuniu alguns "stands", concorrendo para o maior interêsse do certame. E coroando o sucesso da Exposição, temos a registrar o lado social do mesmo, que jamais esteve tão animado e brilhante. Efetivamente, notou-se êste ano uma afluência do público nunca vista ao recinto da Exposição, fazendo com que os dias e as noites ali se passassem em permanente entusiasmo. Os bares e restaurantes, notadamente os de beneficência, estiveram em constante movimentação, com as reuniões sociais que neles se verificavam. A XIII Exposição de Leopoldina foi, portanto, mais um sucesso a se acrescentar à história do desenvolvimento da riquíssima região, que continua trabalhando sem desfalecimentos pela grandeza da pecuária de Minas e do Brasil.



"Dissidente", puro por cruzamento. Campeão da raça Holandesa Preta e Branca. Fazenda Albion, do sr. José Francisco Ribeiro dos Reis, Providência, Leopoldina



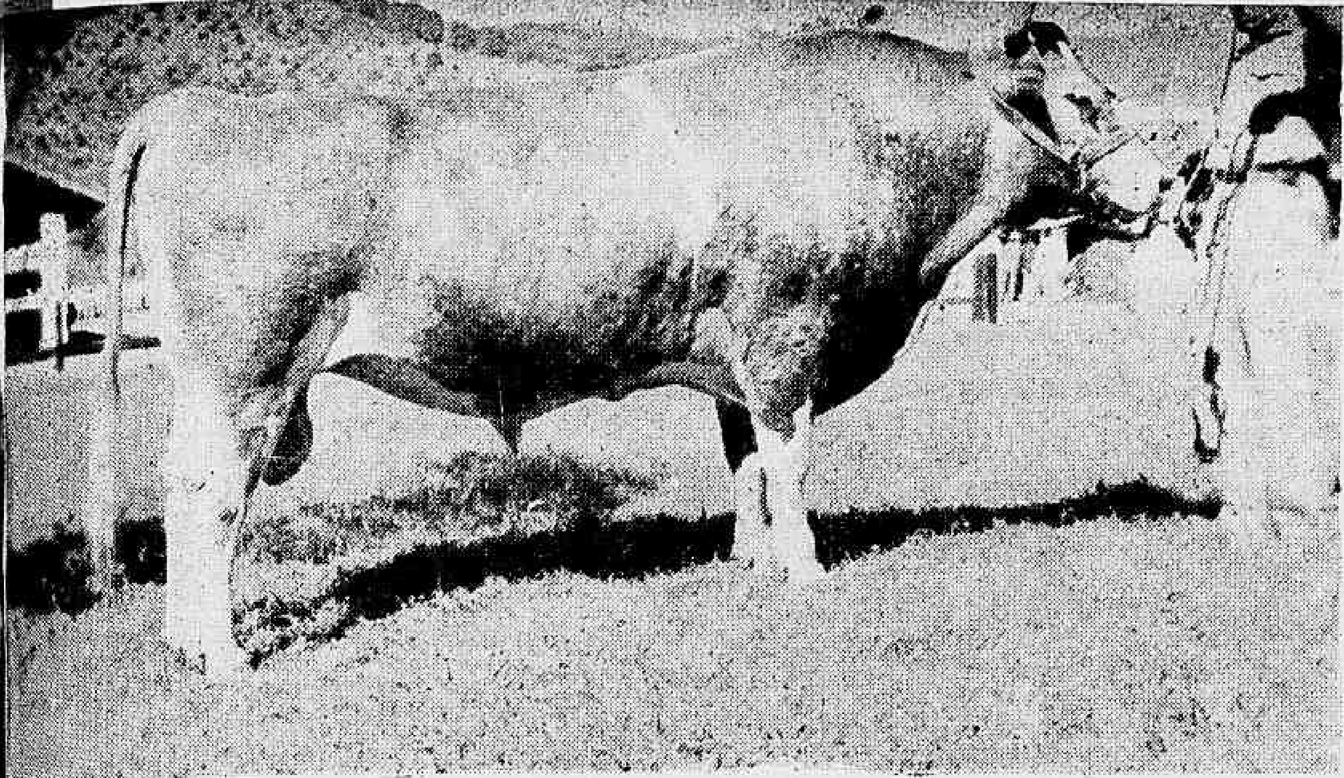
"Onix-Dançarino", puro de origem. 1º Prêmio da raça Holandesa Preta e Branca. Fazenda Bom Destino, do sr. Antenor Ribeiro dos Reis, Providência, Leopoldina, Minas Gerais

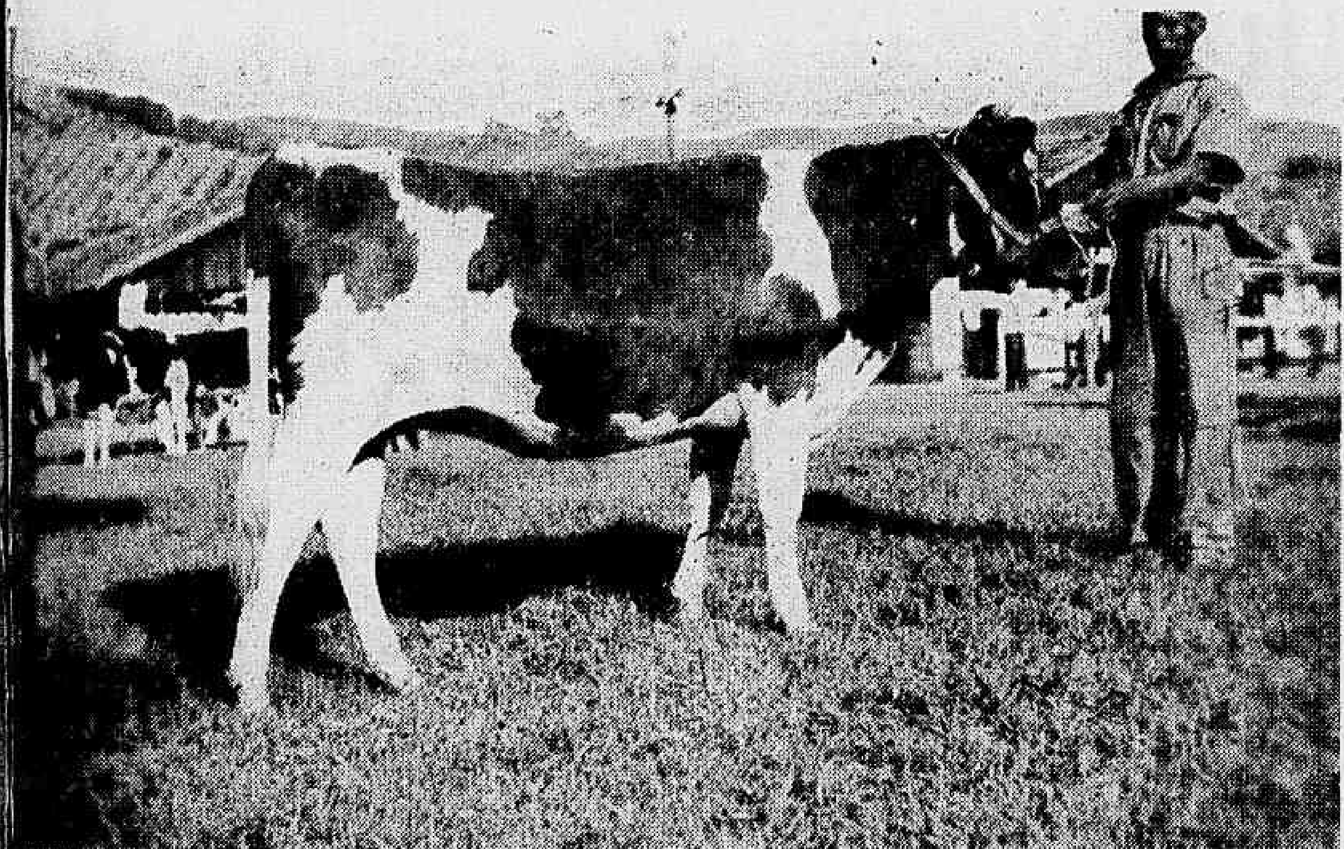


Grupo-família Campeão de tôdas as raças leiteiras na XIII Exposição. E' êste um prêmio de excepcional significação para o criador. Alcançou-o com o esplêndido conjunto acima a Fazenda Bom Destino, do sr. Antenor Ribeiro dos Reis, Providência, Leopoldina, Minas



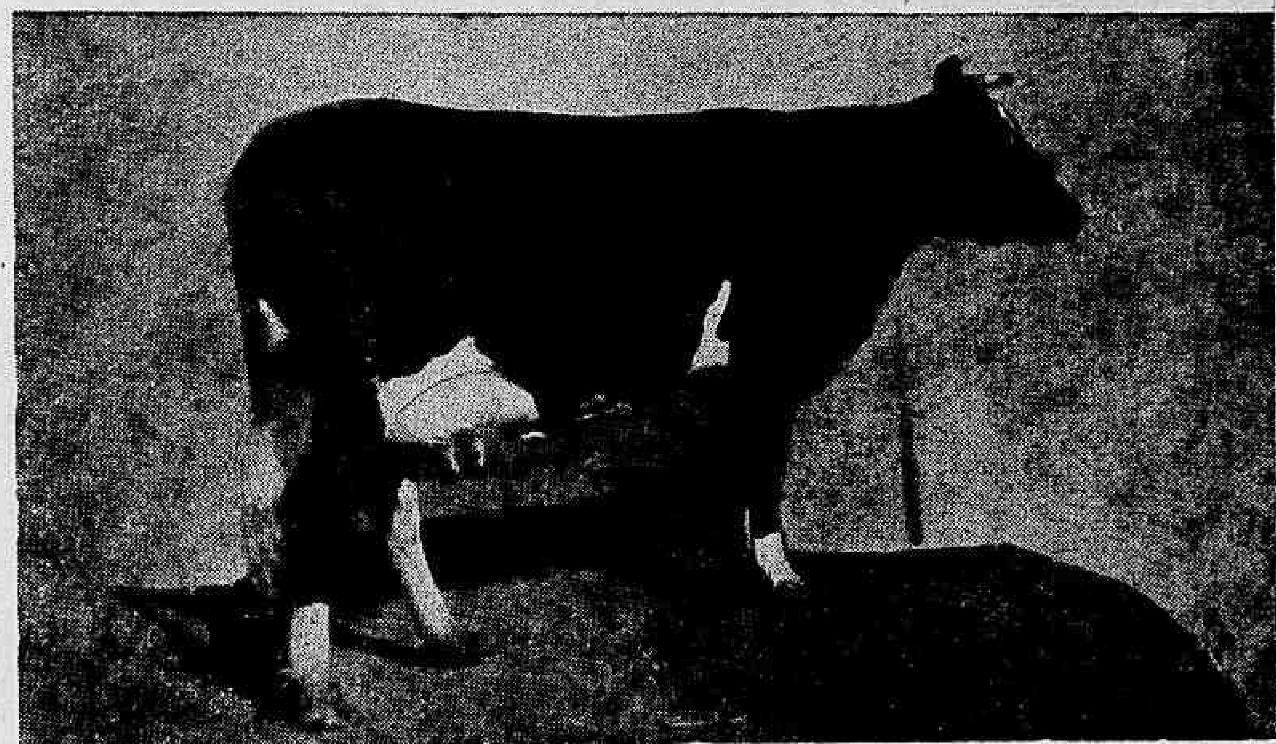
O mesmo grupo da fotografia à esquerda, visto por trás, mostrando a uniformidade de tipo que caracteriza o excelente conjunto campeão das raças leiteiras na XIII Exposição. A Fazenda Bom Destino, à qual pertence, obteve 3 campeonatos expressivos naquele certame



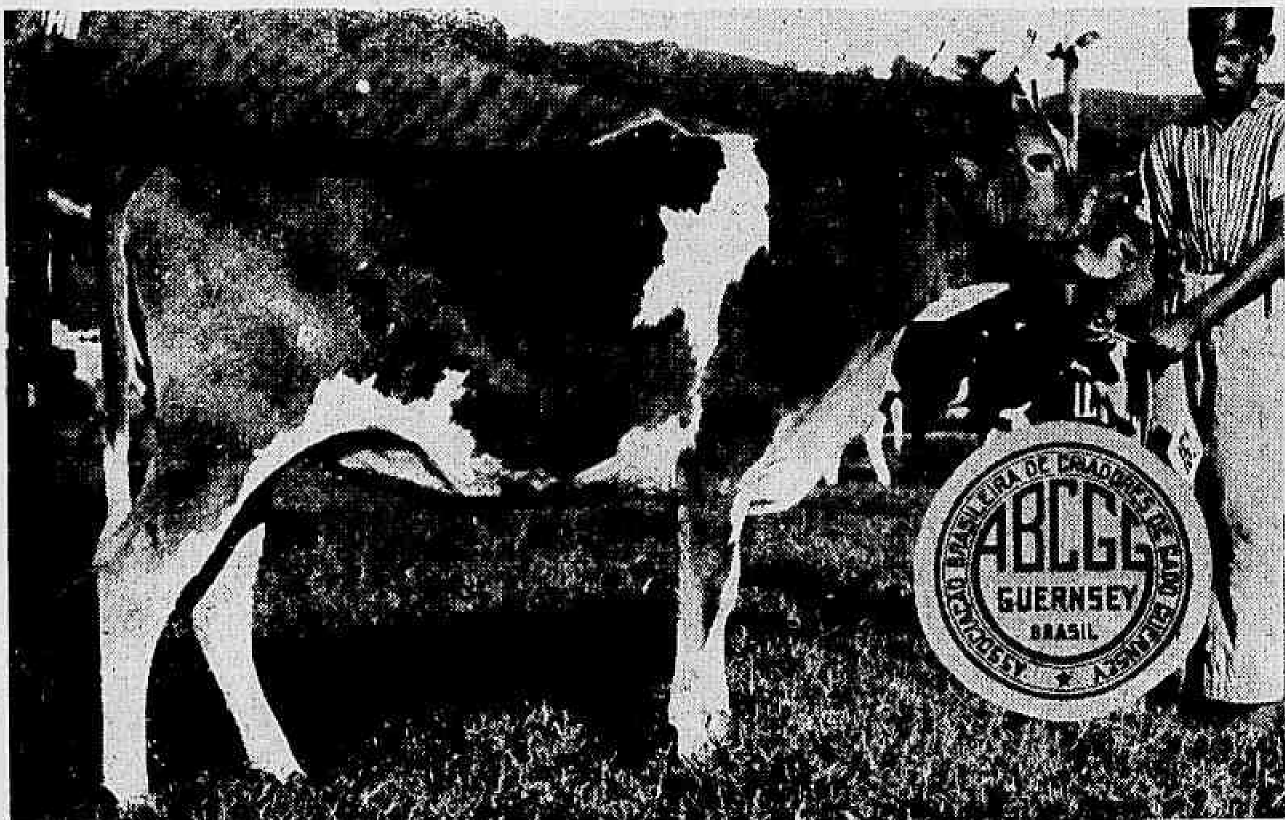


Os animais das fotografias acima são os campeões da raça Guernsey na XIII Exposição. O primeiro é o touro "Abaíba-Yapu", Campeão. Puro por cruzamento. O segundo é a vaca "Cabedal-Vera", Campeã. Pura por cruzamento. Foram expostos pelos criadores Irmãos Junqueira Botelho. Registrados na Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey

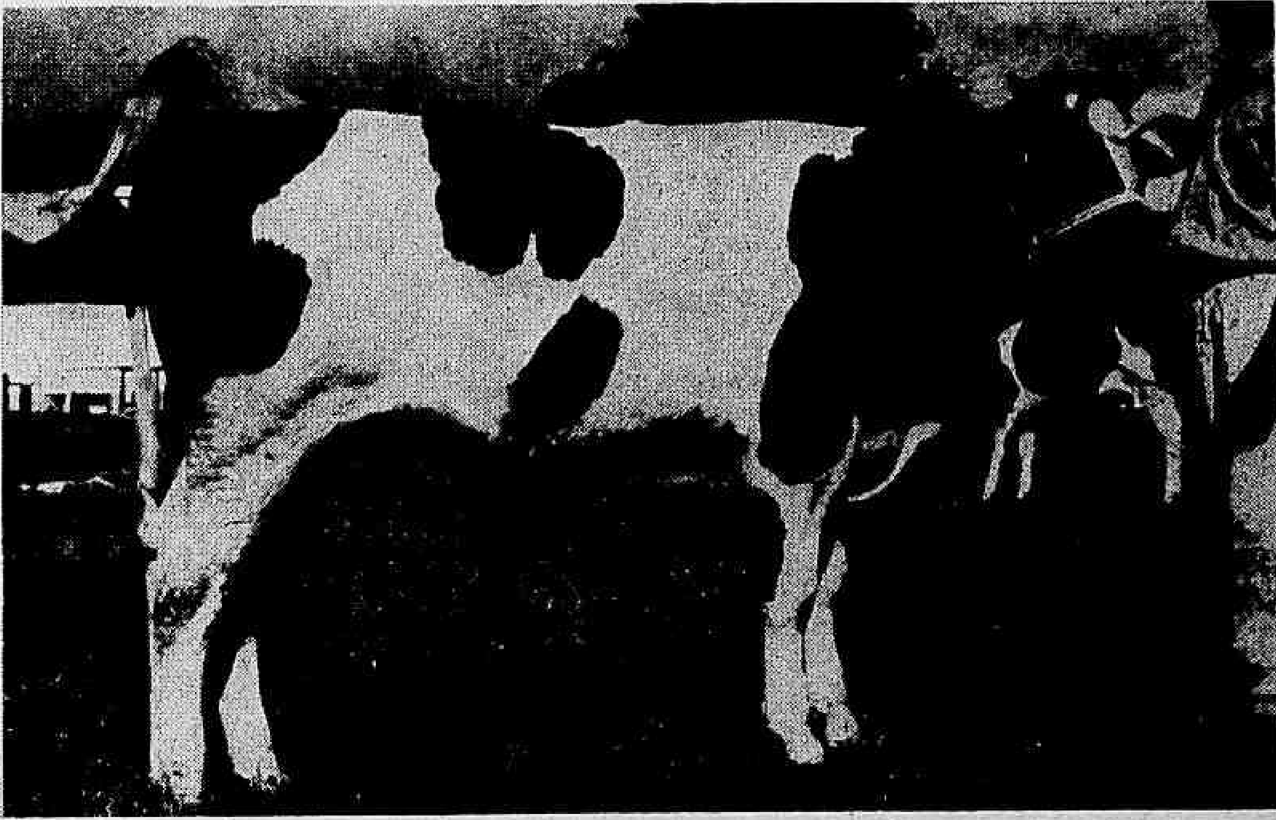




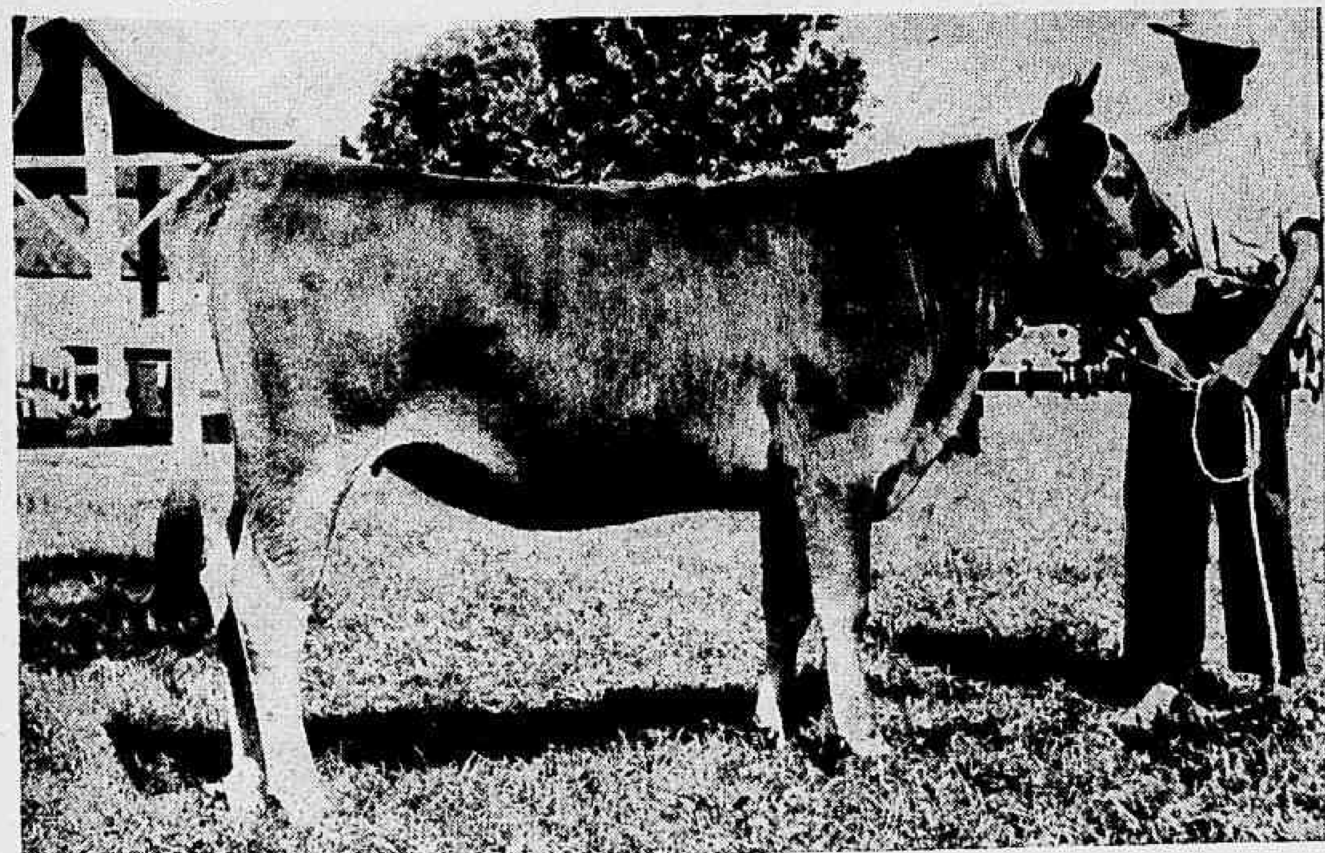
A Fazenda Cruz Alta, de Herdeiros de Marco Aurélio Monteiro de Barros, situada em Providência, Leopoldina, Minas, conquistou pela 6ª vez consecutiva o Campeonato de Matéria Gorda na Exposição de Leopoldina. Nas gravuras ao alto estão as vacas Cruzalta-Mariposa" (a de cima), Campeã de Matéria Gorda da Exposição, e "Cruzalta-Requinta"



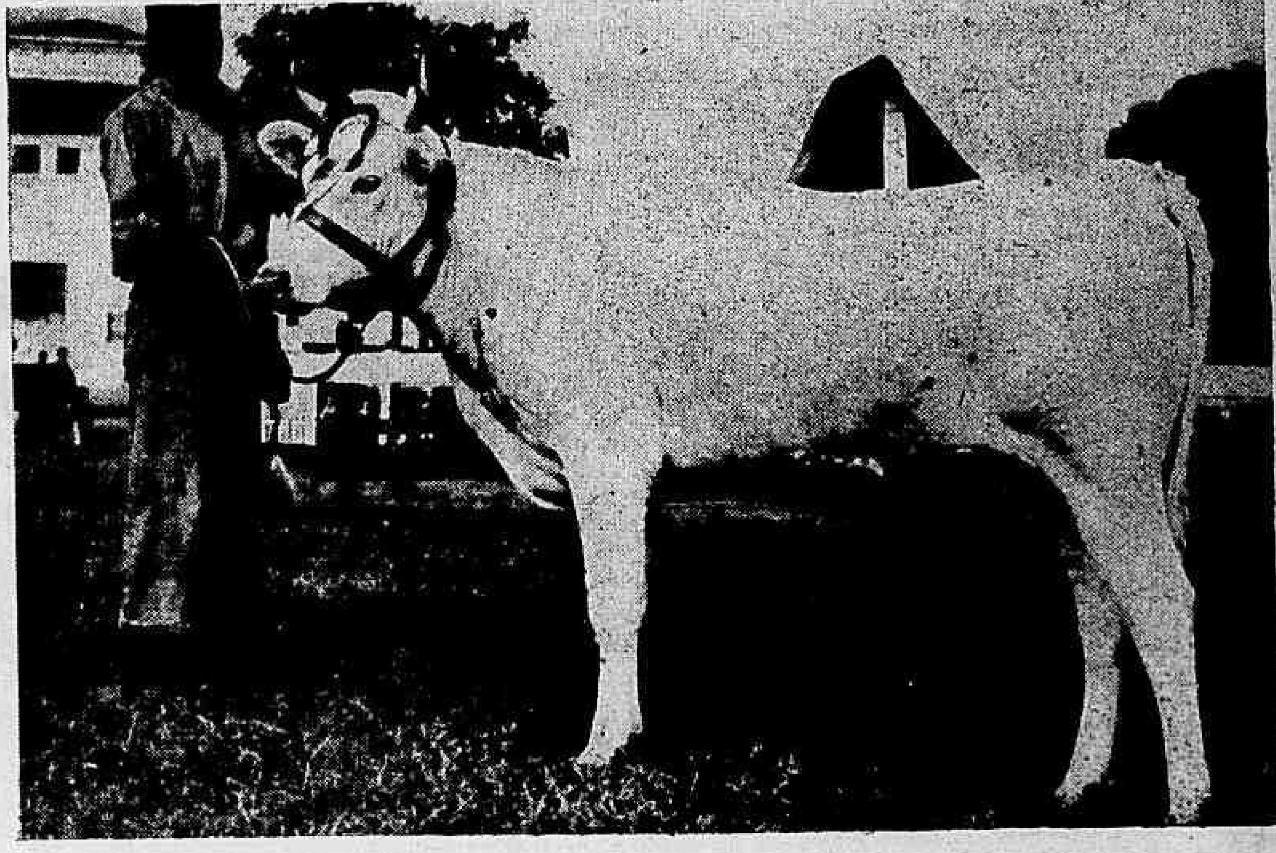
"Desengano-Patativa", Reservada-Campeã da raça Guernsey na XIII Exposição. Pura por cruzamento. Pertence à Fazenda Desengano, dos Herdeiros do dr. Custódio M. R. Junqueira. O animal acima foi 1º Prêmio e Campeã da raça na V Exposição de Muriaé. Registrada na Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey



"Dengosa-Itu", 1º Prêmio da raça Holandesa Preta e Branca na sua categoria. Pura por cruzamento. Pertence ao plantel da Fazenda Pedra Branca, do sr. José Newton Reis Junqueira, localizada em Volta Grande, Minas Gerais



"Itororó-P.êmia", 1º Prêmio da raça Schwyz na sua categoria (7/8). Pertencente ao plantel da Fazenda Itororó, dos srs. Bastos & Filhos,, situada em Leopoldina, Minas



"Niagara-Italiana", Campeã da raça Simental na XIII Exposição. Pura por cruzamento. Propriedade da Fazenda Niagara, de Fazenda Niagara S. A., Vila Abaíba, Leopoldina



CENAS DA VIDA RURAL

Quem observa o jumento humilde, sóbrio, serviçal e manso, está longe de supor que possa ser bravio. Mas êle, que tem nas zonas semi-áridas o seu paraiso terrestre, que anda sôlto, criado em manadas, é também arisco e dá trabalho.

Êstes flagrantes, apanhados pela curiosidade de um amador fotográfico em viagem pelo nordeste brasileiro, retratam aspectos dessa luta em que, como sempre, o homem termina vencedor.



Vê-se, a princípio, o lote rodeado para que, entre todos, seja escolhido o que interessa. Separado, vai o caboclo laçar o bicho que, naturalmente, não se conforma com o ornamento. Salta, encolhe-se, procura fugir. E não cede senão quando, mesmo sob a ameaça de uma dentada ou de um coice violento, o caboclo agarra-se ao bicho como quem pega touro a unha.



Não demora muito o fim do espetáculo. Eis o indomável "jegue" vencido, no tronco, d·minado para sempre e definitivamente condenado ao trabalho diuturno. Sem nada reclamar, comendo e bebendo quando possível, mas servindo a tôda hora, que o seu destino é o de trabalhar ajudando o homem, de cuja família como que passa a fazer parte.



MATRIMÔNIO

(Cont. da pág. 47)

acenderam as luzes do vestíbulo. Alfredo descera também e exclamara:

— Elvira! Não vás! Não posso deixar-te ir! Se fizeste alguma coisa, sei que foi por algum motivo. Não te pergunto. Mas te suplico que fiques e que me perdôes! Elvira, eu te amo! Dize que ficarás!

Suas palavras e o tom em que foram ditas me convenceram de que eram sinceras.

Quando Sérgio reclamou que não saíamos como lhe prometera eu expliquei que o levaria, depois, com Cristi. E esclareci:

— Isto é, se puder, pois, segundo me recomendou o médico, nem sempre poderei dar êsses passeios. Somente algumas vêzes.

Eu estava com um fogo enorme na face. Ruborizei-me. Olhei para Alfredo e êste percebeu o mistério de tudo aquilo.

Alfredo sorriu contente, amoroso, compreensivo. Eu havia ganho a maior batalha. E fiquei em meu lar, cercada de amor, de confôrto e certeza de que êle também me amava com loucura. E, enfim, pude descansar...

O Cidadão José Osório Borba

(Cont. da pág. 37)

linhas", escrito na província, publicado no Rio em 1925. Em "Sombras no túnel" está um pouco do meu teimoso combate ao fascismo, da minha resistência (nas entrelinhas) ao Estado Novo. Todo escrito sob a censura do DIP. "A Comédia" é o que menos me desgosta; deve ser o mais bem cuidado na forma, e tem menos azedume e mais **humour.**"

Durante a vigência do Estado Novo, o atual representante do P.S.B. dedicou-se à tradução, trabalhando para diversas editoras. Dentre outros, traduziu "A França traída", de Pierre Laval; "Recordações de infância e juventude", de Ernest Renan; "A questão social e os cristãos sociais", de Lisandro de la Torre; "Opiniões políticas", de Napoleão; "Memórias", de Goethe; "As ligações perigosas", de Choderlos de Laclos, e "A dama dos cravos", de Cronin.

Osório Borba explica a sua falta de assiduidade no mercado livreiro, pela fato de nada escrever além de artigos, gênero pouco procurado pelos editores. Seu grande desejo é fazer teatro, embora jamais se dispusesse a tentar. Enquanto isso, Graciliano Ramos sustenta que êle seria um bom romancista. Porém a preguiça mental, as múltiplas obrigações e a descrença em si próprio levam-no a desistir de experimentar o romance. Além disso, nenhum de seus livros lhe deu mais do que os dez por cento sôbre a edição.

Madrugador incorrigível, habituou-se a escrever após o café, que êle mesmo prepara. Utiliza uma máquina de escrever em seus misteres jornalísticos e no preparo de seus discursos. Possui, em seu apartamento, um jabuti a que deu o nome de Gandhi. Foi presente da irmã de Samuel Wainer. E, segundo afirma, nunca viu o bichinho beber água. Também guarda, com muito carinho, uma vistosa coleção de facas, apesar de andar desarmado. Uma única vez, quando foi avisado de que alguém o desejava agredir, é que colocou uma delas na cintura. Felizmente, não foi preciso utilizá-la. Tem, ainda, objetos típicos do sertão pernambucano, inclusive diversos bonecos de barro.

Acha que temos um grupo considerável de bons críticos, não inferior aos da geração anterior: a de Sílvio Romero, Veríssimo, Araripe. Sua preferência, porém, recai em Tristão de Ataíde, Antônio Cândido, Sérgio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, Rodrigo de Melo Franco de Andrade, Pedro Dantas, Sérgio Milliet e Afonso Arinos de Melo Franco.

Como intelectual, participou dos dois Congressos Brasileiros de Escritores, na qualidade de membro da A.B.D.E., agremiação da qual se desligou em virtude do gesto pouco democrático dos elementos comunistas, que desejavam impor uma diretoria.

Na imprensa seu maior dissabor é constatar, às vêzes, a inutilidade dos esforços dos jornalistas honestos para orientar o público, desfazer juízos errôneos sôbre homens e fatos. Cita como exemplo certos malfeitores públicos, tiranos e demagogos da pior espécie que resistem à pulverização da imprensa honesta, e continuam a arrastar as massas para as suas aventuras ou ficam impunes nos seus crimes e indecências.

COMO OSÓRIO VIU OS GAÚCHOS

Não faz muito, o representante do P.S.B. excursionou pelo Rio Grande, voltando entusiasmado com a cordialidade dos gaúchos, sua expansividade e cortesia. Não esquece a recepção fraternal na imprensa nem tampouco as boas maneiras parlamentares. Nessa excursão reviu velhos amigos, adquiriu outros tantos e travou conhecimento com muitas pessoas inteligentíssimas. Por isso, quando lhe indagamos se acha o Rio Grande uma região tão brasileira como as outras, exclamou:

— "Que dúvida! O Brasil é muito mais uno e igual do que em geral se pensa. E até acho que — guardada a unidade substancial — seríamos um país mais interessante se se conservassem mais as peculiaridades regionais, por exemplo, em matéria de costumes, festas, vestuário. O Rio Grande típico — aquêle das alegorias, dos cenários de teatro e também da caricatura — a gente já não o vê facilmente, pelo menos nas grandes cidades. A éra industrial vai diluindo o pitoresco. O que poderá ir resistindo são os costumes e os estilos de trabalho nas estâncias. O Rio Grande, sob um certo aspecto, sempre foi, aliás, mais brasileiro do que outras regiões. Explico-me: as populações fronteiriças têm naturalmente mais presente, mais vivo e alerta o sentimento de nacionalidade, porque estão em contacto com o estrangeiro. E acontece, mais, que na formação do povo gaúcho entrou sempre um fator de aproximação e identificação com a gente brasileira de outras regiões: a constante e numerosa incorporação, a sua massa demográfica, de brasileiros de todos os demais Estados, que lá se enraízam e constituem família. Houve tempo em que a maioria do Tribunal de Justiça do Estado, por exemplo, era de bacharéis "importados" do Norte. Borges de Medeiros, que governou vinte e cinco anos, era filho de pernambucanos. Naturais ou filhos de naturais de outros Estados têm sido muitos outros nomes ilustres da política e de tôdas as atividades no Rio Grande. Aquêle meio isolamento em que vivia o Estado, devido às condições geográficas, foi anulado pelo progresso dos meios de comunicações e transportes: o avião, o rádio, o desenvolvimento do sistema rodoviário."

PONTO FINAL

Aí está, através de uma reortagem ligeira, o cidadão que, até os vinte e um anos de idade, por um lapso do escrivão, se chamou José Segundo. Hoje desempenhando mandato popular na Câmara Legislativa do Distrito Federal, exercendo o jornalismo combativo na imprensa carioca e traduzindo para as casas editoras do Rio, José Osório de Morais Borba, filho dos agricultores José Borba e Ana de Morais Borba, já falecidos, é uma figura conhecida e procurada nas colunas do "Diário de Notícias".

Encerrando, ainda queremos afirmar: Osório Borba tem muito do "mandacaru": espinhos, arestas, esquisitices. Foi uma luta obter os flagrantes fotográficos que ilustram esta reportagem. Êle tem o 'complexo do crítico'": Isso, não... Não quero. E' ridículo. Mas não sou cabotino... Chega... Não quero aparecer.

SONATA AO LUAR

(Cont. da pág. 42)

cio não dei importância. Mas depois comecei a ficar enervado. As mulheres que eu conhecia não me satisfaziam. Eram tôdas levianas, fúteis, sem atrativos que não um belo corpo que depois de algum tempo me enfastiavam. Eu não queria escrever mas sentia falta das cartas dela. Eram simples, mas cheias da saudade dela e falavam tão bem da sua ternura. Passou muito tempo sm escrever, mas um dia recebi um bilhete. Estava muito doente e sem recursos. Apelava para os meus sentimentos de humanidade e pedia que

(Cont. na pág. 55)

Nº 17

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM







DOIS ANDARES ACIMA ESTA' O CADAVER DO DESCONHECIDO. HUNKY ESTA' PRONTO A FAZE-LO RENDER...

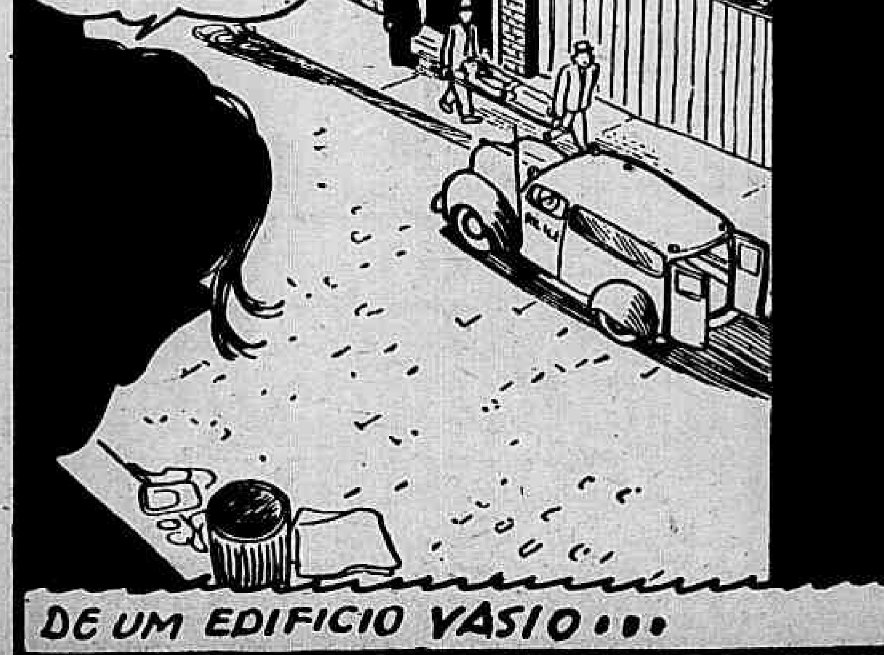
















AS CHUVAS SE CARACTERIZAM PELOS "PINGOS" E AS DECISÕES DE MR. FORD PELAS "PINGAS"

AMEAÇA DE DESPEJO!



Ora, meu amigo, que tenho eu com isso?


O já famoso Mr. Ford

ESPAÇO RESERVADO PARA UM ANÚNCIO PROMETIDO

O MUNDO MANCA E A MULA MORCHA

BONECOS DE RAFAEL ★ DIREÇÃO DO CONDE DE SALAMALEQUES

★★★ PÁGINA DE AGITAÇÕES ATÔNITAS. ARTE. MANHA. DIVERSÕES ★★★

Ao ser ameaçado de despejo, despejou o verbo por não ter verba, o nosso digníssimo diretor, conde de Salamaleques

Embora tenhamos recebido instantes convites dos promotores da Conferência de Araxá que estabelecerá os itens fundamentais para o progresso de nossa pátria, não nos foi possível mandar uma delegação à altura de nosso prestígio no tempo e no espaço, uma vez que estava o nosso diretor, Sr. Conde de Salamaleques, entre a vida e a morte, com várias pessoas à sua ilustre cabeceira.

E' verdade que a doença não era lá grande coisa; mas, seguindo as instruções do seu advogado, um senhor muito hábil em questões cíveis, o nosso prestigioso fidalgo de tantas tradições gloriosas, se mantinha recolhido ao leito de vida ou morte para escapar a uma ordem de despejo.

Quando o oficial de justiça chegou com o mandado, o Sr. Conde representou tão bem o seu papel que dava a mais perfeita impressão de que estava mesmo morrendo. Nunca imaginamos que sua excelência tivesse tanto jeito para a arte trágica, o drama grego para enganar troianos. O oficial de justiça recuou, descobriu-se respeitosamente e chegou a chorar conosco, os amigos inseparáveis do grande semi-morto de velhacaria.

Na verdade todos nós chorávamos, mas era de vergonha. Muitos de desespêro e raiva porque não podiam ir à grande Conferência de Araxá, hospedando-se principescamente naqueles apartamentos opulentos do famoso hotel que dá um prejuizo anual de dez mil contos ao Estado de Minas que, por isso, nunca mais pôde tirar os pés da lama.



Mas que temos nós com os prejuizos do Estado de Minas se vivemos em permanente estado de misérias? Essa ameaça de despejo foi uma calamidade. Mas, segundo dizem, haverá brevemente uma terceira Conferência lá mesmo em Araxá, pois só compareceram 1.300 pessoas para discutir em mesa redonda; como não é possível uma mesa redonda tão grande, os promotores mandaram fazer várias redondinhas; é nessas que depositamos tôdas as nossas esperanças. E, nos atolaremos na lama de Araxá, sem querer saber quem vai pagar ao armazem...

ALARMANTE A SITUAÇÃO EM ARAXÁ

ARAXA (PELO CABO FRIO) — URGENTE — OS 1.400 CONGRESSISTAS DE ASSUNTOS ECONÔMICO-FINANCEIRO-RURAIS E SOCIAIS ESTÃO DECIDIDOS A CAIR NA LAMA DE ARAXA PARA DEPOIS LAVAR A ROUPA SUJA.

NOTÍCIAS FRESCAS E GELADAS

HONG-KONG, 29 (PELO CABO LOSO) — O GENERAL PAI BATEU EM MAE NA BATALHA DO RIO SEM-FÉ. POR ÊSSE MOTIVO O SEU IRMAO CHUCHU VAI QUEIXAR-SE AO CONSELHEIRO TI-TIO NA CIDADE DE CHU-POU-SANG.

Cantão (Pelo Cabo de Vassouras) — Também urgente — Em virtude de ser esta cidade muito grande e difícil de esconder dos comunistas que avançam para atacá-la, seguiu Chiang-Kai-Não-Kai para procurar um Cantinho em Formosa.

SUCIAIS

Casamento — Não sendo mais possível suportar aquêle noivado cacete e que já durava trinta e cinco anos, dois meses e vários dias úteis e inúteis, casou-se ontem o sr. Nacil Chati com a senhoritona Marta N. Ado. Parabens ao madurão casal Chati-Ado.

Acidente — Havendo dúvidas sôbre quem tinha mais resistência, se um bonde de Cascadura ou um de Pedregulho, vários cientistas fizeram apostas e colocaram os dois animais em velocidade e em sentido contrário. O choque foi tremendo e da colisão ambos saíram muito machucados, provando-se cientificamente que não é verdade que



um bonde de Cascadura resista à rigidez de um de Pedregulho, saindo êste também arrebentado. Bem feito.

Aniversário — Completando seu quadragésimo aniversário de nascimento, promoveu o Teatro Municipal uma festa de arromba. Houve discursos pelo jovem poeta das Cigarras, ópera e comédias, cantos e hinos. Tudo para provar que a vida começa aos quarenta. Vamos ver.

REGRESSA INESPERADAMENTE — O BARÃO DO BUTECO —

Rio, 27 (Por Telepatia) Urgente — Interrompendo sua estação de repouso não remunerado num dos grandes e luxuosos hotéis de Poços de Caldas, chega ao Rio, num caminhão de galinhas, o Sr. Barão do Buteco, a chamado dos seus correligionários, para tratar de assunto gravissimo e absolutamente secreto. Esta redação ficará em sessão permanente, correndo uma xicarazinha de café de quinze em quinze minutos, sendo provável que possamos dar um furo sensacional! (Tudo dependendo, porém, de quem vai correr com os cobres para as despesas.)



CONSULTÓRIO DE GRAÇA PARA POBRES DE ESPIRITO

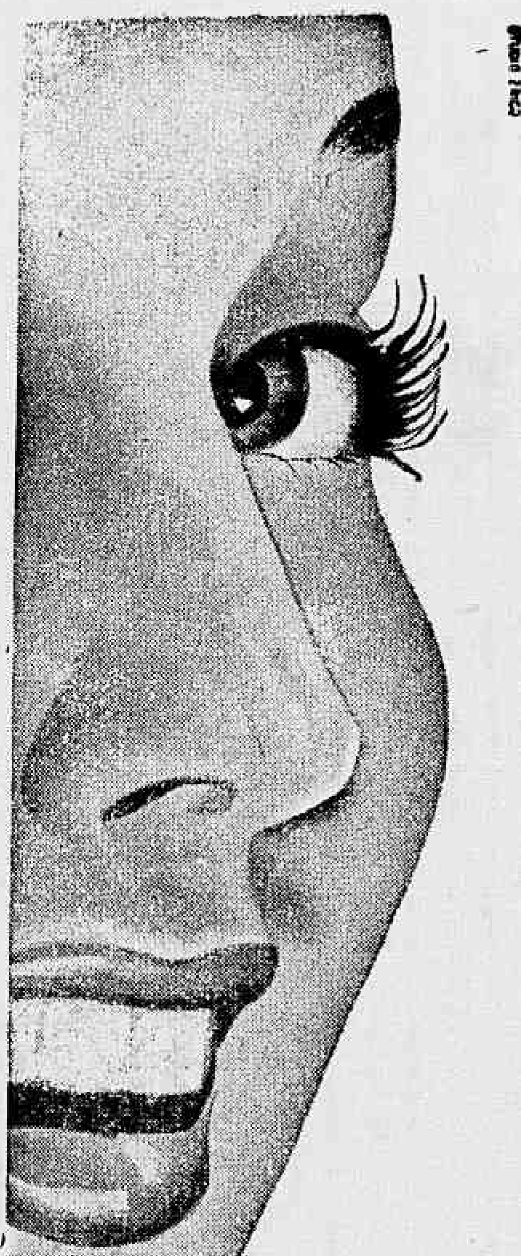
BARÃO DO BUTECO

Amélia (Rio) — O nome Araxá está errado. Deve ser: Arar-Chá. Origina-se de um aparêlho que uns chineses trouxeram há três séculos para cultura do chá naquela zona e que, depois, foi transformado para Araxá, com grande prejuizo dos chineses e dos que não tomaram aquela beberagem em pequeno...

Juliana (Idem) — A palavra inventário significa uma coisa que se inventa. Tudo depende da habilidade de quem preparou a invenção. Os herdeiros ficam à espera do fim dessa invencionice durante um, cinco, dez, vinte anos, até que caem em si e acham até graça nesse curioso jôgo de paciência que o homem civilizado inventou só para chatear os que ficam vivos e à espera que morram os parentes ricos.

Madalena (Também do Rio) — **Facada** quer dizer golpe com uma faca. **Paulada**, golpe com pau. Entretanto, por mais incrível que pareça, **tapada** não significa golpe com tapa, e sim uma pessoa estúpida, ou uma coisa que estava aberta e foi vedada. Da mesma forma, se uma pessoa lhe dá na cara com um jornal, não se vai dizer que êsse amigo lhe deu uma jornada. Também não é verdade que uma mesada seja uma pancada com uma mesa, e sim uma coisa até muito boa e que representa a vida de muitos estudantes. Não é mesmo?

SENSACIONAL! MUITO BREVE "A VIDA ÍNTIMA DE UM TUBARÃO"



"Super-it" PARA O SEU OLHAR



com uma simples e agradável aplicação de Cilion, duas vezes por dia. Cilion dá nova beleza às pálpebras, escurece, alonga e recurva os cílios, dá brilho às sobrancelhas, impedindo ao mesmo tempo a formação de caspas e terçóis.



Prefira o TUBO GRANDE rende mais e custa relativamente, muito menos

CILION

embeleza e protege os olhos

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.° andar — Sala 217

SONATA AO LUAR

(Cont. da pág. 52)

voltasse. Coloquei um cheque no Correio, mas não escrevi uma linha sequér. Hoje não posso compreender porque agi dessa maneira. Estava fora de mim. Ela esperava uma carta. Um consôlo para a distância. E o meu silêncio feriu-a profundamente. Nunca mais soube notícias dela... Um dia entrei aqui... Em um piano velho alguém tocava a "Sonata ao Luar..." Vi renascer em mim a antiga chama. Eu estava desta vez completamente desiludido. A mulher, por quem me apaixonei depois, traiu-me miseràvelmente. Abandonei-a, e a dor era recente. Pois bem, eu não sei explicar o que aconteceu em mim uma angústia indefinível, um desejo louco de saber quem tocava aquéla música. Voltou-me à memória a lembrança esfumaçada da felicidade que fugira. Daí a pouco cessou a música. Minutos após u'a mulher saía, vestida com uma capa cinzenta, apressadamente, sem que eu tivesse tempo de retê-la. Contudo, um instinto me fez acreditar que era ela. Ninguém tocava a Sonata daquele modo. Só podia ser ela. Corri atrás do pequeno vulto que se perdia na escuridão da noite... Era uma noite como esta. De chuva. Chamei-a pelo nome. Ela voltou-se assombrada. Parecia uma imagem de sofrimento que eu visse surgir da penumbra do meu passado distante. Mas a mulher desandou a correr, sem que eu pudesse alcançá-la. Vaguei, até não sei que hora, sob a chuva. Nem sinal do vulto de capa cinzenta... Na noite seguinte voltei aqui. Indaguei. E soube que era a pianista do bar. Viera oferecer-se para tocar. Ganhava uma quantia ridícula. Mas me afiançaram que era honestíssima. Entrava invariàvelmente às 8 e saía às 10. Tocava tangos, valsas, e constantemente, no fim da noite, aquela música. Essa música era Beethoven... Esperei naquela noite. Não veio. Não veio também nas outras noites. Não veio mais... E eu queria pedir perdão do mal que lhe causara. Não sei como veio parar aqui. Ninguém me soube dar o seu endereço. E eu continuo à sua espera. Quando ouço a sonata, vejo-a surgir das brumas da minha imaginação exaltada, sorridente, com aquêle riso de passarinho em manhã clara de primavera. Sinto-me remoçado, e tenho desejos de viver, viver para ela, para a felicidade que só ela me pôde dar, com a ternura das suas mãos brancas, de dedos pequenos, onde brilhava o anel de noivado, humilde, que eu lhe entregára no dia da nossa grande loucura. Mas não é permanente esta ilusão. Cessada a sensação que me dá o champagne, vem-me a sensação de solitude, que me avassala, que me compunge, e que me consome as entranhas como cruel veneno. Ontem sonhei que ela voltara, e que me havia perdoado tudo... Mas o sonho se desvaneceu. E a realidade é triste. Triste como esta alma torturada pelo remorso... Podia quebrar êste disco. Podia não vir mais aqui. Não escutar mais essa melodia que me faz delirar e sofrer cruelmente. Mas quero sofrer. Tenho prazer no sofrimento que me vem da lembrança daquelas mãos de santa, daqueles sons divinizados, daquele corpo de brinquedo que ocultava um tesouro de pureza e de ternura. E fui eu quem lhe tirou a inocência, eu que lhe matei todos os sonhos, destruí tôdas as suas ilusões. Eu, que a amo. Eu... o culpado da sua infelicidade... eu que seria capaz de sacrificar a minha vida para poupar-lhe um soluço... E como fui covarde... meu Deus! Fui covarde, cínico. Canalha! Abandonei-a. Destrocei aquêle destino que me fôra confiado. Sou duplamnte desgraçado, porque o remorso me persegue... e esta música... esta música... é ela que ri de mim. Mas não é mais aquêle sorriso de passarinho em manhã clara de primavera. Ela não me perdoará, jàmais... Eu não mereço que ela me perdôe: Veja! é ela quem vem... E' ela. Vejo-a ainda como naquela tarde no teatro, mas o seu ar é diferente... Veja. Toca a Sonata. O adágio... Lento... lento... E agora cresce... vai crescendo... crescendo... como esta angústia que me sufoca... que me aniquila... me aniquila... Pára! Por Deus não toques mais... não toques... Sinto que não posso mais ouvir uma nota sequer... nenhuma... nenhuma...

E cambaleou, pesadamente, surdamente, enquanto na vitrolinha o disco surrado rodava, rodava, inconscientemente...

CORREIO DA REVISTA

Aryene Maury (Santos) — Também muito curto o seu conto. Além do mais seu português é defeituoso. Como pensar que em continuarmos êsse mos é pronome?

★

P. P. (Rio) — Seu conto "Pecado" não foi aprovado. Ocupe-se, nos contos para esta REVISTA, de temas nacionais, dentro do ambiente brasileiro.

★

Nilson dos Santos (Rio) — Aprovado o seu "A Vida Recomeça". Aconselhamos aperfeiçoar a dialogação.

★

Eugênio Morato (Belo Horizonte) — Recebemos. Aguarde.

★

Luiz G. de Carvalho (Rio) — Vamos verificar.

★

G. B. J. (Pirapitinga) — Dentro de mais alguns números, sairá o seu conto.

★

Hélcio Veiga Costa (Belo Horizonte) — Sem indicações mais precisas não podemos atender o prezado amigo.

★

O. L. (Rio) — Seu trabalho "A Mentira", emunhando-se qualifeticose de entrolhos colitude inhoriada cozimando pelos dolentios de refleculo eximio convídio em irreproever com concídios a sistematiquização do choque elisiatico reetritivo algusado descobrir-se em omiatro estudo miliando.se nos seus desconvexos abilitecarios recrustece-se na mocidade implauderrismo abrangeada... (Só traduzindo isto e mais umas 500 palavras cabalísticas...).



ZEFERINA

"A POPULARISSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATOMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS INFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753

Fone: 2-3351 - Belo Horizonte



Modêlo BALLET-ZEFERINA
À prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana. De ns. 33 a 38 - Preço: Cr$ 129,00



Modêlo WINDSOR
Distinção, nobresa e [illegible] ico, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr$ 145,00

Modêlo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilhona, havana e marron, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr$ 129,00



Modêlo NORMANDO
Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, fôrma anatômica, salto de borracha. Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr$ 165,00



Modêlo CASTELO
Ótimo para homens elegantes. Inteiriço de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 38 a 44. Preço: Cr$ 120,00

Modêlo SIDNEY
Um calçado para tôdas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiriço e fortíssimo. De ns. 38 a 44. Preço: Cr$ 100,00



E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARISSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES

O nome "ZEFERINA" é uma garantia

Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte







DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Peter A. B. Widener, o patriarca da família e a quem devem a construção de Lynnewood. O majestoso palácio dos Widener, de Filadélfia, onde as festas sociais assombram. Mr. Joseph Widener, filho de Peter, homem que se dedicou à coleção de arte e cultura

DOIS MILHÕES DE CRUZEIROS PARA APRESENTAR UMA "DEBUTANTE"!

HÁ protocolos, tradições de elegância e finuras sociais que o tumulto da vida moderna já vai esquecendo e somente de longe em longe entramos no conhecimento de tais episódios, através de reportagens com os tons das "Mil e Uma Noites".

Também as crônicas dos tempos do Segundo Reinado nos dão notícias do quanto era elegante e protocolar o desenvolvimento da família que tinha acesso à Côrte, hábitos e costumes que herdamos da Côrte portuguêsa, uma das mais finas, das mais aristocráticas e cerimoniosas da época.

Mas, não sendo a sociedade brasileira muito amiga de tradições, nem tampouco muito amante de grandes dispêndios com certas praxes aristocráticas, as festas promovidas pela sociedade dêste país não se revestem das pompas, do luxo asiático que vemos em nações como os Estados Unidos, onde essas coisas assumem proporções inacreditáveis.

Nestas páginas mostramos o que foi a apresentação da senhorita Ella Anne, filha de Mr. Widener, de Filadélfia.

Trata-se de uma espécie de "reprise" na mesma família. Em 1937, o sr. Peter A. B. Widener II deu uma festa pomposa no "Bellevue Stratford Hotel", de Filadélfia, para a apresentação à sociedade local de sua enteada, tendo gasto nada menos de 55 mil dólares, soma que fêz muita gente escandalizar-se.

Até então ninguém daquela cidade, ou de Chicago, ou de Boston, tinha levado a tão alto orçamento a introdução de uma jovem na vida social. Pois bem! Para bater o "record" também em despesas dessa natureza, Mr. Widener promoveu uma festa por motivos idênticos que consumiu nada menos de 100.000 dólares, ou seja, em nossa moeda, coisa próxima de dois milhões de cruzeiros!

Como não podia deixar de ser, as mais aristocráticas famílias de Filadélfia acorreram ao "debut" de Miss Ella Anne. Os Widener, cuja fortuna orça por muitos milhões, vieram em massa prestar homenagens à debutante na alta sociedade. Desde os mais velhos aos mais jovens, todo mundo afluiu ao imenso palácio de Linnewood, que se converteu num verdadeiro reino encantado.

Os Rockefellers, os Vanderbilts, se misturaram aos Biddle e Drexels de Filadélfia. Durante todo o dia dançou-se, bebeu-se e se comeu do bom e do melhor, ao som de uma orquestra de 50 músicos, que entusiasmou os 2.200 convidados da opulenta família Widener, gente da mais tradicional influência naquela cidade há mais de meio século.







DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Êste cidadão ao centro é Peter Widener II, filho de Joseph e neto do patriarca da família. Pequena amostra das coleções de arte da família, hoje na Galeria Nacional de Washington. Ella Anne, filha de Peter II, assombra a sociedade de Filadélfia em seu "debut" social



Mrs. P. A. B. Widener, espôsa de Peter e mãe da nova aristocrata, é cumprimentada



Senhorita Iris Smith, uma da família Vanderbilt, filha de Consuelo Vanderbilt



Sylvia Bell, filha de Samuel Bell III, foi debutante do mesmo ano de Ella Anne



Mr. A. Kents Jr., de uma família americana que fêz fortuna com a indústria de rádio



Mrs. Hamilton Lamar observa os convidados em companhia de Howard Sheney



Mrs. George Earl IV alonga o pescoço a fim de conseguir ouvir o que lhe dizem



O casal John Wanamakers. Êle é o bisneto do famoso Wanamaker de Fidadélfia



Mrs. Paul F. Warburg, antiga Muriel W. Hart, mostra algo na garganta a R. Benson



George Widener (primeiro plano), primo da estreante e proprietário de cavalos de raça



Mrs. Allan A. Ryan Jr., ex-espôsa de A. D. Duke, em companhia de George Atwell Jr.



Antonia Drexel Earle, casada com Laurence Earle, filho de um ex-governador



Alfred A. Biddle é membro de famosa família que chegou à América em 1681



Cyril Hatch serve-se de champanha. Sua ex-mulher era uma enteada dos Vanderbilts



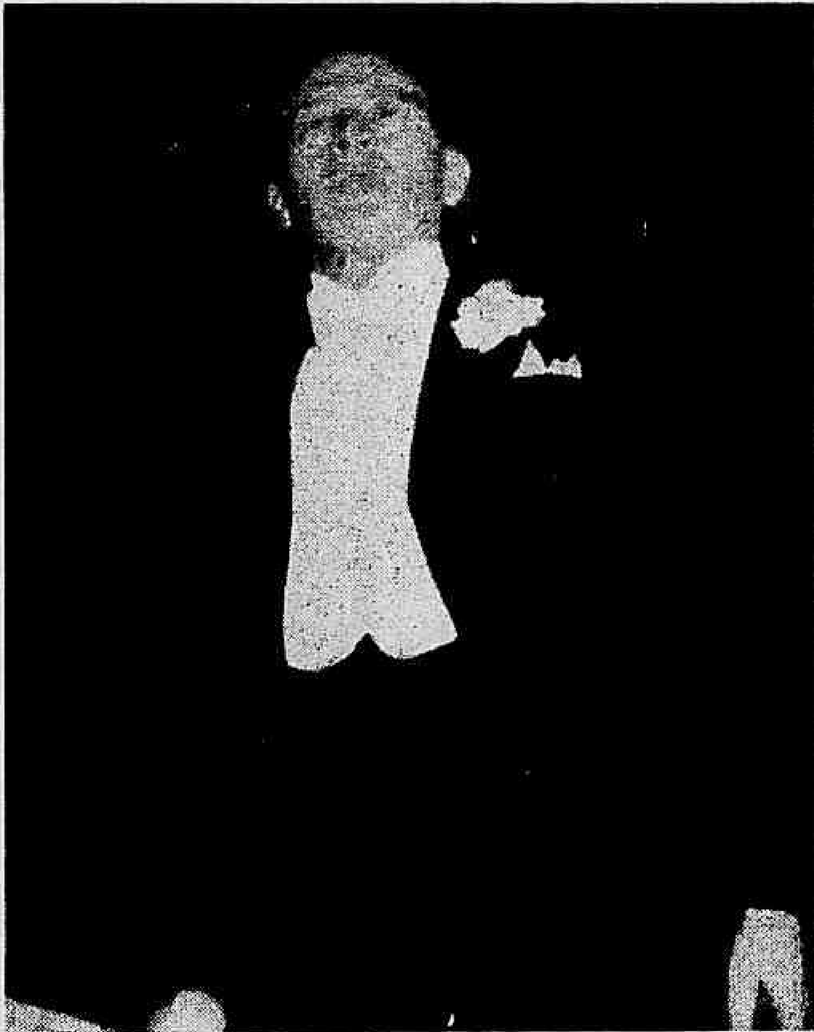
F. W. Pershing, filho do general Pershing, no baile conversa com uma linda senhorita



Samuel Chew em palestra com Mrs. Francis D. Wetherill, uma da família Wanamaker



Polly e Peggy, debutantes de N. York, filhas de Harold E. Talbotts, presentes à festa



Meyer Davis, o regente da orquestra dos festejos, e que esteve presente há dez anos atrás



EM CIMA — Flagrante do tradicional "quebra-jejum" dessas festas, quando os 2.200 convidados recebiam pratos com ovos, presuntos, etc. EM BAIXO — Hábitos muito próprios da geração moderna são êstes de gostar de sentar-se ao chão



Membros da administração do hotel onde se realizou a festa, contam as garrafas vazias de champanha





Um dos doze detectives conversa com Mrs. Wirt Thompson Jr., a quem foram confiadas jóias no valor de $3.000.000

Tapetes e Passadeiras

com flores, recebidos da

INGLATERRA



MÓVEIS E DECORAÇÕES

— orçamentos e sugestões executados por técnicos decoradores —

TAPETES E PASSADEIRAS

Francêses, Inglêses, Tchecos, Orientais, Portuguêses, Persas (legítimos) e nacionais, diretamente das fábricas





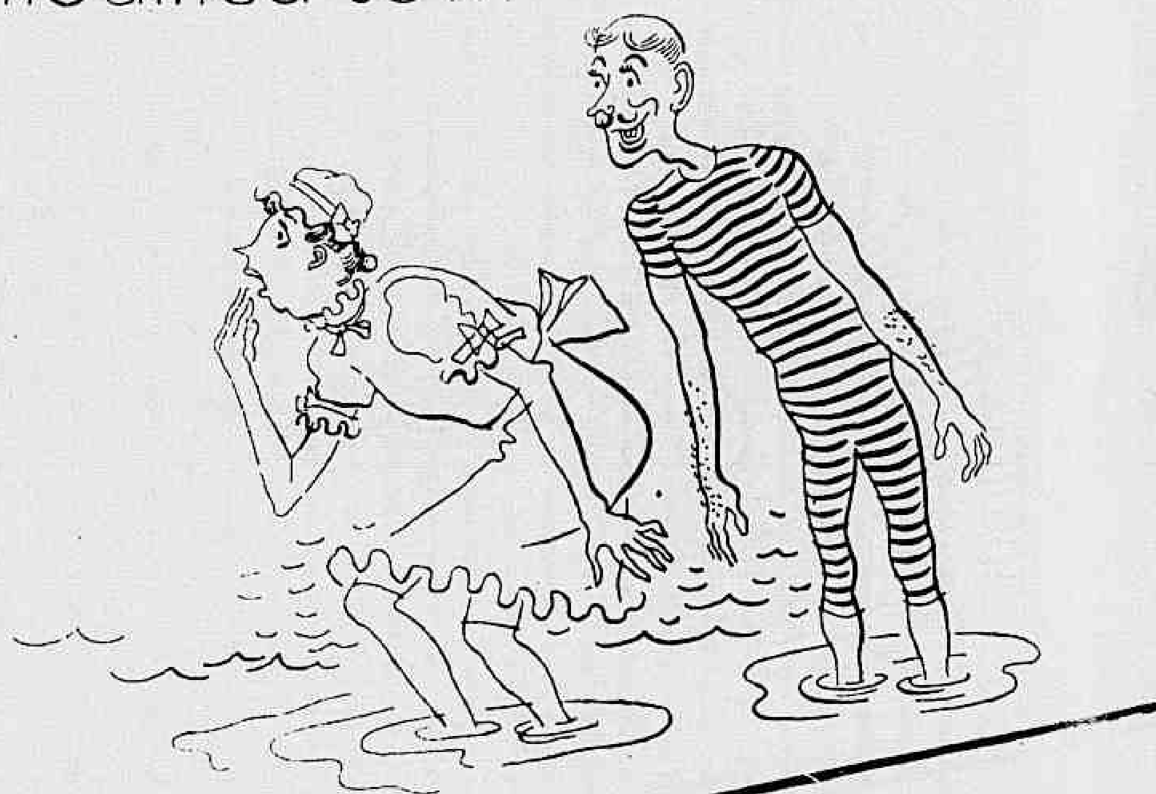


65 — Rua da CARIOCA — 67 — Rio



o estilo dos maillots

modifica-se...



...mas a preferência pelos cigarros Continental permanece

Há mais de 15 anos

Continental é o cigarro de qualidade mais vendido em todo o Brasil



Lisos ou com ponteira

Sim — o tamanho dos maillots torna-se cada vez mais reduzido... porém a popularidade dos cigarros Continental permanece inalterada. Continental é o cigarro que soube manter uniforme a sua suprema qualidade. Hoje, Continental é melhor do que nunca — e um público cada vez mais numeroso dá sua preferência a Continental — o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.

Cigarros

Continental

— uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

C 88 004